



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

IVAN DOS SANTOS MESSIAS

HIP HOP, EDUCAÇÃO E PODER:
O RAP COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

SALVADOR

2008

IVAN DOS SANTOS MESSIAS

**HIP HOP, EDUCAÇÃO E PODER:
O RAP COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Salvador

2008

IVAN DOS SANTOS MESSIAS

**HIP HOP, EDUCAÇÃO E PODER:
O RAP COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, na Faculdade de Comunicação, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fernando da Costa Conceição.

Salvador

2008

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

M585 Messias, Ivan dos Santos.
Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal /
Ivan dos Santos Messias. - 2008.
157 f. : il.

Orientador : Profº Drº Fernando da Costa Conceição.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Comunicação, Salvador, 2008.

1. Hip hop (Cultura popular jovem). 2. Educação não-formal. 3. Rap (Música) -
Aspectos sociais - Salvador (BA). 4. Música e juventude - Aspectos sociais - Salvador (BA).
5. Movimento da juventude - Brasil. I. Conceição, Fernando da Costa. II. Universidade
Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. III. Título.

CDD - 306.48

CDU - 376.6

IVAN DOS SANTOS MESSIAS

**HIP HOP, EDUCAÇÃO E PODER:
O RAP COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

Aprovada em 5 de dezembro de 2008

BANCA EXAMINADORA

Fernando da Costa Conceição – Orientador _____
Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil.
Universidade Federal da Bahia

Leonardo Vicenzo Boccia _____
Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e na Escola de Humanidades e Ciências Sociais da Jacobs University Bremen – Alemanha.
Universidade Federal da Bahia

Ana Célia da Silva _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal da Bahia; ao Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade e à Faculdade de Comunicação (FACOM) pelo suporte teórico.

Ao meu orientador, Fernando Conceição: exigiu-me disciplina, ainda mais do que tenho, acrescentou a isso leitura intensa e busca de rigor científico.

Agradeço aos meus professores, principalmente a Manoel Messias e Terezinha dos Santos, com os quais aprendi, em casa - sem traumas - noções básicas de Geografia, História, Português, Matemática, estórias de assombração e pai-nosso para dormir; a Tia Anaildes, austera, sisuda, perfeccionista, otimista, sempre crente no futuro.

Carlos Alberto Ferreira Danon – Eternamente presente, criticando, corrigindo, contemplando, orientando. Muita energia positiva inesgotável.

Eliane Boa Morte – que, de olhos fechados acreditou em mim, atirando-me ao fogo, sabendo que eu emergiria incólume e, sobretudo, mais forte; Nanci Franco – sugeriu, apontou caminhos, orientou-me, confiante. Quanta solidariedade! Mesmo de longe; Marta Leone e Cristina Pechine pelas constantes correções textuais, sugestões e orientações; Vilma Reis – forneceu-me material para a pesquisa antes mesmo de eu concorrer ao mestrado. Conversas, luz, orientação, axé.

Marlon Marcos – em cada cruzamento, ele, instrumento da comunicação, encontrava-me, trazia mensagens, abrindo perspectivas, vislumbrando horizontes historicamente fechados. Ligamo-nos nas ruas, nas intersecções de vias.

Milton Moura contribuiu minuciosamente no trabalho final de qualificação, apontando as deficiências. Se bem que, mesmo antes de eu entrar como aluno regular do mestrado, ele se disponibilizou a ler e a corrigir o projeto (ele nem lembra disso). Não o fez por causa dos desencontros.

Ana Célia Silva – podou o matagal grotesco do meu projeto. Esbanjou solidariedade, paciência, sabedoria, orientação.

Wilson Matos – Participou da minha qualificação do mestrado em 9 de maio de 2008, apontou caminhos, sugeriu, orientou, exigiu rigor acadêmico. Presença constante, mesmo de longe.

Aos professores e professoras de toda a minha trajetória estudantil, que tiveram paciência, carinho e esperança – alguns pretos, outros brancos, outros nem tanto. À energia do querer-bem de alguns alunos e alunas que, desde o início, suportaram-me chatices e sandices; à vida que me continua sendo benevolente.

Agradeço a todas e todos os que colaboraram na produção desta dissertação: Maria de Lurdes Siqueira, Negro Davi, Absolon, Teófila, Gleide, Cacau, ao grupo Sistema Nervoso Abalado, Negramone, Snoop, Lázaro, Chiba, à simplicidade e comunicação de DJ Branco “correria pura”, Ronald, Dj Joe do RBF, Jaf, Jutay, Dido, Caxixo, Jorge, Pablo, Genival, DJ Jarrão, Firmeza Total, Padre Zé Carlos, Luciano do Verbo de Malandro, Lauro Tonhá, À criançada dos Meninos da Periferia, Jorge Nós - do grupo OLP, Janice, Nego Juno, Flávio, Instituto Steve Biko, Metal, Liliam Aquino, Liu Nzumbi, Atitude Quilombola, Serge Pechine, Steve Biko, Foquiba, Fábio do Quilombo Cecília.

A Delmira, secretária do Programa Multidisciplinar respondeu aos e-mails, torceu por mim, embora pareça que não. Foi importante. Aos professores Annamaria Jatobá, Maurício Tavares, Clímaco Dias e Ricardo Lipper. Os dois primeiros deram suporte técnico a este trabalho; os demais se propuseram, de algum modo, a orientar-me, embora não tenha sido possível.

Agradeço a tudo o que minha racionalidade foi incapaz de captar para categorizar. Agradeço aos encontros “acidentais” nos caminhos em cruz. Para minha fortuna, tive significativo suporte de pessoas, - algumas conhecidas, outras não, mas todas especiais na minha trajetória estudantil anterior e simultânea a este trabalho. Agradeço a tudo e a todos que me formaram: aos amigos e igualmente aos não-amigos que, à sua maneira, fortaleceram-me as energias de perseverança, luta e estima. Este é um trabalho coletivo; resultado das ações dos que estiveram presentificados e daqueles cuja presença não foi percebida.

A arte existe para que a verdade não nos destrua.

(Nietzsche)

MESSIAS, Ivan dos Santos. Hip Hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal. Salvador, 157 f. il. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RESUMO

Esta pesquisa etnográfica intitulada *Hip Hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal* objetiva analisar as práticas educacionais do movimento Hip Hop na cidade Salvador, Bahia. Tal pesquisa adota o estudo de caso como metodologia qualitativa, a qual leva em consideração os esforços de grupos culturais para inserir a população pobre e negra na vida pública. A história da educação não-formal mostra quão diferentes são os modos de reunir pessoas em torno da arte como movimento social de educação; mostra os esforços do Hip Hop para conectar poesia, música e informação. Discursos e eventos são analisados, a fim de perseguir o problema desta pesquisa. Moradores de bairros economicamente pobres são ouvidos. Entrevistam-se participantes do referido movimento e crianças que freqüentam as aulas de música rap. Ainda como recurso metodológico, este texto descreve não só as ações pedagógicas do grupo Sistema Nervoso Abalado, estudo de caso, mas também os vários instrumentos de educação de grupos que habitam Salvador. Eles ensinam crianças e adolescentes a se manterem afastados de drogas e da criminalidade. Os argumentos de Stuart Hall são imprescindíveis para analisar a dinâmica das construções identitárias e campos ideológicos nas entranhas do movimento Hip Hop. Ademais, os estudos de Maria Glória Ghon acerca de educação e movimento social fornecem a linha teórica que conduz as reflexões sobre educação não-formal. De maneira que os resultados desta pesquisa mostram que a música rap aqui estudada de fato promove educação não-formal, produzindo não só textos, rimas e músicas, como também valores, esperança, solidariedade, auto-estima e discussão acerca dos problemas sócio-políticos do bairro, da cidade e do país.

Palavras-chave: Hip Hop. Pode. Rap. Educação não-formal

MESSIAS, Ivan dos Santos. Hip Hop, education and power: the rap as a mean of non-formal education. (Bahia, Brazil) 157 pp. ill. 2008. Master Dissertation – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ABSTRACT

This ethnographic research entitled *Hip Hop, education and power: the rap music as instrument of non-formal education* analyzes the educational practices of the Hip Hop movement in Salvador, Bahia. It adopts a case study in qualitative methodology. The participative research takes into consideration the effort of cultural groups to fit the poor and black youth in the public life. This approach of non-formal education shows how different is the way to gather people around art as social movement in education; it shows the Hip Hop efforts to connect poetry, music and information. Discourses and events are analyzed to pursue the problem of this research. People who live in economically poor neighborhoods are listened. Not only members of that movement are interviewed but children who take part in lecture of rap music as well. As methodological resources this text describes not only the pedagogic actions of the Hip Hop group Sistema Nervoso Abalado, but the various educational instruments of the Hip Hop groups that inhabit Salvador. They teach children and teenagers to keep away from drugs and criminality. The Stuart Hall's arguments are very important to analyze the dynamic of the identity constructions and ideological fields inside the Hip Hop movement. The Maria da Gloria Ghon's studies on education and social movements give the theoretical lines to conduce the thoughts about non-formal-education. So that the results from this research is that rap music in Salvador promotes non-formal education by producing not only texts, rhymes and music but values, hope, solidarity and self-esteem as well. It promotes discussions on social politic problems in the neighborhood, in the city and in the country.

Key-words: Hip Hop. Power. Rap. Non-formal education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Novos Alagados e Cabrito de Baixo.....	75
Figura 2	Convite para evento de cultura no bairro de Saramandaia.....	101
Foto 1	MC Metal e os Meninos da Periferia – Centro Cultural Plataforma– 2007.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMA	Comunicação Militância e Atitude Hip-Hop
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviços
FOQUIBA	Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia
HIP HOP	Movimente a cintura; mova-se politicamente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MC	Mestre de Cerimônia, vocalista
MNU	Movimento Negro Unificado
RAP	<i>Rhythm and Poetry</i> , ritmo e poesia; Revolução Através da Rima
SET	Superintendência de Engenharia e Tráfego
SAMPLE	Melodia conhecida, consagrada pelo gosto popular sob a voz do cantor, paródia
SNA	Sistema Nervoso Abalado
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	31
1.1. A transformação do território.....	31
1.2. Histórico do Hip Hop.....	35
1.3. Cultura Hip Hop em seus múltiplos discursos: a questão da originalidade.....	41
 CAPÍTULO II MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SALVADOR.....	 47
2.1. Revisitando a Pedagogia do Conflito.....	46
2.2. O auto-didatismo dos anos 70 e 80.....	50
2.3. Entidades do atual movimento de educação	53
2.4. Contextualização sócio-política: batalha no campo existencial.....	64
 CAPÍTULO III CONFIGURAÇÃO FÍSICO-CULTURAL DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO.....	 72
3.1. A historicidade do cotidiano	72
3.2. O grupo Sistema Nervoso Abalado.....	84
 CAPÍTULO IV CENAS DE EDUCAÇÃO NA FAVELA.....	 91
4.1. Conceituando educação não-formal.....	91
4.2. Ativismo musical e projetos de transformação.....	92
4.3. Educação lúdica e coexistência	105
 CAPÍTULO V DISCURSOS IDENTITÁRIOS NA TERRITORIALIDADE DO HIP HOP EM SALVADOR.....	 117

5.1. O avesso do avesso – a odisséia do gangsta rap.....	117
5.2. Construção de projetos políticos em meio a conflitos identitários.....	126
5.3. Micro-territórios identitários e a fragilidade das padronizações étnicas.....	131
5.4. A experiência cristã na música rap.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS.....	147
GLOSSÁRIO.....	155
ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	156

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Hip Hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal* está inserida no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa Cultura e Identidade da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia - UFBA. A pesquisa proposta parte da premissa de que o Hip Hop consiste em um movimento de educação não-formal contribuindo sobremaneira na formação crítico-cidadã de grande parte da juventude baiana.

O *Hip Hop* consiste em um movimento estético-político que incorpora dança, música (rap) basquetebol, artes plásticas, poesia, capoeira, prática política e educacional com releituras das tradições africanas do candomblé, mas também do cristianismo. Neste sentido, o objetivo geral do presente trabalho é mostrar que o movimento *Hip Hop* da cidade de Salvador contribui significativamente na formação crítica e da mobilização política de grande parte da juventude da cidade de Salvador, através da educação-não formal. Com efeito, os objetivos específicos são

- Identificar os recursos e processos utilizados pelo movimento Hip Hop, a fim de canalizar seu discurso e persuadir a juventude para a arte.
- Mostrar a importância da música rap, associada a ações educativas, na promoção de mudanças sociais na vida de crianças e jovens na periferia da cidade de Salvador.
- Descrever as ações pedagógicas de grupos de Hip Hop de Salvador, especialmente com o estudo de caso do grupo Sistema Nervoso Abalado.

Segundo Silva (1999), O *Rap*¹ é um estilo musical originado do canto falado da África ocidental, adaptado à música jamaicana da década de 1950 e influenciado pela cultura negra dos guetos americanos no período pós-guerra. As letras das canções de *Rap* são denúncias da exclusão social e cultural, violência policial e discriminação racial; constituindo-se de longas descrições do dia-a-dia de jovens que vivem nas periferias de centros urbanos.

Este estudo dispensa a abordagem técnica e instrumental das composições musicais e se atém, especialmente, aos trâmites sócio-culturais da musicalidade rap. Existem importantes pesquisas acerca do Hip Hop, considerando-o movimento pedagógico-humanitário,

¹ Rap : Rhythm and poetry – ritmo e poesia. 2. Rap – Revolução Através da Poesia

descrevendo-o repleto de unidade; exemplo disso é a coletânea de artigos intitulada *Rap e educação, rap é educação: Hip Hop movimento negro-juvenil* cuja organizadora é Elaine Nunes Andrade (1999). Herschmann (2000) o considera um movimento artístico, agregador e identitário no Rio de Janeiro. Há também a importante dissertação de mestrado de Aldenora Cristina Costa Lima (2006) pela Universidade Federal da Bahia. Esse texto serviu como referência para melhor compreensão da realidade na qual se debruça o Hip Hop soteropolitano. A referida dissertação discute a noção de movimento; faz-referência aos grupos e pessoas envolvidas com o ambiente cultural Hip Hop; descreve conflitos entre música, politização e comercialização da música rap. Ademais, introduz a discussão de conflitos étnicos relacionados à cor da pele. A nada disso este estudo se contrapõe; amalgamam-se aqui as abordagens identitárias, como também de socialização. Porém, a inovação apresentada neste momento se configura na descrição-interpretativa das assimetrias internas: diferentes linguagens e estratégias dos corpos político-culturais nas entranhas do *Hip Hop* em Salvador.

A relevância deste estudo (a justificativa) reside em sua possibilidade de ser instrumento teórico e suporte na análise de questões clássicas pertinentes à cultura, à política, à organização social, tanto na academia quanto nas demais instâncias sociais. Com efeito, instituições da sociedade civil poderão imbuir-se desta pesquisa; ampliar noções interpretativas; erigir respostas a questões contemporâneas no âmbito da cultura. Ademais, este estudo visa a potencializar, de maneira discursiva e prática, os diversos protagonistas interessados em maior participação política nas esferas da sociedade brasileira.

A pressuposição do senso comum de que o Hip Hop estimula a criminalidade e o uso de drogas despertou-me a curiosidade para investigá-lo cientificamente. Então, interessei-me por ouvir música e contatar pessoas desse ambiente cultural. Simultaneamente, desde a década de 90, o interesse por estudos sobre cultura e sociedade adveio-me tanto como estudante de graduação em Letras Vernáculas quanto na participação em movimentos sociais. Interessavam-me os debates acerca da experiência soteropolitana repleta de conflitos raciais, econômicos, culturais. Nas assembleias de trabalhadores, palestras, sala de aula e meios de comunicação eram cotidianas as explicações para os conflitos sociais utilizando a causalidade economicista na compreensão de problemas oriundos das relações trabalhistas, raciais e culturais – argumentos que negligenciavam a importância da cultura como relevante fonte causal. Tais explanações sob tradição marxista extraíam conclusões parciais da realidade,

deixando, todavia, que aspectos como identidades, cotidiano, re-apropriação e inventividade escapassem à análise dos fatos.

O termo educação não-formal insere em seu campo semântico a noção de formação política não necessariamente partidária ou institucional. É desse modo que se caracteriza grande parte do movimento Hip Hop soteropolitano, assim como o grupo escolhido para *estudo de caso* cujas características são o voluntarismo e a solidariedade humanista, em vez de solidariedade político-partidária. A prática do Sistema Nervoso Abalado (estudo de caso), não se volta à tomada de poder político nem à participação direta em instituições que tenham este objetivo. A atuação desse grupo cultural é mais volunária que orgânico-institucional.

Ainda nesta etapa introdutória, é apresentado o modelo de pesquisa metodológica de cunho etnográfico que faz recorte a partir de um campo micro-social, caracterizando o ambiente cultural, mediante os relatos dos seus membros. Uma pesquisa etnográfica se propõe a anotar e atar o discurso social de pessoas específicas ao contexto macro-social. Para tanto, é imprescindível conduzir o estudo ao cerne do que se pretende interpretar. Em seguida, auferem-se elementos específicos, concretos e cotidianos em direção ao panorama da cidade, do Estado, enfim, da cultura. Importa sublinhar que o problema metodológico não se esgota na descrição ou observação minuciosa; mas estende-se, sobremaneira, à compreensão do significado e ações internas - componentes do sistema complexo denominados cultura. Segundo Geertz (1989, p.24), *a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente aos acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou aos processos; ela é um contexto*. De sorte que o micro-contexto a ser estudado como *estudo de caso* será a experiência musical e pedagógica do grupo de rap Sistema Nervoso Abalado, residente nos bairros de São Bartolomeu (Cabrito) e Novos Alagados, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. O grupo foi escolhido porque desenvolve atividades lúdicas com produção de textos e música rap. Ademais, realiza eventos (debates, seminários, passeatas) enfocando a cidadania e a solidariedade; empreende esforços para reconstruir politicamente o território em que habitam. Por reunir tais características, o grupo compõe parte do campo de pesquisa e fornece trilhas para desvendar a hipótese deste estudo. Os bairros de Novos Alagados e Cabrito (São Bartolomeu) foram escolhidos porque os integrantes do grupo SNA habitam tais localidades. Por isso, dar-se-á um recorte mais aproximado ao objeto; o que implica maior fidedignidade na análise dos dados empíricos durante a pesquisa de campo.

A presente dissertação de mestrado é composta de 5 capítulos. O capítulo I, *Contextualização do problema*, destaca o contexto político e cultural que circunda o problema da pesquisa. As pessoas entrevistadas, o bairro, as atividades sociais, o movimento Hip Hop, o território, a cidade de Salvador - tudo está interligado. Os mundos micro e macro se interseccionam na complexa rede que é a história. Artistas, representantes de grupos políticos e acontecimentos participam direta e indiretamente do Hip Hop como instrumento de educação não-formal.

Movimentos de educação popular em Salvador, título do capítulo II, ressalta o papel político dos movimentos sociais no âmbito da educação não-formal em Salvador que entram em cena, a partir da década de 70, a fim de implementar ações de formação crítica visando à inserção da juventude negro-mestiça na vida pública na sociedade brasileira. Este capítulo tenciona mostrar o “pano de fundo”, o alicerce no qual se assenta a juventude Hip Hop de Salvador. Para tanto, faz-se necessário aludir às entidades que contribuíram significativamente na formação da juventude Hip Hop, a qual circula no interior ou nos flancos destas entidades. Evidente que inexistente a pretensão epistemológica de abarcar todo histórico de educação não-formal antecedente ao movimento Hip Hop em Salvador. Por isso, destacam-se especialmente a história da educação diretamente ligada ao Hip Hop. Isso sem ignorar a *causalidade esquecida*, ou seja, o reconhecimento de que pode haver fatos importantes que ficaram de fora desta e de outras apreensões históricas. A história se revela genuinamente, sem teorias prévias. O capítulo II se incumbe ainda de relatar o histórico do movimento de educação não-formal na cidade de Salvador. Indivíduos e entidades erguem outra narrativa do oprimido, numa perspectiva étnica, “racial”. Ou seja, movimentos de educação interpretam as relações sociais também como relações étnicas em vez de exclusivamente econômico-classistas. Por isso, estabelece-se uma interlocução teórica com a pedagogia crítica de Paulo Freire e Moacir Gaddotti, os quais refletem acerca da pedagogia do oprimido e dos modos de pensar a realidade a partir da crítica classista.

Sucedo, no capítulo III (*Configuração físico-cultural do Subúrbio Ferroviário*), a sondagem da natureza físico-cultural do Subúrbio Ferroviário, especialmente, dos bairros de Novos Alagados e Cabrito de Baixo (São Bartolomeu) dos quais emerge o grupo Sistema Nervoso Abalado - o estudo de caso desta pesquisa. Nesse ciclo interpretativo, inscreve-se aquilo que epistemológica e ideologicamente tem sido “esquecido” na constituição da história: os sentimentos, o amor, os instintos, o paladar. É descrita a “alma da população”: as características volitivas, costumes, crenças, alimentação, ambições, modo de vida, e também a

vegetação, a hidrografia. Tal procedimento não objetiva investigar valores, senão mostrar como os valores produzem intervenções políticas. Seguramente, o livro *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau (1994), é fundamental para exumar as nuances da vida ordinária que produz história. Ou seja, *o pobre resiste ao sistema sem saber que está resistindo*². Tais minúncias estiveram ausentes na tradicional metodologia para desvelar mais acuradamente o objeto de análise. As referidas apreensões haverão de atar-se aos aspectos conjunturais: macro-social, político, étnico, histórico e econômico. As condições econômicas serão abordadas enquanto peça componente da totalidade social, em vez de ser a centralidade regente das relações políticas e culturais. Afinal, a história recusa submeter seus atores em estruturas fixas e sedimentadas. Essa análise visa obter resultados aproximativos à totalidade do lugar, dada a impossibilidade, enquanto lei científica, de esgotar a natureza do objeto em estudo, já que a vida transborda o conceito. A pesquisa caracteriza culturalmente o território no qual se insere o estudo de caso, por isso configura-se por seu caráter etnográfico. Primeiro tal análise se impõe pela descrição e interpretação-crítica dos hábitos, crenças, visão de mundo e valores do grupo de rap Sistema Nervoso Abalado.

No capítulo IV, *Cenas de educação na favela*, foram escolhidos três grupos de Hip Hop: *Júri Racional*, *Conceito Negro* e *Opanijé*. O intuito de tal escolha é a tentativa de solucionar o problema da pesquisa: *o rap como instrumento de educação*. Isso em função de suas letras sócio-políticas que contribuem para a formação identitária do público ouvinte-participante do referido movimento. Ademais, a produção identitária é acompanhada de conselhos subliminares, apologia ao respeito, à organização, ao conhecimento e à mobilização política. Afinal, a educação não-formal começa fora da sala de aula e o discurso é seu principal veículo. As canções escolhidas exumem questões epistemológicas esquecidas do cenário escolar tradicional. Tratam de civilizações e mártires esquecidos. Ademais, as produções artísticas se constroem por apregoar mudança de mentalidade e atitude frente à história tradicional dos livros e da sociedade. Segundo Gilroy (2000),

o movimento contemporâneo das artes negras no cinema, nas artes visuais e no teatro, bem como na música, criou uma nova topografia de lealdade e identidade na qual as estruturas e pressupostos de estado-nação têm sido deixados para trás, porque são vistos como ultrapassados.

² Frase proferida pelo professor Clímaco Dias durante o **Colóquio Milton Santos** realizado no auditório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, no dia 23-11-2007. Nesta frase, o professor fez referência ao pensamento de Milton Santos.

Por fim, a tônica da análise final é a prática pedagógica do grupo de Hip Hop Sistema Nervoso Abalado, pois são produtores de utopias e projetos sociais. Este capítulo mostra os eventos de que o grupo Sistema Nervoso Abalado participou, sua relação com o movimento Hip Hop em Salvador; relatam-se as impressões que emitem os moradores do bairro de São Bartolomeu (Cabrito) e Novos Alagados através de seus depoimentos filmados e gravados em áudio. Posteriormente, efetivar-se-á análise de entrevistas com moradores do bairro Boiadeiro/Cabrito de Baixo e com os integrantes do grupo Sistema Nervoso Abalado; análise dos depoimentos de crianças que participam das aulas de MCs (mestres de cerimônia). Aqui é captada a espontaneidade do dia-a-dia imbuída de história conforme já advertiram Foucault e Michel de Certeau. O primeiro tratando da noção de poder genealógico, o segundo faz alusão às táticas e arranjos populares na transformação do cotidiano. O suporte teórico na progressão de tais análises são duas publicações de Maria da Glória Gohn: 1) *Educação não-formal e cultura política* (2005); 2) *O protagonismo da sociedade civil* (2005). Ambas oferecem amostras de quanto os valores e atitudes são determinantes no funcionamento das relações culturais e políticas.

Mediante observação participante, descrever-se-ão criticamente o ambiente físico, os comportamentos, os exercícios de força (conflitos), as ações educativas: reuniões, aulas, eventos. Foram realizadas entrevistas com moradores da comunidade, a fim de saber a dimensão e a importância do trabalho de formação crítica do Sistema Nervoso Abalado; estão transcritas as letras de música (rap) desse grupo, as quais serão acuradamente analisadas. Das letras de música, serão auferidos elementos que sinalizam ao público estudantil o distanciamento do tráfico de drogas, a necessidade participação política na comunidade e fora dela; a prática da solidariedade e a relevância da luta por direitos. Foram realizadas visitas à escola Ivone Vieira Lima, em Novos Alagados, onde as aulas de música e poesia são realizadas; visita a bares, onde os ensaios e discussões ocorriam. Existem depoimentos (filmagens) de integrantes diretos e indiretos do movimento Hip Hop soteropolitano.

O capítulo V, denominado *Discursos identitários na territorialidade do Hip Hop em Salvador*, apropria-se de conceitos que hão de fundamentar o posicionamento teórico aplicado ao cotidiano das expressões identitárias no interior do movimento Hip Hop da cidade de Salvador. Esse capítulo empenha-se em identificar os discursos identitários conflitantes na territorialidade do *Hip Hop*, expondo a heterogeneidade de que é constituída a cena dos

segmentos constitutivos desse movimento. O segmento do movimento Hip Hop mais atuante politicamente em Salvador integra o movimento negro, seja MNU, Atitude Quilombola, Campanha Reaja ou Será Morto, grupos estudantis Nenu, entidades de bairro. Todos próximos aos trâmites político-partidários de vereadores, deputados e do movimento social de esquerda. Muitos são oriundos do movimento punk. Exatamente por isso, importa fazer alusão ao âmbito político-identitário de que fazem parte esses integrantes.

A singularidade desta pesquisa reside na abordagem referente às heterogeneidades em dissensão nas entranhas do movimento *Hip Hop* soteropolitano. Para discutir as expressões identitárias no território do Hip Hop é imprescindível recorrer às postulações teóricas de Stuart Hall (2003) acerca de identidade como alternância “descentrada”, sem-fixidez, que desliza itinerante e negocia mediante o “jogo de identidades”, volatilizando-se segundo as demandas políticas. Enfim, o dissenso é condição precípua ao exercício democrático. Portanto, identidade como *raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica* (HALL: 2003, p. 63). Tal constatação antropológica e cientificamente fundamentada não faz cessar conflitos erigidos nas diferenças humanas. De modo que as reivindicações por reparações sociais de quaisquer minorias políticas originam-se contrárias aos discursos e práticas conservadores, tradicionais, excludentes.

Importa também utilizar a noção de *campo* adotada por Bourdieu (2001), a fim de caracterizar as ações de indivíduos e grupos políticos em diferentes setores, disputando espaços de poder nas mais variadas instâncias, dentro e fora de seu território identitário. Por isso, importa evidenciar suas diversas formas de expressões identitárias.

A expressão *território*, conforme concebe Milton Santos (2001), difere de ambientação físico-geográfica, mas se reporta à natureza cultural, constituída ora por similaridade das crenças e práticas, ora por distinção dos interesses e perspectivas. A expressão “*Hip Hop*” não abarca a noção de coesão ideológica, por isso, é imprescindível evidenciar quão tênues são as fronteiras nocionais do que se considera *movimento Hip Hop*.

Os registros de natureza reflexiva referem-se a questões teórico-metodológicas visando à compreensão da realidade empírica. Surgirão, no decorrer da pesquisa, registros que necessitarão de esclarecimentos ou elaboração de questões descritivo-estruturais, visto que o

referencial teórico-metodológico a ser aplicado pode não dar conta da complexidade exumada pela densidade do real.

Instrumentos teóricos e práticos da pesquisa

Parte das atividades de campo foi desenvolvida durante o período de março de 2007 a junho de 2008. Antes disso, porém, o contato com a comunidade do Cabrito e Boiadeiro já havia ocorrido desde 1990 mediante participação em eventos culturais, partidas de futebol, aulas de Língua Portuguesa, eventos de Hip Hop promovidos pelos grupos da região.

Foram submetidos à análise os depoimentos dos integrantes do grupo Sistema Nervoso Abalado, o depoimento de crianças e de moradores dos bairros em estudo, o discurso de participantes e não-participantes do movimento Hip Hop. A triagem se deu em função da materialidade dos sentimentos, felicidade, frustrações e perspectivas das pessoas que concederam informações. Foram entrevistados sete moradores dos bairros (Cabrito e Boiadeiro), sete alunos das aulas de música rap, três integrantes do movimento Hip Hop. Somente duas entrevistas de *moradores* foram inseridas no texto, as demais estão em cd e foram entregues ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. A inserção de duas entrevistas apenas se deu por duas razões: a primeira por causa da grande quantidade de coleta; a segunda em função da necessidade de seleção e síntese desta dissertação. A entrevista com os moradores visava saber se conheciam algum grupo de Hip Hop no bairro. Se conhecessem, pedia-se-lhes que falassem das atividades desenvolvidas pelo grupo, se é que havia. Além disso, oito estudantes do curso de música rap falaram sobre tal experiência, a fim de ratificar empiricamente os relatos instantâneos dos habitantes. A intenção da entrevista com integrantes do movimento foi obter visão mais ampla do movimento e como os integrantes percebem as relações na ambientação do Hip Hop soteropolitano. Foram entrevistadas pessoas para falarem de educação e sexismo; educação, Hip Hop e participação política, Hip Hop e projetos sociais - uma pessoa para cada tema, todas elas ligadas ao movimento Hip Hop.

A pesquisa de campo foi melhor desenvolvida graças aos instrumentos teóricos (*disciplinas cursadas*) e às *atividades realizadas*. Cada etapa foi relevante para o desenvolvimento da dissertação e desenrolar do problema antevisto. Eis o relatório dos procedimentos necessários

para a consecução da pesquisa de campo:

A) Disciplinas cursadas

A fim de sedimentar pressupostos teóricos no campo da cultura, foram cursadas, no primeiro semestre de 2007, três disciplinas imprescindíveis ao cumprimento dos créditos: Teoria da Cultura I, Seminários Temáticos, Cultura e Sociedade na Bahia; ao passo que no segundo semestre – Teoria da Cultura II, Metodologia da Pesquisa em Cultura e Estudos Culturais. *Teoria da Cultura I* foi a mais complexa das disciplinas devido à densidade dos teóricos da cultura, além da abordagem sociológica e filosófica de autores como Durkheim, Weber, Freud, Simmel e importantes outros teóricos da cultura. Fez-se um histórico da teoria da cultura, de modo que essa bibliografia foi importante esteio teórico para a edificação da pesquisa. Em *Seminários Temáticos*, cada mestrando expôs seu projeto de pesquisa - momento importante para desenvolver maturidade e confiança, percebendo os equívocos na elaboração do projeto avançado; mestrandos e professores (Paulo Miguez e Lindinalva Rubim) - contribuíam com críticas, sugestões bibliográficas. Seminários Temáticos desempenhou papel fundamental no amadurecimento da consciência acadêmica. Na disciplina *Cultura e Sociedade na Bahia*, ministrada pelo professor Fernando Conceição, liam-se integralmente os livros, e não capítulos apenas; foram leituras intensas de autores clássicos, a exemplo de Kátia Matoso, Pierre Verger, Thales de Azevedo, Weber, visando ao entendimento da formação cultural e econômica da Bahia e seu vínculo político-administrativo com o Brasil. Eram feitos seminários e provas orais em todas as aulas, além das aulas expositivas do professor; discussões bem humoradas, densas, minuciosas aliadas a alto grau de exigência no cumprimento das atividades.

No segundo semestre, a disciplina *Teoria da Cultura II* inovou, trazendo uma variedade de professores para ministrar aulas sobre textos de autores como Foucault, Bourdieu, Gramsci, Certeau, Hall, Canclini, Barbero. Conhecer diversas posturas didáticas, temperamentos e humores dos(as) professores(as) foi relevante para o resultado que se alcançou: forma variada de apreender o conteúdo, considerando a singularidade e a diversidade de cada professor(a). Tal metodologia foi importante para o conhecimento variado acerca dos conceitos de hegemonia, cultura, metodologia epistemológica, cultura popular, teoria da recepção, cotidiano, história, verdade e poder. Com *Metodologia da Pesquisa em Cultura* (ministrada pelos professores Ana Maria Jatobá e Maurício Tavares) foi possível saber onde o projeto de

pesquisa carecia de aprimoramento formal visando à excelência; críticas intestinais e minuciosas foram feitas com bastante humor, mas sobretudo profissionalismo e sinceridade. A leitura de publicações de Miriam Goldenberg e Denys Cauche seguida de discussão e apresentação dos projetos original e ampliado sedimentaram a noção de método e rigor epistemológicos. Nesta etapa, pude avaliar meu desempenho, o nível de escrita, as fragilidades na forma e na abordagem da dissertação; a disciplina funcionou como prelúdio psicológico e técnico para o exame de qualificação e, seguramente, para o exame final (defesa da dissertação), de modo que obtive mais segurança para o exame de qualificação.

Estudos Culturais, ministrada pela profesora doutora Florentina Souza, foi relevante para melhor entender conceitos de Stuart Hall, Muniz Sodré, Milton Santos, nos quais tenho fundamentado as argumentações e reflexões teóricas. Sem contar que os seminários e os acirrados debates em torno dos autores e da realidade étnica brasileira contribuíram para a transformação ou consagração de pensamentos desenvolvidos no projeto original.

Em todas as disciplinas cursadas prevaleceu o debate aberto, dotado de questionamento, exposições de pontos de vista teóricos e pessoais. O conteúdo estudado durante o ano de 2007 tem sido imprescindível na sedimentação discursiva da pesquisa, uma vez que há estreito liame entre noções teóricas a serem refletidas e o objeto sobre o quais se pretende analisar.

B) Atividades realizadas

- Gravação de vídeos e áudio com moradores dos bairros pesquisados, com integrantes do movimento Hip Hop e com as crianças participantes das aulas de música rap;
- Entrevista de pessoas que estão na base, são a célula do movimento Hip Hop;
- Presença no show dos Racionais MCs na antiga Codeba, em Águas de Menino; presença no Show de MVBill na Praça Municipal;
- Participação em eventos Hip Hop: Pituacu, Vasco da Gama, Cabula, Plataforma, Pelourinho, AV. Carlos Gomes, Praça Piedade, Concha Acústica, Praça Municipal e Universidade Católica (Joana Angélica);
- Apresentação Oral na Conferência Internacional *A Reparação e a Descolonização do Conhecimento*, promovido pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade

Federal da Bahia; realizada na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia – UFBA, (25, 26, 27 de maio de 2007);

- Palestra: Conferencista no “Primeiro Seminário de Hip Hop do bairro Boiadeiro”. Tema: Discursos identitários na territorialidade do Hip Hop em Salvador, (26 de maio de 2007);
- Publicação do artigo *Discursos Identitários na territorialidade do Hip Hop em Salvador*. Realização: Grupo Atitude Quilombola. Apoio: FAPESB, CEPAlA, UNEB, SEMUR, CEN, UFBA, (27 de maio 2007);
- Organizador da Conferência Internacional: de Reparação e a Descolonização do Conhecimento, realizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Realização: Grupo Atitude Quilombola, (Maio 2007);
- Curso sobre Cultura e Sociedade, na Semana Social Arquidiocesana. Realização: Ação Social Diocesana (ASA), (27 a 31 de agosto 2007);
- Elaboração e coordenação do projeto de intervenção social denominado *As raízes negras do Hip Hop e do Samba de Roda*. Proponente Grupo Hermes de Cultura e Promoção Social, projeto inscrito no Fundo de Cultura do Estado da Bahia, (Outubro 2007);
- Apresentação Oral no Colóquio Milton Santos Tema: *Hip Hop e re-configuração do território*; realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. (23-11-2007);
- Participação no Grupo Permanecer Milton Santos no programa Multidisciplinar de pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal Bahia - UFBA – Faculdade de Comunicação da UFBA. Coordenador – Coordenado pelo Prof. Doutor Fernando Conceição;
- Produção da Gramática do Fórum de Quilombos Educacionais (FOQUIBA) com apoio da CESE; desenvolvimento de material didático ou instrucional, visando atender 1.000 (um mil) estudantes de baixa renda em Salvador, (Fevereiro-2008).
- Elaboração do Projeto de Fortalecimento dos Quilombos Educacionais de Salvador, destinado Apoio: CESE, (Julho 2007);
- Aulas de Redação e Gramática no Instituto Steve Biko, (2007 -2008);
- Organização do Segundo Festival de Hip Hop do bairro do Boiadeiro, Plataforma, (Novembro, 2007);
- Realização de entrevistas, filmagens e bate-papo com integrantes do movimento Hip

Hop; com as comunidades do Cabrito de Baixo, Boiadeiro, e com as crianças das aulas de rap, (março 2007 a maio 2008).

Em momentos diversos, este texto dissertativo-argumentativo há de tornar-se denso. A fonte bibliográfica, mais que o mestrando, tem grande responsabilidade nisso. Entretanto, sem se aborrecerem, leitoras e leitores devem empenhar-se para compreender os autores, mesmo quando calouros. Afinal, instrução e rigor acadêmico é o que se pede aos mestrandos. E isso deve estender-se aos leitores repletos de curiosidade. A curiosidade é relevante pré-requisito do conhecimento e pesquisa. Igualmente, o zelo com as palavras é ingrediente para a excelência tão ambicionada por ambos: pesquisador e leitor.

Aspectos teórico-metodológicos: a descrição interpretativa.

O estudo da ação em contexto organizacional é sempre um estudo interpretativo de uma ação interpretada pelos atores. Neste modelo investigativo, o pesquisador dificilmente se porta instrumentalmente perante os objetos do conhecimento. Este trabalho adota a orientação interpretativo-crítico, caracterizada por cruzamentos inter-paradigmáticos, do ponto de vista epistemológico.

Mediante pesquisa participativa, de caráter etnográfico pelo caminho da ciência, fornecer-se-ão explicações para o problema central: o Hip Hop como instrumento de educação não-formal. Emergem, daí, perguntas para auferir aquilo que se pretende entender:

- O Hip Hop da cidade de Salvador consiste em instrumento de educação?
- As letras de música rap fomentam ações de socialização e postura crítica ante o mundo?
- O trabalho do Grupo Sistema Nervoso Abalado (estudo de caso) se constitui em instrumento de educação para as crianças e jovens do Bairro de Novos Alagados (Boiadeiro)?

Nesse sentido a ciência toma o Hip Hop como um problema a ser interpretado em sua aparição, dispensando regras metodológicas prévias. Sarmiento (1998), sintetizando definições de Merriam, afirma que o estudo de caso pode definir-se como exame específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição, ou um grupo

social. Conforme Sarmiento

o primeiro pressuposto epistemológico do interpretativismo postula que não pode haver uma ciência das dinâmicas da ação em contexto escolar que não seja uma ciência das singularidades, das diferenças, das infinitas variações dentro de um campo de possibilidades, da emergência do inesperado, do fluido e do ambíguo. Isto vale por dizer que a análise organizacional da ação coletiva é uma ciência que renuncia à lei universal, distancia-se da preocupação exclusiva com as regularidades e recusa uma orientação normativa, em nome de fatores geradores do idiossincrático, do específico, das manifestações plurais da realização da ação educativa (p. 145).

O cotidiano escolar não-formal, as relações de poder, os acontecimentos, o cotidiano no subúrbio, as entrevistas não de revelar-se nos símbolos do cotidiano, sem trazer regras prévias para compreendê-los. Os fatos têm natureza complexa, constituídos por paradigmas tradicionais, mas que se historicizam a cada instante como processo. Por isso, a etnografia, a descrição interpretativa é a metodologia aqui utilizada para compreensão do objeto em estudo. *Se você quiser compreender o que é ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as teorias ou as suas descobertas* (GEERTZ, 1998). O que caracteriza a etnografia é a abertura para o outro, a busca de significados. Tal atitude exige, antes de mais nada, a suspensão das categorias operantes no pensamento constituído. Por conseguinte, este estudo revela aquilo que aparece a cada instante histórico. Por isso está isento de perspectiva racialista, materialista-histórica, positivista, ou liberal. Importa interpretar aquilo que se evidencia pela fala dos sujeitos, pelas ações individuais ou coletivas, pelos fatos sociais, pela inconstância, des-regulação e contradição dos acontecimentos.

Conforme Thompson (1998), sabe-se que quaisquer investigações científicas são delineadas por paradigmas universalmente reconhecidos que durante certo tempo proporcionam modelos de problemas e soluções a uma comunidade científica. Tais paradigmas baseiam-se em concepções relativamente estabilizadas sobre o sujeito, o objeto e as relações entre sujeito e objeto e as relações entre sujeito e objeto do conhecimento. Na investigação social, – segundo Thompson (1998) - o objeto de nossas investigações é, ele mesmo, um território pré-interpretado. O mundo social não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado; ele é também um campo-sujeito que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas cotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e os outros. Os processos de compreensão e interpretação - continua Thompson - devem ser vistos, pois, não como uma dimensão metodológica que exclua radicalmente uma

análise formal ou objetiva, mas antes como uma dimensão que é ao mesmo tempo complementar e indispensável a eles.

As proezas da cotidianidade

Uma contextualização histórica deve constar elementos do cotidiano: frustrações, labor, solidariedade, ciúme, espiritualidade - aquilo que leva os indivíduos a imergirem em entidades e organizações, realizando a micro e macro-história simultaneamente. Essa abordagem genealógica evita contextualização abstrata, distante, sem cotidiano. O leitor há de convir que os fatos também são constituídos de elementos intestinais e nuances. Por isso, é relevante que o amor, o ódio, a calúnia, o mau humor sejam aqui relacionados, uma vez que são elementos constitutivos da história. Quantas rebeliões não foram previamente desmontadas em função do ciúme, do egoísmo, da inveja, do amor, da vaidade e ódio dos delatores ou participantes de ações subversivas? Para Foucault (1998), a genealogia como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo. A genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda, ela se opõe ao desdobramento meta-histórico das significações ideais. Há repetições ingênuas ou acintosas de fórmulas interpretativas do cotidiano de lutas. Portanto, a forma como se apreende a realidade carece de modo interpretativo mais integral, não-maniqueísta, levando em consideração a cotidianidade, a genealogia³, os interstícios entre a coerção estandardizada e a reação da “práxis”.

Segundo Geertz (1998), o antropólogo aborda caracteristicamente tais interpretações mais amplas e muito extensivos de assuntos. Ele confronta as mesmas grandes realidades que os outros - historiadores, economistas, cientistas políticos, sociólogos – enfrentam em conjunturas mais decisivas: Poder, Mudança, Fé, Opressão, Trabalho, Paixão, Autoridade, Beleza, Violência, Amor, Prestígio. A realidade deve ser pensada integralmente. Constituída de forças que não se superpoem, mas se interligam. Geografia, Economia, cultura tudo compondo um bloco. Para Geertz, nada disso é uma questão de método, no qual a opinião dos livros-textos, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever

³. Estudo das “origens” históricas, considerando os aspectos morais, culturais, da linguagem e sentimentos, da corporalidade, hábitos e costumes; um estudo holístico em vez de parcial e delimitado. Ver Foucault, *Microfísica do poder*. No capítulo “Nietzsche a genealogia e a história.”

textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não apenas essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. Impassibilidade, distanciamento e anulação da consciência perante o objeto são instrumentos imaginários inatingíveis; são “como uma ciência experimental em busca de leis” (GEERTZ, 1998, 15). As etnografias não têm um caráter descritivo apenas. O que se deve perguntar é o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através de sua agência.

Mesmo o recorte e a especificação tornam ausentes fenômenos que, em função da escolha, foram ausentados e explicariam melhor aquilo que emergiu na seleção do material. O recorte visando objetividade tanto negligencia como sonega traços relevantes à realidade que se entrelaçam e se posicionam além fronteira. Na medida em que o objeto é desvelado, concomitante é oculto e silenciado. A questão aqui não se trata de silenciamento apenas, senão de implicações epistemológicas nas entranhas do silenciamento: defasagem discursiva, temporal, espacial. Os aspectos desnecessários podem influir decisivamente nos necessários – embora não sejam apreendidos pelo sujeito como dados relevantes.

Os seres são partes da história não apenas observadores ou espectadores dela. Assim a hermenêutica está certa ao enfatizar o fato de que os seres humanos estão sempre inseridos na tradição histórica. Conforme Thompson (1998), explanação e interpretação não devem ser vistas como o são muitas vezes, como termos mutuamente exclusivos ou radicalmente antitéticos; antes, podem ser tratados como momentos complementares dentro de uma teoria compreensivo-interpretativa. Todas as disciplinas, em qualquer campo de investigação, sejam elas nas ciências sociais ou naturais, seja a astrologia ou astronomia, levantam problemas de compreensão e interpretação.

Pensando nisso é que o ouvir deve ser principal elemento da entrevista, introduzida por um bate-papo, informal, aparentemente desprezioso, e só depois o assunto vai fluindo e, a partir disso, questões pertinentes ao problema da pesquisa foram sendo emitidas. Uma entrevista em pesquisa qualitativa deve compreender as contradições e heterogeneidades sem esboçar de determinismos psicológicos ou sociais. Por isso a entrevista compreensiva não tem estrutura rígida, o que não significa negligenciar princípios de objetividade da pesquisa. O entrevistado não foi posto em interrogatório permanente, mas foi empreendida uma postura de escuta tanto do silêncio quanto da voz reticente. Tudo feito com esforço para não comprometer a objetividade, ou para assegurar a subjetividade vigiada.

As entrevistas tiveram por finalidade os seguintes aspectos:

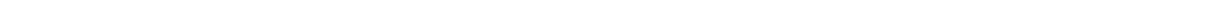
- Identificar o modo como fazem os atores sociais para transformar as condições culturais em que vivem.
- Detectar o grau de envolvimento dos moradores, das crianças e dos agentes do Hip Hop no processo de educação de crianças e jovens.
- Saber quão conhecidas e aceitas são as atividades sócio-educativas do grupo Sistema Nervoso Abalado no Bairro do Boiadeiro/Cabrito.

A câmera, por mais ameaçadora que fosse, tentava “brincar” e descontraír, só aparecia depois de uma conversa prévia e acordo com a entrevistada ou o entrevistado. Os pré-nomes foram revelados com a permissão das pessoas entrevistadas. Sem exceção, as pessoas tiveram tamanho interesse em contribuir e saber se estavam sendo importantes para a consecução do trabalho. As pessoas entrevistadas se preocuparam com o sucesso da pesquisa: Cleuza, Absolon, Metal, Negro Davi, Jutay, Pablo, Firmeza, Gilmar, Cacau, Teófila, Cleide, Negro Davi, Dj Branco, as crianças entrevistadas, pessoas do bairro.

A cientificidade é marcada pela insuficiência da racionalidade subjetiva em resolver o “problema” com a liberdade do objeto, portanto a inesgotabilidade do real ocorre paralela à incapacidade que tem o sujeito em lidar com as propriedades do real. A incompletude científica é característica do objeto. *Existem acontecimentos que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos.* (FOUCAULT, 1998, p.5). O real é constituído não apenas de liberdade, mas de multiplicidade causal, acidentes, assimetrias, a-historicidade, detalhes, os quais têm sido inefáveis na apreensão dos conteúdos sociais. Em outros termos, ainda que as marcas do espírito estejam destituídas de sentimentos, ideologias, pertencimento, proximidade com a zona investigada, - sua apreensão estaria danificada pela própria dimensão do objeto que, por si, comprometeria os resultados de prospecção empírica.

O *cotidiano* é outro elemento a ser inserido na história e no vácuo do *esquecimento* proporcionado por historiadores e movimentos sociais. Por isso, cabe – segundo Barbero (2003, p. 271), o desenvolvimento de uma sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalidade quanto à cotidianidade, `a subjetivação dos atores sociais e à multiplicação de solidariedades que operam simultaneamente em nossa sociedade.

E de uma linguagem que procura dizer da imbricação na economia da produção simbólica e da política na cultura sem restringir a uma que a operação dialética desconhece.



CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Para os egípcios, os deuses são negros e têm cabelos lanulados; para os trácios, são loiros têm olhos azuis. (Heródoto.)

1.1. A transformação do território

As noções de verdade, certeza, belo e esclarecimento associados ao universal são apanágios da modernidade cujo legado de consenso em torno da certeza foi incapaz de dirimir as diferenças. Ao contrário, quanto mais se racionaliza as noções, tanto mais se desenvolvem fragmentações étnicas e neo-tribais. *Cada tentativa de convergência e síntese leva a novas separações e divisões* (BAUMAN, 1999: p. 265). O mundo continua em pedaços. Por trás dos universalismos políticos econômicos, seja do neo-liberalismo seja do socialismo científico, há sempre uma expressão identitária, da diferença cultural.

Os grupos étnicos – pautados algumas vezes em construções saudosistas, imaginárias; outras sem resgatar o passado, mas fincadas no presente de exclusão sócio-política – alicerçam sua identidade a partir da diferença ante a existência alheia. A demarcação de microterritórios culturais e materiais normalmente avançam, quase sempre, para uma situação nacional macro-fronteiriça. Denning (2005: p. 201) assevera que, desde 1945, passamos de uma situação em que havia talvez uns cinquenta países universalmente reconhecidos, distribuindo-se o restante do mundo em colônias, protetorados, possessões, e coisas similares, para uma situação em que existem quase duzentos países, e é quase certo que surjam outros.

Tamanha multiplicação de núcleos políticos e territoriais revela o quanto a produção de cultura e diferença é atemporal, inevitável, portanto, especialmente na atualidade, com ofertas infinitas de informação globalizada simultânea a regimes de escassez.

Com o advento da indústria cultural no início do século XX, a reprodução tecnomassiva das expressões culturais tornou-se meio de controle dos modos de vida e do comportamento político das populações, especialmente no Ocidente. Por outro lado, as populações

socialmente marginalizadas utilizaram-se especialmente da musicalidade e do mercado para se organizarem cultural, étnica e politicamente. Propagam noção de respeito grupal ou universal, desenvolvendo auto-estima, resgatando símbolos históricos, edificando projetos humanitários de valorização identitária, nacional ou classista. Essas características são percebidas na musicalidade *rastafary*, de Ras Michael; no punk dos Sex Pistols e Inocentes; no *Reggae* de Mutabaruka, Edson Gomes, Geraldo Cristal e Midnight; no *Hip Hop* de Afrika Bambaata, Tupac, Sistema Nervoso Abalado e Quilombo Vivo. Contudo, tamanho projeto não significa homogeneidade prático-discursiva dos agentes sociais. Ao contrário, no interior do movimento Hip Hop em Salvador, por exemplo, há conflitos identitários.

O advento da globalização tornou funcionais os espaços de convivência, submetendo-os às necessidades das empresas que efetivam a ética da competitividade, da concentração de riqueza; a *expansão do desemprego e da pobreza* (SANTOS: 2001, p. 162). Com efeito, na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida, mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação galopante de uma ética pragmática individualista⁴. Santos (2001) observa ainda que o território não é apenas o lugar de uma ação pragmática e seu exercício comporta também um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representarem um papel.

Importa sublinhar o quanto o território, re-configurado pelo *Hip Hop* soteropolitano e por suas utopias humanistas, revolve-se contra a ética do egoísmo economicista e contrário à pseudo-democracia racial; é o “irredentismo” diante do desemprego, da discriminação racial, da abstração do Estado cuja presença tornou-se longínqua. Da cotidianidade, irrompem sujeitos diversos, não somente operários, que re-significam a arte, re-delineiam o “texto” padrão do território, contrariando a standardização da cultura. Na contramão da estrutura racialista/neoliberal, dá-se a emergência de sujeitos, erigindo a contra-ordem que delineia projetos distintos da perspectiva trabalhista. Para antigas reivindicações, surgem novos atores do século XXI, plasmando-se agora em movimento Hip Hop, que metamorfoseiam os territórios em locais de música (rap), basquetebol, grafite, capoeira, recital de poesia, dança (break), práticas educativas e reavaliação de heranças. De acordo com Santos (2001), o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas

⁴ Ibid, p. 54.

materiais, e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. O território é moldado não apenas por quem manda, mas também por quem vive nele.

É por causa dessas ações “positivo-conservadoras” que surgem a “negatividade”, a organização reativa, a “atitude” do movimento Hip Hop produtor de solidariedade e relativa coesão identitária, mesmo com diferenças prático-discursivas em seu interior. Os discursos antagônicos, paradoxalmente se aliam, por ora, efetivando coalizões espontâneas ou hierárquicas visando à educação, à formação política de crianças e jovens, à construção da democracia participativa.

Para inúmeros rappers brasileiros, a exemplo de Mano Brown, atitudes raciais, em vez de exclusivamente burguesas, agem negativamente sobre a população negra. É a partir desta interpretação que se inicia o processo de reeducação da comunidade visivelmente afro-descendente. Ou seja, no processo de formação política dos integrantes e do público Hip Hop se inferem representações racializadas, e não exclusivamente de classe.

Por mais que você queira falar que o Brasil é um país igual, que o problema aqui é social...não é assim , mano, tá ligado? E você é um cara que tem origem negra, é foda você andar na rua com uma roupa boa, com carro bom (:..). Porque não é "normal" ter. (Mano Brown, 1998, p.18)

A música do grupo de rap baiano Opanijé versa: *O problema não é só dinheiro, porque pobreza tem cor*. Enfim, textos letras de música, cartas, discursos se coadunam. Lêem o mundo, reivindicam e constroem projetos a partir de sua interpretação da realidade e da maneira como concebem a expressão identitária. Todo esse material é recurso utilizado no processo de educação não-formal exercida em sala de aula, nas associações, nos eventos de cultura da juventude.

O chavão *trabalhador uni-vos* encontra-se defasado pelos diversos agentes que surgem nos embates diários; agentes cujo campo de atuação não é a indústria e a repartição, pois há questões antigas que transbordam essa realidade operária. O texto musical do cantor rapper MVBill, por exemplo, revela sobretudo que o desemprego não resulta apenas das incursões do capitalismo, nem da má-qualificação do trabalhador, mas apontam outra causalidade esquecida, silenciada pela tradição do pensamento classista.

Ele tinha que segurar o barraco/Sua situação lhe deixava desesperado/Sua cor era a barreira pra poder trabalhar/Fez um monte de inscrição mandaram esperar/(...) Antigamente a gente exigia um bom salário / Hoje em dia a gente briga por um trabalho /Na sua cabeça não tinha vez para violência / Pedia emprego e exigiam uma boa aparência/ Não era respeitado, era discriminado / A opressão era tanta que acabou ficando complexado / Seu filho em casa barriga fazia / Eu tinha certeza que não era aquilo que ele queria/ Aceitavam preto como faxineiro/ Há um tempo atrás agora nem pra isso eles servem mais / A sociedade fechou as portas para um cidadão / Que ficou revoltado com uma opção / E essa opção morava ao lado / Entrou pra vida do crime querendo ser respeitado /ficou de frente na favela controlando tudo / A fofoqueira da favela perguntava Quem é o cara? Quem é o cara? Um Crioulo Revoltado Com Uma Arma!

Os versos de MVBILL põem a questão “racial” na agenda das discussões nacionais. Contrariam a seu modo o conhecido discurso de que “o problema é econômico, e não racial, porque negro com dinheiro e bem vestido é respeitado”. Tratando da dicotomia “raça” versus economia, Sodré (2000) advoga que se por um lado detectam-se aspectos integradores na assimilação social do indivíduo escuro baseada na satisfação de desejos de consumo (roupas, cosméticos, bens duráveis) e no pressuposto de que se discrimina por ser pobre e não pela cor (na verdade uma falsa questão), por outro, permanece inatacado o problema, o mal-estar-civilizatório, do racismo.

Há segmentos no interior da classe trabalhadora que são repelidos do processo de mobilidade social por conta de seus fenótipos, da simbologia axiológica bom/mau e da estética que lhes são atribuídos. Dentro da estruturação onde impera a lei de mercado, existe uma infinidade de estorvo que se interpõe previamente ao afluxo de trabalhadoras(es) negras e negros no mercado de trabalho. Impedida de consumir bens e superar a situação de escassez, essa população é destituída de recursos materiais e simbólicos. Da tragédia existencial advém a inspiração para a mudança de mentalidade e em seguida a reação através da postura estética, da linguagem, da visão de mundo; enfim do Hip Hop.

As letras de música rap nos Estados Unidos como no Brasil denunciam que existem critérios para compor o funcionalismo: tez da pele e etnia. Ambos são critérios de admissão ou expropriação. Em função disso, formam-se contingentes de miserabilidade, execrados do círculo do consumo e do reconhecimento humano. Logo, uma estrutura econômica advém da mentalidade economicista. A exploração do ser humano é gerada por fatores culturais ou fatores étnicos absolutizados. O mundo material da empregabilidade, dos serviços, das relações de trabalho e aparato tecnológico foi previamente construído pela racionalidade

cultural. Segundo Lyotard (apud ANDERSON, p. 40),

O capitalismo é mais precisamente uma representação. Como sistema, sua fonte calor não é a força de trabalho, mas a própria energia, a física (o sistema não é isolado). Como representação tira sua força da Idéia de infinitude. Pode aparecer na experiência humana como o desejo por dinheiro, o desejo de poder ou de novidade. Mas esses desejos são a tradução antropológica de algo que ontologicamente é a “instanciação” da infinitude na vontade.

O capitalismo - antes de materializado como produção, burocracia, empregabilidade, produtos, consumo, dinheiro puro – é “espiritualizado” enquanto psique, valores, ideologia. Por ser histórico e contingente o capitalismo é um fato que dele se extrai narrativas, representações, discursos. Assim ocorre às outras energias do pensamento como o nacionalismo, sexismo e racismo.

O fenômeno do racismo no âmbito trabalhista já havia sido denunciado pelos movimentos negros, desde a década de 70, a exemplo do Movimento Negro Unificado (MNU). Portanto, o movimento Hip Hop de discurso racialista continua combatendo outras formas de desigualdades sociais que não a exploração de classe exclusivamente. Deste modo, as respostas, as utopias de re-configuração do território não se limitam ao anti-capitalismo socialista. O título e parte da temática desta composição de MV BILL fora inaugurada, em 1986, pelo grupo norte-americano NWA (Nigga With Atitud). Os “Negros Com Atitude” foram porta vozes iniciais do gangsta rap. Lá e aqui, o movimento Hip Hop constatou e denunciou que os operários, embora pobres, não estão na mesma situação para concorrer aos postos de trabalho.

Enfim, o trabalho é só um dos múltiplos aspectos da vida humana. Neste sentido, a hermenêutica marxista é insuficiente para interpretar as relações de poder, especialmente entre brancos negros de Salvador. O racismo, não só contra negros, nasce antes dos fornos e da automatização das formas produtivas, da empresa moderna.

1.2. Histórico do Hip Hop

O rap já não é música exclusiva do movimento Hip Hop, aliás, nunca o foi. Artistas como

Witney Houston, Maddona, Obtuary e Midnite - diversos estilos e artistas se utilizam de tal música como recurso para expressar sentimentos, ideais, alegria. O Hip Hop tornou-se uma facção do rap que adquiriu proporções faraônicas com a massificação das formas de reprodução audiovisuais. Nem todo vocalista de rap integra a “organização” Hip Hop a qual pressupõe enfrentamento conjunto às estruturas opressivas. O *rap* extrapolou as fronteiras da negritude, pois em países diversos ele incorpora distintas bandeiras de luta, com demandas específicas: migração, religiosidade, gangsters não-negros. Na Alemanha da década de 90, por exemplo, o grupo de rap turco *Kanake*⁵ enfrentara o nacionalismo dos *Skinheads*. Seria ingenuidade e “romantização” crer na contenção e “guetificação” de qualquer expressão artística, mesmo quando, a princípio, os veículos de comunicação rejeitem-no.

O significado ampliado de Hip Hop é “movimente-se estético-politicamente”. O pugilista Muhamed Ali, considerado rapper antes do rap, rimava ao desafiar seus oponentes, já fazia a intriga (beef), estabelecia a rixa, convidava para a luta cantando⁶, desdenhava, desprezava de maneira lúdica. A música como também os *dançarinos (b.boys) norte-americanos foram influenciados pelo*⁷ *Kraftwerk* (Toop apud Tagg, 1989), grupo alemão que fazia experimentos com sintetizadores.

Em solo brasileiro, desde a década de 80, os nomes que primeiro saltam à língua quando se quer falar de continuadores do Hip Hop afro-norte-americano são Nelson Triunfo, Thayde e Dj Hum, Ataliba e a Firma, Racionais MCs. Ulteriormente, o rap aterrissa na terra do afoxé nos anos 90, a juventude negro-mestiça filtra imagens do mundo negro norte-americano a partir do cinema, músicas, revistas e bate-papo em ruas e bares. A mídia teve um papel importantíssimo na expansão cultural e formação de pequenos nichos do Hip Hop baiano. Em Salvador, o grupo de rap Elemento X fora criado em 1996; os Independentes de Rua (dançarinos ou B. Boys), nascido nesse período ainda se apresentam às terças feiras, na Praça da Sé, em Salvador. Não parou aí, o Hip Hop soteropolitano tornou-se exercício de educação não-formal. .A coalizão entre política, break, palestra, oficinas fazem do Hip Hop

⁵ WELLER, Wivian. *A construção de identidades através do Hip Hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim*. Cadernos CRH, disponível em <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=88&layout=abstract>, acesso em 20 de agos. de 2007.

⁶ O documentário “A Hip Hop History” trata do percurso do Hip Hop; traz cenas de dança, música e a gênese do Hip Hop no Bronx. Mostra a luta dos artistas plásticos (grafiteiros) para expressar-se, arriscando a vida para fazer arte. O documentário do início dos anos 80 no Bronx traz imagens de DJ Kool Herc, Zulu Nation.

⁷ Not to mention all the “b.boys” of Hip Hop influenced by Kraftwerk

soteropolitano um instrumento de “revanche do lugar”⁸, mediante a prática da solidariedade e postura crítico-política através da arte.

Em 1992, no Rio, organizara-se pela mobilização popular e contra o racismo a ATCON – Associação Atitude Consciente e daí surgiu o grupo Consciência Urbana, liderado por Big Richard, NAT, Poesia Sobre Ruínas, Damas do Rap, Filhos do Gueto, Gabriel o Pensador e Geração Futuro, liderada por MVBILL⁹.

A cidade de Salvador já dispunha de uma infra-estrutura cultural favorável a ser anfitriã do *rap*, pois

as influências negras norte-americanas na cultura musical dos jovens negromestiços de Salvador se tornam manifestas já no final dos anos 70, quando músicas *rythm & soul* e, em particular, o visual do estilo de James Brown tiveram um enorme impacto sobre o comportamento desses jovens. (SANSONE: 1997, p. 25)

Ulterior e definitivamente, o rap aterrissa na terra do afoxé nos anos 90, a juventude negromestiça filtra cosmopolitamente imagens do mundo negro norte-americano a partir do cinema, músicas, revistas e bate-papo em ruas e bares. Além de Sansone, Risério (1981, p. 24) também descreve cenas da modernização vividas nos bairros:

Pelo menos 70% dos edifícios hoje existentes em Salvador foram construídos na década de 70, em meio à proliferação de cinemas, lanchonetes, butiques, *shopping centers*, etc., ao tempo em que a televisão ia chegando a todos os cantos e recantos da cidade, incluindo as favelas e as famosas palafitas dos Alagados.

Artistas como Michael Jackson, Grandmasterflash, NWA, Public Enemy, Run DMC, KRS-One, Ice T incumbiram-se de propalar a arte nova. A mídia teve um papel importantíssimo na expansão cultural e formação de pequenos nichos do Hip Hop baiano. Na década de 90, os discos e fitas K7 eram especialmente adquiridos em lojas, ou mãos de pessoas que recebiam encomendas de São Paulo, Rio e outros estados, e revendiam em pequenas quantidades. Pessoas interessadas no movimento adquiriam o material dessa maneira. Hoje, faz-se “download”, obtêm-se arquivos musicais na internet, produzem-se cópias, emprestam-nas

⁸ Termo utilizado por Milton Santos para expressar as reações populares frente à verticalização da vida: capitalização, massificação, egoísmo, globalização.

⁹ A publicação de 2005, **Hip Hop, Consciência e Atitude**, do rapper Big Richard, editora Livro Pronto, apresenta esse testemunho e, além disso, traz um dicionário sobre a linguagem Hip Hop de algumas cidades do Brasil. Interessante também é a entrevista com Chuck D, integrante do grupo norte-americano Public Enemy.

para os colegas e assim se vai propalando o estilo rap.

Um dos primeiros grupos de rap é o elemento X. Criado no ano de 1996, composta pelo DJ Edilson, o rapper Gomez e o vocalista Dinho, que se afastou em 2003. Em outubro do ano 2000 o Elemento X lançou o cd independente *Genocídio*. No seu breve histórico, o grupo fez apresentações ao lado de nomes como Racionais MC's, SNJ, Thaíde e Xis. Em 1998, o grupo se apresentou em Brasília, em frente ao congresso nacional, durante uma grande manifestação popular. Independentes de Rua (dançarinos ou B. Boys) foram e têm sido os mais expressivos na cena dança Hip Hop e, ainda hoje, apresentam-se às terças feiras, na Praça da Sé. Jorge, conquanto seja um dos precursores do Hip Hop em Salvador, concedeu a entrevista com enorme simplicidade, sem senso de autoria revolucionário-vanguardista. Mescla ingenuidade e tranqüilidade no olhar. Tem 30 anos, dois filhos, mora de aluguel em Valéria, está desempregado, “faz bico” só aos domingos numa lanchonete na Carlos Gomes, centro de Salvador. Em 1987, o *Hip Hop* apresentou suas primeiras manifestações em Salvador, com incipientes e esporádicas apresentações de dança break no clube *Black Bahia* no bairro de Periperi, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Jorge, integrante dos Independentes de Rua e do grupo de rap Cidade Rap, faz referência de sua participação à época, sobre como tudo começou, quando tinha 9 anos de idade.

87 (...) tinha os primeiros bailes que até hoje existe ainda, no Lobato existe, a Hamesa e o Munzuá. Quer dizer, o Munzuá acabou e ficou o antigo Ailton Pinto, uma escola (...), praticamente era o *funk*, mas o break já estava lá. (...) A gente dançava o funk depois começava a rodinha do *break* e tal, Na época não existia rap, só existia break. (...) Naquela época já existia fita do Street (...), um dos primeiros grupo de dança dos Estados Unidos. Tinha um colega da gente veio pra aqui pro Lobato, trouxe a fita. A gente já dançava o *break*, mas era aquele *break* de televisão, mas a agente começou a pegar a técnica do movimento com o *Street*¹⁰.

O Hip Hop baiano nasceu primeiro com a dança, não com o grupo de rap. O Subúrbio Ferroviário, nas festas do Black Bahia, foi o primeiro cenário gerador do Hip Hop. Algo sem o relativo vigor político que tem hoje. O rap inscreve na cena cultural brasileira o discurso identitário da favela, dos que buscam o nível de cidadania já conquistado pelos artistas de MPB, Rock e grande parte de seu público. Na década de 80, o rock traz questões concernentes ao capitalismo, à liberdade de expressão, ao conservadorismo familiar. Diferente do rock, nos anos 90, as canções de rap, especialmente dos Racionais MCs, expõem o mundo específico:

¹⁰ Entrevista completa em anexo, concedida em 1º de setembro de 2007

racismo, violência policial constante, extermínio etno-físico, orgulho negro. Falando das culturas diaspóricas da modernidade, Gilroy (2000) conclui que a *cultura musical fornece uma grande dose de coragem necessária para prosseguir vivendo no presente*. As composições de Hip Hop exumaram o sujeito oculto, silenciado, esquecido; foi exposta a figura do favelado, do delinqüente, do assaltante, das pessoas sem renda alguma, fora do mercado de trabalho formal - o contingente dos sem-nada. *Não é fácil fazer parte do rap, não, mano. Não é só você entrar e dizer “agora eu sou do rap” você tem que ver prestar bem atenção nas suas idéias, nas sua letras, porque alguém vai cobra na rua.* (Gravação do Rotação 33). Na comunidade Hip Hop, existe observação das ações, do exemplo de combatente urbano, exigência de compromisso, todos se assistem. E todos precisam seguir os ícones rebeldes que, embora tenham conseguido sucesso e relativa fama, não deixam de ser “maloqueiros”, não se tornaram objetificados pelo dinheiro, que carregam a favela dentro de si, amarrados aos projetos de liberdade de expressão, lutando por direitos, denunciando crimes.

Grupos de Salvador como RBF, OLP, Júri Racional, Afrogueto, Teoria do Rap, Sistema Nervoso Abalado e Opanijé são todos diferentes entre si. O ritmo e a composição musical ganham elementos da sonoridade local: atabaque, berimbau, percussão, reggae baiano, capoeira. Nem o visual *gangstah* se fixou em Salvador. O *Gangstah rap* norte-americano tematiza mulheres, armas, riqueza, drogas. Entretanto, em vez de ostensivos colares dourados ou prateados, vê-se contas de orixás ou batas inspiradas em África. Isso porque há gente de orixá que integra e organiza o movimento Hip Hop soteropolitano. Ver uma apresentação do Opanijé - cultuando exu, sorrindo sarcástica e gloriosamente - é completamente diferente que ver os cantores Fifty Cent e Snoop Dog exibindo dólares e arrastando mulheres de coleiras. Tal comparação não é moral, nem politicamente correta, só descritiva. O que há de comum em Salvador e no *rap* nacional é a mensagem de re-constituição da humanidade distante e da estima. O grupo Quilombo Vivo canta: *“Quilombo Vivo de Salvador resgatando a nossa auto-estima, é a nuvem negra que se aproxima.* (faixa 3: 4min51s). Diversos são os bairros onde eclodem expressões do Hip Hop, seja na música seja na dança:

GRUPO

Verbo de Malandro

BAIRRO

Boca do Rio,

Velório Negro	Liberdade
Ocorrência Local Periférica - OLP	São João,
Fábrica de Rimas	Paripe
Sistema Nervoso Abalado	Cabrito/Novos Alagados
Teoria do Rap	Castelo Branco
Júri Racional	Pirajá,
Quilombo Vivo	Nordeste
Afrogueto	São Caetano
Altruísta	Alto de Coutos
Arsenal Bélico	Alto de Coutos
Quilombo Vivo	Nordeste de Amaralina
Atitude Diferenciada	Boca do Rio
Império Negro	Cosme de Farias
Milicianos	Periperi
S.A.N	Itapuã
Impacto Feminino (de mulheres)	Cosme de Farias
Chezira (de mulheres)	Itinga
157 Nervoso	Massaraduba
Fúria Consciente	Itinga
Quentaz (de mulheres)	São Caetano
T.G.K M.C (tema gerado pelo kaos)	Fazenda Grande
Q.M.B (Quinho Mete Bronca)	Boca do rio
Instinto Sangüíneo	Liberdade
Ocorrencia Local Periférica	Plataforma
Vidativa	Itinga
Tiro Certo	Liberdade
Raciocínio Angular	Saramandaia
Etnia	Pelourinho
R.B.F (Rapaziada da Baixa Fria)	Cabula
Os Agentes	Sussuarana
Simple Rap'Ortagem .	Sem bairro fixo
Eleitos do Gueto e Grupo Altruista	Cidade Baixa
Reflexo Periférico	Cabula

Pivô do Caos

Sussuarana/ Boca do Rio

Retrato da Favela e Movimento de Rua¹¹

Plataforma

Os grupos desaparecem na mesma rapidez como se formam. Esse fenômeno fugaz tem relação com a escassez de recursos. Isso se deve a dificuldades como falta de dinheiro para tomar ônibus e fazer apresentações, falta de intimidade com computador e tecnologia o que facilitaria a gravação, produção de bases e ensaios, saírem para apresentações, grande parte dos jovens não têm emprego. Ainda não há pequenas gravadoras nem patrocinadores investindo nesses grupos musicais.

Os grupos de Hip Hop de Salvador vislumbram profissionalizar-se como aconteceu aos pouquíssimos grupos no Brasil. O expoente disso é o grupo Racionais que esteve em Salvador, em 2007, na antiga Codeba, em Águas de Meninos. O Show dos Racionais congregava gente de todo tipo: advogados, professores universitários, desempregados, alguns brancos, muitos pretos, economistas, médicos – todos fãs. A polícia estava no espaço fazia barreiras, espancava pessoas ali mesmo. Drogas como cerveja e maconha eram consumidas como em qualquer outro show. A primeira com naturalidade e êxtase; a segunda, com sobressalto ante a repressão. Parte do público não parecia estudante universitário. Houve algumas brigas. Mano Brown, vocalista do grupo Racionais MCs, pedia que os brigões namorassem mais com “as lindas mulheres” ao lado deles, em vez de brigar com os homens. Seria difícil, pois quase não havia mulheres. O público, religiosamente hipnotizado, cantava palavra por palavra do show. Antes dos Racionais, o Ile Ayê concentrou gente que repetia suas músicas. Lazzo e Afrogueto também se apresentaram.

1.3. Cultura Hip Hop em seus múltiplos discursos: a questão da originalidade

Têm sido freqüentes discursos nacionalistas e essencialistas denunciando que o *Hip Hop* é mais um “enlatado”, fruto do imperialismo ianque. Indubitavelmente, o *Hip Hop* é um estilo importado, mas não se originou puramente em solo norte-americano. A configuração da cultura e do conhecimento é feita a partir do esquecimento e aspectos ideológicos que se plasmam em tradição, incorporando-se ao cotidiano. Tratar de origem é reportar-se mais à

¹¹ O Grupo de rap Retrato da Favela e Movimento de Rua (dança break) ; têm parceria - dão aulas de rap e dança break para crianças em escolas de Salvador.

psique, ao julgamento subjetivo que ao julgamento de fato. A origem do rap é a mestiçagem; é o ecletismo cultural com elementos do lúdico no trágico residente na experiência dos povos pretos na América. Indubtavelmente, o *Hip Hop* é um estilo importado, mas não se originou puramente em solo norte-americano. Os jamaicanos com mini-trios elétricos nas ruas já desafiavam uns aos outros, estabelecendo batalhas em improvisos vocais ao som de cantores jamaicanos como Dillinger, Big Youth, U-Roy, I-Roy. Na Jamaica dos anos 70, Dillinger, U-Roy, Big Youth já utilizavam a composição própria sobre a melodia de outros cantores; já faziam paródias musicais (*sample*). O Bronx e o Brasil dificilmente conheceriam rap sem que a tradição oral africana estivesse impregnada no estilo vocal dos jamaicanos Duke Reid, Coxson Dodd, Kool Herk que levaram técnica vocal acoplada aos pequenos trios elétricos (*sound systems*) para os Estados Unidos a partir da década de 60. Exportaram também o manuseio da paródia rítmica (*sample*), a interrupção e colagem musical (*break*), o arranhão sonoro (*scratch*), o desafio improvisado (*free-style*) e a canção falada dos contadores de história africanos (*griots*) habitando as Américas. Esse improviso *griot* foi algo peculiar às diversas etnias espalhadas nas Américas. Hoje como ontem, *para tornar-se um griot é preciso aprender genealogias e história, e não somente as palavras, como também a música.*¹² Sobre o improviso musical de trabalhadores escravizados na Bahia do século XIX, Verger (3ª ed., p. 504) descreve através de depoimentos dessa época: “*aqueles coros começam geralmente com uma observação cantada por um dos negros sobre uma coisa qualquer que ele vê, que pode ser mais ou menos ridícula e que outros retomam em cor.* Esse improviso *griot* foi algo peculiar às diversas etnias antes africanas espalhadas nas Américas.

A destruição semântica da “origem” serviu para infundar os discursos ortodoxos, essencialistas, enfraquecendo epistemologicamente e, quem sabe, politicamente tais discursos não só de Estados-nação e raça como também dos grupos socialmente em desvantagem nas mais diferentes sociedades. Ora, os discursos podem ser infundados no plano epistemológico, contudo, no âmbito político, as carências são visíveis e estatisticamente evidenciadas. Isso é uma fundamentação plausível na era dos direitos cuja pretensão universal é garantir a felicidade humana a partir do suprimento de suas necessidades básicas, mas também “espirituais” (educação, lazer, etc).

Culturalmente, inserimo-nos, há séculos, em uma sociedade “gringa”, o problema reside em

3. To become a griot you must learn genealogies and histories, but not just the words, also the music. <http://www.rps.psu.edu/0205/keepers/>> acesso em 19 mai. 2007

como e por quem o produto da cultura será administrado, quem ganha ou perde com os patrimônios contemporâneos resultantes de todas as civilizações. Na verdade, já não vivemos um problema de origem, senão de posse; não de criador, mas de propriedade. Assim, as perguntas “quem?” e “como?” são mais relevantes que “onde?” e “quando?”.

Por outro lado, reconhecer liames e raízes comuns das culturas implica, de modo algum, fazer apologia à pangéia, ao unitarismo semântico das diferenças. O que se quer destacar é inconsistência das assertivas, a falta de tato para alcançar o que se perdeu e aquilo que se quis perder. Nem a etimologia, a história do signo, a contextualização do vocábulo solucionaria a problemática na tentativa de encontrar a originalidade e a semântica da forma. Na verdade difícil mesurar raiz, causalidade e idade tempo-espacial do fato, da palavra. Daí a impossibilidade de saber sua genuinidade grega, romana, latina, sumeriana, hebraica, africana. A origem da origem tem sido negligenciada quando se quer datar a origem. Os termos são temperados, exportados, apropriados, emprestados, modificados, contaminados de diferenças. Eis a impossibilidade de quantificar a origem. Resta saber até onde alcançam os registros. Até onde querem ir as pesquisas? Qual território recortado se deseja? Qual verdade se quer entronar? Sob quais ações reside o incerto, o perigo, o não-dito, a ameaça à certeza.

Muito se tem refletido acerca da dicotomia tensa entre cultura e movimento. Segundo Lima (2006, p. 33), a cultura Hip Hop utilizar-se-ia de elementos como o rap e o break, porém, sem nenhuma preocupação além do entretenimento. No movimento Hip Hop, os elementos da cultura seriam utilizados com o projeto claro de intervenção e mudança social, além de enfatizar o processo educativo característicos que colocariam o Hip Hop na posição de um movimento social.

O Hip Hop é um movimento sócio-cultural de origem coletiva. Com efeito, as tecnologias européia e norte-americana também participaram material e “espiritualmente” da criação do Hip Hop com o toca-discos, o amplificador, o alto-falante, o equalizador, os ritmos – tudo tecnologia atuando paralela à perícia do manuseio dj afro-jamaicano. Momentos depois, todo esse espírito encontra-se com a dança e musicalidade *soul* de James Brown. Afrikaa Bambaataa uniu conhecimento, consciência crítica, solidariedade, dança (*break*), ritmo (música, samples, colagens), dj (produtor de som, *disc* jôquei), mc (vocalista) e o lema que se tornou mundial foi “paz, amor, união e diversão.” A essa junção, foi dado o nome Hip Hop (movimento corporal). O Hip Hop nasceu e continua dialogando com diversas fontes

tecnológicas da África, América, Ásia e Europa – nasceu a partir de afirmativas e negativas de uma complexidade estrutural na qual a experiência humana se insere, está sempre inacabado, pois novas “importações” virão para caracterizá-lo como processo histórico, não como ideal. Portanto, importação, fusão, hibridismo são leis eternas da cultura, são a essência do Hip Hop. Schooly D, um dos criadores do *gangstah rap* afirma que sempre foi *fascinado por documentários musicais sobre Rollinng Stones, James Brown ou BB King*.¹³

Nestor Canclini, em *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, identifica a existência de espaços que foram silenciados em sua dinâmica, e, por isso, carece de interpretação diferente do modelo dialético e estruturalista que estabelecem conclusões binárias, semanticamente opostas e, por que não dizer, maniqueísta-hierarquizantes. Em outras palavras, a pluralidade é um aspecto inerente ao signo, à realidade. Culturalmente, o forte absorve o fraco e vice - versa, logo o culto absorve o popular e o contrário é verdadeiro, mas também existem modalidades da cultura que não se enquadram nestas classificações estanques por conta do emaranhado híbrido, interdisciplinar dos elementos em contato. Canclini (1998) ressalta que são nesses cenários que desmoronam todas as categorias e os pares de oposição convencionais (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno) usados para falar do popular. Suas novas modalidades de organização da cultura, de hibridização das tradições de classes, etnias, nações, requerem outros instrumentos conceituais. Como analisar as manifestações que não cabem no culto ou no popular, que brotam de seus cruzamentos ou em suas margens?

A expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridização cultural. Às vezes a proliferação de anúncios sufoca a identidade histórica, dissolve a memória na percepção ansiosa das novidades incessantemente renovadas pela publicidade. (CANCLINI:1998, p. 302)

Canclini (1998) advoga que a mestiçagem perpassa tanto pela materialidade dos centros urbanos quanto pelos símbolos artísticos, históricos, mentais. Os monumentos contêm frequentemente vários estilos e referências a diversos períodos históricos e artísticos. A hibridização soma-se logo depois de interagir com o crescimento urbano, a publicidade, os grafites e com os movimentos sociais modernos. O presente e o passado se fundem nos objetos, no fazer cotidiano, na linguagem, nos gestos ou na religiosidade. Os elementos definidores de fronteiras, fundação e origem são fictícios e arbitrários para definir o que é

¹³ I was always fascinated by music documentaries about the Rolling Stones, James Brown or BB King, watch those guys in the studio, so that was my influence.

popular ou culto, puro ou impuro, autêntico e simulacro. Tais classificações se constituem em “erros” epistemológicos que negligenciam a mestiçagem dos diálogos e intersecções culturais existentes. Os elementos mistos advindos da tradição e que se encontram parcialmente presentes se misturam ao novo, à cultura midiática, ao inclassificável para formar aquilo que se denomina cultura pós-moderna, esse hibridismo produz práticas contemporâneas de produção e consumo culturais. Para entender esse processo, Canclini (1998) propõe um “caminho” metodológico, por isso é necessário romper com o pensamento linear, que não conhece mais que as estruturas de ordem simples e determinação direta”. E tratar de reconstruir em cada investigação” as redes de relações que estão presentes em cada um dos fatores.¹⁴

É necessário pesquisar materiais não enquadráveis nos programas com que as ciências sociais classificam o real. Segundo lembra Simmel, (1998, p. 99), *a grande maioria dos produtos de nossa criação espiritual contém dentro de sua significação uma certa cota que não criamos*. Simmel (1998) advoga que a cultura surge – e isto é simplesmente o essencial para sua compreensão - na medida em que há aproximação de dois elementos: a alma subjetiva e o produto espiritual objetivo; sendo que nenhum deles a contém por si. Nas criações culturais, o espírito alcançou uma objetividade, que o tornou independente de todo o acaso da reprodução subjetiva e o tornou, ao mesmo tempo, útil à finalidade central da perfeição subjetiva. A cultura significa apenas a síntese de um desenvolvimento subjetivo e de um valor espiritual objetivo e de que a manifestação exclusiva de um destes elementos exclui necessariamente o entrelaçamento de ambos. Deste modo, casualidade e descontinuidade são caráter da cultura, a qual é oriunda do trabalho social independente da vontade dos indivíduos

A arte musical tem sido instrumento de luta dos subalternizados. Quanto mais denunciam as diversas formas de exploração e sofrimento humanos, e ganham força, tanto mais sofrem ameaças. Mano Brown, cantor dos Racionais MCs, afirmou que os músicos do Hip Hop e do reggae *são alvo, não estrelas*. A estética da melodia é instrumento de batalha. A batida rítmica convida e convence a juventude de qualquer país para se congregarem frente as batalhas étnicas de qualquer natureza. Morreram muitos artistas em função de seu engajamento político. No reggae, Jacob Miler sofreu morte misteriosa. Lucky Dub, Peter

¹⁴ Es necesario “romper com el pensamiento lineal, que no conoce más que las estructuras de ordem simples de determinación directa (...)” las redes de relaciones encabalgadas, que estan presentes em cada. um dos fatores

Tosh assassinados; Rita e Bob Marley extraíram balas de metralhadora do corpo. No rap, Tupac, Notorius Big, Sabotagem foram assassinados. Na luta por educar politicamente, muitos perecem para organizar e politizar multidões. São dessas escolas da tradição relida, fora dos centros convencionais de educação que surgem novos ideários e vivências.

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SALVADOR

2.1. Revisitando a Pedagogia do Conflito

Nas teorias pedagógicas brasileiras das décadas de 1970 às de 1980 predominaram no contradição a pedagogia dialógica freyriana e, por extensão, a pedagogia do conflito de Moacir Gadotti. Ambas se contrapunham ao discurso da neutralidade, impessoalidade e “desinteresse” político, praticados à época do regime despótico-militar. Advogavam a pedagogia do conflito, vinculando ato político e ato educativo. Gadotti (1998) partia da hipótese de que toda educação, numa sociedade de classes, é uma educação de classe, ou mais precisamente da classe economicamente dominante. Logo, a educação não pode transformar aquilo que a mantém, isto é, a sociedade. A educação, nesse sentido, é reacionária, conservadora. A educação e o aparelho escolar, em particular, enquanto aparelho ideológico da classe dominante, é aparelho de reprodução das relações de produção da sociedade de classes. Conforme Gadotti (1998), Marx descobriu que a história de todas as sociedades é a história da luta de classes. Toma a luta de classes como uma das categorias básicas para a ação pedagógica da transformação. O mecanismo de superação das classes é a luta de classes (isto é, do privilégio) é a luta de classes que visa à destruição das classes (do privilégio). Há uma luta no interior da educação e do sistema escolar entre a necessidade de transmissão de uma cultura existente (ciência, valores, ideologia) que é a tarefa conservadora da educação.

A fase da teoria da modernização, afirma Ghon (1994), ocorreu paralelamente aos programas de educação popular. Isto porque a educação era um dos pilares fundamentais daquela teoria, na transição da sociedade arcaica para a moderna. A conjuntura política daqueles anos era a busca de alternativas para a saída do regime militar autoritário. Tudo o que estimulasse as energias da sociedade civil, o saber dos oprimidos, a fala do povo etc. era bem visto e aceito como alternativa política possível. A educação fundamental passa a ser pensada no contexto do desenvolvimento sócio-econômico, buscava-se promover modificações de atitudes sobre bases mais econômicas do que sociais”, e mais políticas do que comunitárias, a educação popular propriamente dita. O MEB - Movimento de Educação de Base - é um exemplo disso;

os programas do Sistema Paulo Freire são citados como exemplo típico desta fase. Tudo o que estimulasse as energias da sociedade civil, o saber dos oprimidos, a fala dos povo etc. era bem visto e aceito como alternativa política possível. A educação popular entrou na moda, nos palcos de discussões.

O problema com a pedagogia do oprimido de Freire – segundo a crítica de Haymes (2007) - é que por não se aplicar à experiência vivida do negro, de fato nega a existência negra e, ao proceder deste modo, nega que o povo negro tem um ponto de vista no mundo¹⁵. Também nos textos de Gadotti, a palavra “classe” soa tal qual um mantra para ser internalizado como o problema crucial. Gadotti limita-se à crítica universalista, genérica, abstrata, porquanto não identifica as micro-ideologias que dão suporte às teorias tradicionais, não dissecam nem sondam os lugares onde residem os privilégios. Seguindo a metodologia marxista-freiriana, Gadotti restringe-se a demonizar a pedagogia colonizadora, pensada e acionada pela “classe dominante” – termos genéricos bastante usados em suas reflexões. As ideologias, entretanto, são sistemas móbil-artificiais, extravasam fronteiras supostamente físico-objetivas das classes.

As classes – segundo Bourdieu (1987) - são relações e, nesse sentido, são reais e objetivas, mas podem ser também sujeitos históricos dotados de interesses e de vontade que não são dadas apenas pelas relações sociais de produção. Mesmo quando referidas à produção essas relações expressam interesses formados não somente na descoberta de contradições, mas também na experiência das diferenças que permitem compromissos.

Constituir grupos sociais diferenciados não implica que os interesses também sejam diferenciados. A configuração dos interesses variam conforme a conjuntura, quer favorável quer desfavorável. É indubitável que sistemas de pensamento sejam compartilhados por elementos de classes distintas e, que, apesar da heterogeneidade material, dá-se a homogeneidade espiritual quanto aos objetivos, à ocupação de espaços, à utilização dos bens disponíveis. Ou seja, existem zonas que conjugam o tradicional aos possíveis agentes de mudança social. De modo que oprimidos e opressores se unem ideologicamente (por vezes inconscientemente) para conservar seus privilégios históricos, assegurados por padrões artificiais: estéticos, éticos, jurídicos, étnicos, raciais, de gênero. Uma educação racialista, que

¹⁵ The problem with Freire's pedagogy of the oppressed is that by not indulging in the lived experience of the black, Freire's pedagogy in fact denies the black existence. And in doing so it denies that black people have a point of view in the world. HAYMES, Stephen Nathan. Race, pedagogy in Paulo Freyre. In: Conferência Internacional: a reparação e a descolonização do conhecimento. p 2007

mantém privilégios raciais no plano simbólico-material, beneficia opressores e oprimidos, desde que se pareçam fenotipicamente, desde que concordem com o modelo de educação etnocêntrico. Na mesma proporção, uma pedagogia educacional sexista beneficia um dos gêneros - tradicionalmente homem, independente de sua cor ou grupo social. Nesse sentido, é pertinente a fórmula identitária $A=B$. Há momentos em que os iguais e os diferentes se atraem no mesmo círculo de interesses. Nesse sentido, a noção de contradição e ruptura se dissipa, pois os antagonismos são mais teóricos e pré-concebidos que factuais. Os acontecimentos se submetem à lei da mudança perene. E a análise do cotidiano se faz e refaz a cada instante.

Por outro lado, Gadotti propõe uma pedagogia-conflito, a necessidade de criação de uma nova cultura que é a tarefa revolucionária da educação: ruptura e alternância de poder como etapas de mudança revolucionária ante a educação do colonizador, da classe dominante. Os termos “ruptura”, “revolução”- contra-proposta pedagógica de Gadotti e, por extensão de Freire-, tem por objeto contraditório as forças produtivas.

Essa reflexão, sem dúvida, negligencia outros componentes da complexidade do real e constitui não uma resposta científica, mas étnica, já que estabelece delimitação semântico-simbólica, discursiva, metodológica. Tamanho esquecimento epistemológico incorre em ficção e falácia da causalidade, pois prioriza a classe econômica, secundarizando aspectos cruciais como o espírito - as forças étnicas ou culturais. Tanta metodologia negligencia a liberdade inerente ao contexto, o devir inerente à história, a complexidade dos fatos própria da realidade que se mostra como teia de relações originadas por necessidades e micro-projetos, múltiplos e disformes. A educação em sua amplitude semântica não se limita, como pensava Gadotti, às relações de produção, à economia, a um sistema político. As relações políticas, por serem instáveis, escapam à conceituação perene em função da heterogeneidade das ações dos agentes sociais. O oprimido por si não se opõe ao opressor. O oprimido não estabelece somente uma relação de oponente ao opressor, mas o devir se interpõe nas relações de força, independente do grau hierárquico. Logo, a noção de contradição, negatividade, ruptura e antítese se esvaem sem substância.

A educação popular, não-formal, debate-se não somente contra o sistema capitalista, mas contra toda sorte de conservadorismo político: sexismo, racismo, etnocentrismo, cultura técnica. Sua organização não responde à exploração dos ricos contra os pobres, dos burgueses contra os proletários somente. Pensando deste modo, é limitar a abordagem histórica,

geográfica, cultural. Em *metáforas da transformação*¹⁶, Hall (2006, p. 215) adverte o quanto as noções acerca de várias formas de resistência substituem a primazia da “luta de classes”; sobre o movimento em direção a uma forma menos determinista, mais conjuntural de compreender os repertórios de resistência e a centralidade conferida aos elementos simbólicos. A educação hodierna responde não apenas a problemas contemporâneos, da técnica, mas aos sistemas técnicos que se acumularam e emergiram através dos tempos até nossos dias. Há, portanto, acúmulo de energias, extrato de força étnica, psicológicas chamadas hoje de capitalismo, mas também racismo, patriarcalismo, homofobia e misoginia transfigurados em egoísmo, concentração de riquezas, sistemas de marginalização social.

2.2. O auto-didatismo dos anos 70 e 80

Os projetos e práticas educacionais de caráter popular estiveram, a partir de 1970, alicerçados para contrapor-se ao capitalismo plasmado na especialização, profissionalização e na idéia de neutralidade epistemológica na educação. Em Salvador, os movimentos de bairro, os partidos de esquerda, setores da Igreja Católica, inspirados por concepções socialistas, inclusive de orientação freyriana, estabelecem-se historicamente, refletindo a educação no interior desse sistema histórico.

Por outro lado, o Movimento Negro - representado por entidades culturais, religiosas - produziu iniciativas diferenciadas na abordagem educacional. Segundo Freitas (2006), a geração de 1970 era autodidata e buscou aprofundamento das questões raciais através da formação de grupos de estudo. Esses jovens¹⁷ estudavam sobre os diversos movimentos de libertação das colônias africanas, sobre o movimento negro norte-americano; possuíam uma base de política, economia, sociologia, educação; destacam-se na formação de um corpo teórico fora da universidade, sem se submeter às suas regras. Em Agosto de 1974, foi criado o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro que se interessava pelo estudo das questões raciais no Brasil

¹⁶ No capítulo intitulado *Para Allon White: metáforas de transformação* (p. 205-228), Stuart Hall trata dos aspectos binários como as relações no campo da cultura são incapazes de contemplar configurações sociais complexas. De modo que o culto e o popular nem sempre se contradizem, mas se fundem.

¹⁷ Artigo de Freitas(2006) onde aparecem depoimentos de Ana Célia Silva, Luiz Alberto Santos, Lino de Almeida, Manoel Almeida, Vovô.

“tendo como pesquisador o próprio negro, não o negro como objeto”¹⁸ À época, o professor Manoel Almeida estava à frente do projeto pedagógico de Educação Interétnica do Grupo Cultural Olodum. Em 1976, constituiu-se um outro grupo de estudos: Palmares Inaran, a partir da experiência de exclusão sofrida na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Em 1988, as APNS Agentes de Pastoral Negros buscavam unir o cultural ao religioso e a militância negra. Os grupos Sociedade Malê de Cultura e Arte Negra e o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro se fundem no grupo Nêgo, imbuído de discussões sobre marxismo, movimentos de libertação africana, movimento negro norte-americano e raça versus classe.

Ainda segundo Freitas, outros trabalhos destacados nos depoimentos foram o do grupo Luiz Gama e do Grupo de Educação. Fizeram atividades no Alto do Peru, na casa paroquial. O Grupo de Educação do MNU com Alfabetização de adultos; deram curso na igreja capelinha Deus Menino, no Engenho Velho de brotas. Ana Célia Silva, Jônatas Conceição, Luíza Bairros, Gildásia, Luiz Alberto, Albérico estavam à frente, mas o projeto só durou um ano. Posteriormente, um projeto coordenado pelo MNU conseguiu montar 40 salas de aula de Educação de adultos em Salvador, afirma Ana Célia Silva em depoimento a Freitas, em setembro de 1994.

As experiências citadas acima, posto que relevantes, são insuficientes para retratar os movimentos de educação em Salvador nesse período, porque nem todos os movimentos se transformaram em dados descritos e analisados como projeto de pesquisa acadêmica, nem como publicação. Vale ressaltar que grupos da Igreja Católica, dos terreiros de candomblé, das associações de moradores, dos partidos políticos e os educadores historicamente anônimos tiveram importância na formação político-popular nesse período. Logo, parte da história foi negligenciada pela catalogação científica e dos órgãos de pesquisa.

Maria da Glória Ghon (1994) reconhece que as lutas dos negros também foram pontos de destaque nos anos 80. Através de suas campanhas, eles educaram parcela da sociedade e se auto-educaram. Enfim, as lutas por educação politizada, aparentemente apartadas pelo espaço e diferenças internas, mantêm um vínculo identitário em função das necessidades serem comuns. As lutas das comunidades são interligadas, uma vez que grande parte dos ativistas se

¹⁸ Depoimento de Manuel Almeida a autora em julho de 1994.

conhecem, mantêm contato pela afinidade política, mesmo havendo por vezes aversão moral. .

No início dos anos 80, a comunidade do Calabar ocupou o cenário de lutas por moradia, lazer, educação, cidadania.

Foi do risco de sumir do mapa para dar lugar a espigões de concreto e apartamentos de luxo, que a comunidade do Calabar se organizou para sobreviver ao domínio do mercado imobiliário nas redondezas. E graças a muita luta dos moradores, ainda está lá, na margem da Avenida Centenário. Mas a luta já não é a mesma. Muitas casas e terrenos já foram regularizados pela prefeitura e, pensar a cidade sem a presença do Calabar, não faz muito sentido.

Com cerca de 22 mil habitantes, ela é uma das únicas remanescentes na região. Comunidades como Curva Grande e Mirante foram extintas, deixando o Calabar cercado por bairros como Ondina, Barra e Federação.

O grupo Jovens em Ação promovem atividades culturais. A principal delas, é a manutenção de uma biblioteca comunitária com acervo de 6.300 livros e assinaturas de revista e jornal. “Antes de morar aqui, não via com bons olhos o bairro, por causa da violência mostrada pela mídia. Mas quando passei a morar aqui, percebi que existia muito trabalho social e agora não quero sair”, diz Igor Sena, 22. Um dos coordenadores da biblioteca, ele é um dos responsáveis por multiplicar o hábito da leitura na comunidade e sai com uma mochila nas costas, cheia de livros, para fazer empréstimos delivery.

O sistema vai no mesmo sentido da Escola Aberta do Calabar, criada há 20 anos, pelos próprios moradores, e até hoje em funcionamento independente do poder público. A creche comunitária passou às mãos da prefeitura, mas o prédio é o mesmo que a comunidade construiu.

O professor de comunicação da Ufba, Fernando Conceição, foi um dos ícones da resistência no local e levou o lado positivo do Calabar à mídia. Hoje ele atribui à conjuntura de abertura política ocorrida no Brasil nos anos 80 como o principal fator de esfacelamento do movimento social local. “Houve um retrocesso no movimento, porque, depois da abertura política, as lideranças passaram a fazer parte do Estado”¹⁹.

A citação revela um exemplo de continuidade histórica dos movimentos de educação por toda a cidade. Esta rede de luta e solidariedade empodera parte da população dos bairros pobres. Assim, o poder simbólico dos indivíduos depende sobretudo da coletividade, da organização política, embora haja empenho individual. Criam-se círculos de cultura, entretenimento, conhecimento. Tudo isso capacita os indivíduos a atuarem em diferentes instâncias, inclusive a profissional. A relação de luta pela existência física e metafísica se configura por

¹⁹ Reportagem de Vítor Rocha. Disponível em <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=845758>, acesso em 12 de jun-2008., às 10h e 03 min

metodologias diferentes: biblioteca itinerante, cursos, permanência frente a espoliação imobiliária. Nos flancos do Calabar, está o Alto das Pombas local em que os Panteras Negras se reúnem para discussões de questões diversas - gênero, sexualidade, cidadania. Inúmeros jovens dessas entidades transitam nos Quilombos Educacionais, os quais serão melhor analisados adiante.

2.3. Entidades do atual movimento de educação

Enganar-nos-íamos se pensássemos existir separação entre os movimentos políticos da geração de ativistas dos anos 70/80 e o movimento Hip Hop que se estrutura nos anos 90 em Salvador. Grupos como MNU, Unegro, integrantes do ex-Niger Okan, partidos políticos de esquerda socialista e do movimento punk serviram e servem de esteio psicológico e ideológico para os novos artistas-ativistas. Os mais velhos e experientes são testemunhos vivos para os mais jovens. Parte do contingente Hip Hop participa simultaneamente dessas entidades e do movimento Hip Hop. Tudo está interligado, é um ciclo dialógico incessante. O Hip Hop baiano aprecia a tradição: Lazzo, Geraldo Cristal, Edson Gomes, Ilê Aiyê, Olodum, berimbau, atabaque; são artistas e elementos que aparecem na estética musical dos grupos. As lutas das comunidades são interligadas, uma vez que grande parte dos ativistas se conhecem e mantêm contato pela afinidade política, apesar de por vezes haver aversão moral.

Jovens do movimento Hip Hop²⁰ integram as mais diversas entidades e organizações políticas da cidade de Salvador, a exemplo do Atitude Quilombola, Coletivo de Entidades Negras (CEN), Movimento Negro Unificado (MNU), P C do B, Unegro, CMA Hip Hop, Campanha Reaja contra a violência racial, Blocos Afros, Rede Ayê Hip Hop.

No final da década de 90, outra entidade importantíssima, agregava neste período, parte da juventude Hip Hop. O Quilombo Cecília, criado em 1999, produz informação, conhecimento e cultura, lida com organização popular; busca oferecer à população financeiramente desfavorecida o acesso a essa cultura, saúde, informação. O editorial do Quilombo Cecília circunscreve devidamente parte de suas intenções.

²⁰ Considerando a heterogeneidade do movimento Hip Hop, aqui neste trabalho, enfatiza-se o movimento Hip Hop que atua com discurso e crítica quanto à questão racial.

Nós propomos a educação integral! Educação que se baseia no conhecimento profundo tanto das raízes antepassadas da formação dessa prática libertária, quanto das pilastras onde se fundamenta o Estado opressor. Pretendemos resgatar, na história, todos os focos de revolta e reajuntá-los com os conhecimentos retirados da nossa vivência cotidiana, não de uma forma acadêmica, eurocêntrica, mas seguindo as pulsações do nosso sangue que traz consigo a herança dos mocambos, das comunas, das aldeias Sioux. Um sangue que traz a memória genética do anarquismo, capoeira, medicina natural, dança, dada, bantustão, sobibor, computadores, parto acororado, telepatia, cabala, ayhuasca, canguru, arroz integral, alquimia, poesia, cesta de três, jazz, moicano, cadeira elétrica, kingstom, groove, alagados, tetrahidrocanabinol, futebol, Chiapas, punk, 1984, atabaque, Canudos²¹...

No início dos anos 2000 era forte a presença do público Hip Hop no Quilombo, porém as divergências ideológicas: anarquistas, feministas, movimento negro acirraram os campos. Sem contar que também as diferenças táticas de enfrentamento aos poderes externo-institucionalizados estabeleceram ruptura das forças atuantes. De qualquer modo, essa entidade desempenha importante papel como formação de opinião política de intervenção social para o Hip Hop, hoje em menor intensidade. Em uma de suas músicas, o grupo nacionalmente premiado “Melhor Grupo Norte Nordeste”: Afrogueto, do bairro de São Caetano, rima: *Lá no Quilombo Cecília que o Hip Hop abraça. Valeu Mandigo, Favela, agradeço pra caralho. Revolução cotidiana. Quilombo não é só lugar*”(faixa 4). Segundo outro manifesto da entidade, o “sistema” *esquece do povo punk, do povo hip-hoper que em suas músicas e atitudes políticas reconstroem uma contracultura de periferia urbana*. No Quilombo Cecília, ainda ocorrem eventos, espetáculos, recitais, batalhas, capoeira, free-style, reuniões, debates, cursos de formação intelectual e profissional, espetáculos musicais, teatrais, biblioteca, produção de jornal em bairros, produção de alimentos. O Quilombo Cecília deu um caráter extremamente politizado à juventude Hip Hop da geração 2000 e continua realizando atividades culturais de formação humana.

Há estreita relação entre movimento Hip Hop e Quilombos Educacionais de Salvador. Não só porque ambos possuem projetos ideológico-morais similares, mas também porque inúmeros integrantes do movimento Hip Hop estudaram e/ ou fazem parte da coordenação de algumas dessas entidades. Logo, importa tratar dos movimentos denominados Quilombos Educacionais em sua relação com o movimento Hip Hop.

²¹ Disponível em: http://br.geocities.com/salvador_libertaria/quilombocecilia.html. Acesso em 07 jan. 2009, 21h e 19 min.

Muitos dos novos atores sociais que integram o movimento Hip Hop estudaram nos cursos do Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA), formado por Asentewa, Cabricultura, Coequilombo, Emaús, Ilha de Maré, Irmã Bakita, Luiz Gama, Milton Santos, Movimento de Apoio e Respeito à Vida (MARV), Steve Biko. Os quilombos educacionais visam inserir a população negra e de baixa renda na universidade, mediante a qualificação da escolaridade. Esses quilombos educacionais²² são movidos pela força de seus colaboradores voluntários. Em alguns desses centros de saber, a disciplina Cidadania e Consciência Negra é o núcleo, a disciplina mais importante. Conforme Miranda (2007),

esse movimento negro na educação foi importante na luta pela isenção, pelas cotas raciais na Universidade Federal da Bahia, quando, desde 2001, estudantes do NENU e do CENUMBA em parceria com o Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFBA, Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB), Associação dos Servidores da UFBA (ASSUFBA), promoveram ações e debates, dentre eles o “Políticas de Ação Afirmativa na UFBA 2003”.

Sobre ações afirmativas na UFBA e participação dos grupos de Hip Hop cabe ressaltar a iniciativa do projeto Quadro Negro. Segundo Conceição (2007, p. 41)

O Hip Hop na Bahia foi pioneiro na discussão sobre as ações afirmativas que reservam vagas para negros/negras, indígenas e populares de baixa renda. (...) O projeto Quadro Negro ampliou as ações de sensibilização (...) foi produzido o cd “Quadro Negro” que foi distribuído através da fundação Palmares para as universidades e entidades que trabalham com questão racial e, concomitantemente, foi elaborada uma cartilha informativa chamada “Hip Hop pelas cotas: uma reação afirmativa” (...) o projeto Quadro Negro atuou em 6 (seis) escolas da rede pública de ensino em Salvador, sendo estas; Colégio Estadual Renan Baleeiro, Colégio Estadual Noêmia Rego, Colégio Alberto Valença, Colégio Estadual Cleriston Amndrade, colégio Estadual Bertholdo Cirilo dos reis, Colégio Estadual Cidade de Curitiba.

Tempos depois, o jornal Correio da Bahia divulgava uma notícia sobre o sistema de cotas na Universidade Federal da Bahia. Estampa imagens de estudantes em manifestação. Na foto, um participante do movimento Hip Hop, integrante do grupo Atitude Quilombola participava ativamente da manifestação pró-cotas. Neste jornal, pôde-se ler tal notícia:

Ao contrário da UFBA, a Uneb está longe da crise e comemora o sucesso

²² Nem todos os quilombos relacionados fazem parte do atual Fórum de Quilombo Educacional da Bahia, mas o iniciaram, participaram dele direta ou indiretamente

do seu programa. Aprovado no Conselho Universitário desde 2002, o sistema da Uneb é pioneiro no Brasil. “Três anos depois, vemos que o nosso plano está aprovado, tanto pelos alunos, quanto pelos professores. Todos aqui querem a continuidade das cotas” afirma o pró-reitor de pós-graduação da Uneb e um dos criadores do programa, Wilson Matos.

(...)

“As cotas estão ameaçadas estamos aqui para defendê-las”, dizia uma das faixas estendidas pelos estudantes. A reivindicação é de um grupo que se intitula Atitude Quilombola, criado para defender os interesses dos afro-descendentes na UFBA. (Correio da Bahia, 22-02-2006, p.4)

O Estado brasileiro não tem sido tão presente na promoção qualitativa da escolaridade para a população de baixa renda na Bahia. Sabe-se, igualmente, que um povo instruído, formado, politizado é capaz de pleitear direitos e cumprir melhor os deveres que lhes forem atribuídos pelas convenções sociais. A educação, portanto, é instrumento primordial no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Segundo o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação²³, a educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Enquanto a escola conserva noções absolutas de bom, belo e bem; transmite ensinamentos universais, técnico-científicos e desconhece as diversidades históricas e a importante contribuição epistemológica dos grupos sociais e, além disso, trata os assuntos como se os estudantes (e sua alma) não fizessem parte da história.

O surgimento dos Quilombos Educacionais significou uma reorganização da educação popular na Bahia, corresponde à melhor alternativa encontrada pelos movimentos sociais para capacitação dos jovens no ingresso às universidades, essa ação teve um impacto expressivo nas políticas públicas. Não se pode pensar em políticas de cotas nas principais universidades públicas do nosso Estado (UFBA e UNEB) sem fazer referência à participação dos Quilombos Educacionais na proposição dessas políticas e na pressão social feita para o convencimento do corpo acadêmico das instituições universitárias.

Em face da má qualidade na formação na rede pública tanto no Nível Fundamental quanto no Médio, as organizações da sociedade civil se mobilizam, a fim de implementar projetos educativos permanentes, a fim de reverter os indicadores sociais desfavoráveis à integridade

²³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 2ª edição, Brasília, Câmara dos Deputados, 2001, p.9

humana. O terceiro setor tem substituído as atribuições do Estado, o qual não tem sido eficiente no cumprimento de suas funções quanto à educação pública, gratuita e de qualidade para todos.

O ciclo contraproducente se fecha quando estudantes egressos do Ensino Médio não podem dar continuidade a sua formação por causa do alto custo dos serviços e dos instrumentos de suporte à trajetória educacional. Para ingressar na universidade, normalmente é preciso estudar em um curso pré-vestibular do circuito comercial em bairros distantes, de “elite”. Além disso, os cursos existentes na cidade têm custo elevado para o padrão de vida dos que habitam os bairros economicamente pobres da periferia de Salvador. Acrescido a isso, estão os gastos com transporte e alimentação, os quais oneram ainda mais as despesas. Contrariamente a esta lógica, os Quilombos Educacionais aproximam-se física e “espiritualmente” do indivíduo na medida em que se situam próximos à residência do (a) estudante, dando-lhe suporte sócio-psicológico.

Imbuído de procedimentos sócio-pedagógicos, o Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA) tem realizado práticas educacionais, efetivando as ações afirmativas. Isso por causa da imensa defasagem educacional em que se encontra a população pertencente à faixa de pobreza em Salvador, constituída basicamente de negros (as) (pardos e pretos). Setores da Igreja Católica, das associações de moradores, do movimento negro, grupos de mulheres e partidos políticos – todos constituintes do (FOQUIBA) - têm se mobilizado no amplo mutirão educacional com o intuito de fornecer conhecimento, e preparar devidamente o público alvo não só para o ingresso à universidade e ao mercado de trabalho como também na participação nos processos de gerenciamento das instâncias de poder.

A evasão escolar, a apatia ao conteúdo e ao ambiente estudantil estão relacionados ao “deslocamento”, à falta de adaptação entre corpo discente e conteúdo programático (currículo) que mantêm a invisibilidade do povo negro (pretos e pardos) como agente da história. Tamanha é a deformação das narrativas pedagógicas que contribuem para a baixa auto-estima dos estudantes negros²⁴. A lei 10.639/03 introduziu nas escolas públicas o ensino de História da África e da população afro-descendente, para tentar dirimir essa situação. De forma que o advento da lei só ratifica o acerto nas práticas reparatórias empreendidas pelos Quilombos Educacionais cujas ações antecederam pedagogicamente a referida lei. Ao tratar

²⁴ Ver Ana Célia Silva: *A discriminação do Negro no Livro didático*. Salvador-Ba: EDUFBA/CEAO, 1995.

de cidadania, consciência pertencimento étnico durante a fase preparatório para o vestibular, os Quilombos Educacionais consagraram reflexões que politizam e fomentam a cidadania do público estudantil majoritariamente negro.

O surgimento do Fórum de Quilombos educacionais da Bahia – FOQUIBA se deu em 21 de outubro de 2001, mediante cumprimento de utopias das organizações católicas, negras, militantes de partidos políticos de esquerda e de voluntários, com pressuposto de uma pedagogia anti-racista e inclusiva, acreditando que a educação é um instrumento de construção social capaz de produzir subsídios transformadores para uma sociedade que supere as assimetrias raciais da cidade de Salvador.

Diante das questões levantadas pela Pastoral Afro Brasileira da Igreja Católica de Salvador, acerca da constatação da quase inexistência de negros nas universidades baianas, não obstante às iniciativas de grupos e cooperativas surgidos do Movimento Negro, foi idealizado o Seminário Educacional para a Comunidade Negra. Este seminário, promovido pelo CAAPA (Centro Arquidiocesano de Articulação da Pastoral Afro), realizado em outubro de 2001, teve como objetivo discutir a educação na Bahia e, particularmente, o ingresso e permanência da população negra nas Universidades O Seminário contou com a participação de 11 entidades que trabalham no campo da educação para a população afro-descendente da Bahia, entre elas o Curso Dom Climério de Vitória da Conquista – BA, o Curso de Cruz das Almas, BA, O Curso Milton Santos - IAPI, Salvador, O Curso Pré-Vestibular Alternativo Coequilombo – Plataforma, Salvador, O Curso Alternativo Santa Terezinha e o Curso Pré-Vestibular Irmã Bahkita, estes ligados ao CAAPA, além do Instituto Cultural Steve Biko, Quilombo Asantewaa, Quilombo do OROBU, Cajazeiras, CEAURO e a Escola Eugenia Ana (do Terreiro Ylê Axé Opô Afonja). Neste seminário, algumas questões foram debatidas pela assembléia, surgindo daí as seguintes proposições, que foram aprofundadas em grupos de trabalho específicos²⁵ .:

- O que fazer para multiplicar os núcleos de Pré-Vestibular, em Salvador e no interior do Estado?
- Qual pedagogia a ser adotada nestes cursos voltados aos afro-descendentes?
- Quais são as alternativas para acesso e permanência dos/as negros/as nas Universidades?

²⁵ Parágrafo extraído do projeto enviado à Coordenadoria Ecumênica de Serviços- CESE, em junho de 2007, pelas entidades do Foquiba – Fórum de Quilombos Educacionais.

- Como criar uma central única para refletir sobre questões referentes à educação do povo afro-descendente?

A partir destes trabalhos, os grupos elaboraram propostas como:

- Discussão da metodologia aplicada pelas entidades educacionais negras, voltada ao perfil dos seus alunos, elaborando e adaptando materiais adequados, juntamente com a coordenação do respectivo curso;
- Mudança da elaboração da prova do vestibular;
- Formação crítica dos professores envolvidos nestes projetos;
- Releitura da história do povo negro, possibilitando a chegada a uma unidade política e ideológica, à luz das raízes culturais;
- Criação de cotas para negros/as nas universidades;
- Criação de Universidades específicas para negros/as;
- Utilização de uma estratégia de socialização das experiências de cursos alternativos nos bairros de Salvador e no interior do Estado;
- Estabelecimento de convênios com Instituições, feitos em conjunto pelos centros educacionais negros;

Destacou-se, entre estas, a última proposta – criação de um Fórum que congregasse as Instituições que trabalham com a questão de acesso de negros/as ao Ensino Superior (FOQUIBA). As entidades fundadoras e proponentes deste projeto são: Curso Dom Climério de Vitória da Conquista – BA, o Curso de Cruz das Almas, BA, O Curso Milton Santos - IAPI, Salvador, O Curso Pré-Vestibular Alternativo Coequilombo – Plataforma, Salvador, O Curso Alternativo Santa Terezinha e o Curso Pré-Vestibular Irmã Bahkita, Instituto Cultural Steve Biko, Quilombo Asantewaa, Quilombo do OROBU-Cajazeiras, estes últimos situados em Salvador.

Nos seis anos de existência do Foquiba, várias foram as atividades realizadas pelas entidades que participam da instituição. As ações realizadas em conjunto propiciaram a conquista de várias vitórias como a implantação do sistema de cotas nas universidades Federal (UFBA) e do Estado da Bahia (UNEB). Além de atuar em rede, as instituições atuam em seus bairros de origem proporcionando benefícios no padrão de vida das pessoas que conseguem se profissionalizar nas instituições de ensino superior baianas. O Fórum atualmente congrega

mais de 800 estudantes diretos, 250 professores, coordenadores e equipe administrativa todos voluntários, dentre estes a maioria são estudantes egressos dos quilombos educacionais.

As referidas entidades desempenham um papel importante na perspectiva de vida e direcionamento crítico-ideológico de adolescentes e jovens. A entidade de maior ressonância é, sem dúvida, o Instituto Steve Biko. Por onde passam grande parte dos MCs, Djs e ativistas dos movimentos sociais de Salvador. Muitos deles já trazem evidentemente sua carga de experiência de militância anterior. O objetivo do Instituto Cultural Steve Biko é preparar estudantes afro-descendentes, pobres e preferencialmente oriundos de escolas públicas através de um projeto político-pedagógico que concilia a preparação técnica para as provas seletivas das universidades públicas baianas com uma formação voltada para o exercício da cidadania, elevação de auto-estima e valorização da contribuição da ancestralidade e de suas diásporas²⁶. É preciso ressaltar que o instituto conta com uma equipe de professores profundamente comprometida com tais projetos. E, apesar das dificuldades e crises enfrentadas, existe solidariedade com o corpo discente da entidade. A grande maioria, entretanto, admite ter tido ganhos significativos durante o curso. Em 2006, firmou-se uma parceria entre o Blacktude e Steve Biko.

O Instituto Cabricultura de Educação, Cultura, Arte e Meio Ambiente foi formado em 20 de novembro de 1999, data que lembra Zumbi dos Palmares. O Cabricultura é uma organização não governamental que tem como finalidade fazer intervenções sócio-culturais na comunidade do Cabrito de Baixo (São Bartolomeu) e Parque São Bartolomeu, ambos situados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Desde sua fundação, esta entidade tem realizado inúmeras atividades sociais: festivais de Hip Hop (2000 e 2001); festivais também organizados por MC Metal, à época em que esteve na coordenação do Cabricultura. O Cabricultura realizou concursos de Beleza Negra (2000, 2001, 2002); curso de redação e jornal comunitário em parceria com a UNICEF (2004); alfabetização de adultos em parceria com o SESI (2004); grupo de estudo pré-vestibular com professores voluntários (2004-2005); aulas de dança e capoeira para crianças; reforço escolar no ensino fundamental em parceria com a AVISI (2005); parceria com o PET – UFBA. A parceria PET-UFBA e Cabricultura visava à preparação de estudantes do pré-vestibular do Cabricultura, visando à inserção de estudantes nas universidades baianas. Por tudo isso, a entidade é referência em educação no Cabrito de Baixo.

²⁶ Caderno de 15 anos de fundação do Instituto Cultural Steve Biko. 2008.

Esses movimentos de educação atravessam crises constantes, já que não dispõem de recurso algum, senão da contribuição do corpo discente para manterem a entidade. Nos últimos anos têm havido algum apoio especialmente da CESE, mas, ainda assim, estas entidades de educação continuam à margem fazendo educação sem recurso algum e aqui vale ressaltar a participação de professoras e professores que sustentam essas iniciativas com seu trabalho e utopia de melhorar as condições de vida da população,

O professor e pesquisador Milton Moura (2007, p.14) identifica outra organização de caráter educativo na ambientação da música rap em Salvador:

Outra iniciativa nesta linha é a ONG Instituto Eletrocooperativa, criado em 2003 com o objetivo de incluir jovens e adolescentes de baixa renda em projetos de geração de renda, priorizando o aspecto tecnológico-informacional. Aprendizes de diversos blocos e outras organizações afro por aí vêm passando. Fala-se em *inclusão musical*, na esteira de algumas tendências no âmbito da moderna disciplina Economia da Cultura, em que é especialmente valorizada a circulação da produção de artistas que não têm acesso fácil ao mercado. Este traço se conecta ao da interatividade e ao que a Eletrocooperativa chama de *generosidade intelectual*. Acredita-se que a captura dos conhecimentos tecnológicos de última geração na área da música e da gravação digital pode potencializar consideravelmente as atividades de composição, arranjo, gravação, edição e masterização. Os trabalhos da ONG já foram veiculados em programas televisivos de elevada audiência da Rede Globo de Televisão, bem como em emissoras de programação cultural mais intelectualizada e em emissoras de programação local. Pelo menos três grupos organizados a partir da Eletrocooperativa vêm ensaiando sucesso na cena local, com uma combinação de rap e música eletrônica; Afrogueto, Império Negro e Eletropercussiva.

A Eletrocooperativa visa à capacitação e profissionalização de pessoas ligadas às artes. É uma produção coletiva de talentos que não temem o mercado e buscam reconhecimento de suas habilidades. Além da Eletrocooperativa, o Blacktude é uma das principais organizações que atuam na formação política da juventude ligada ao Hip Hop. A qualificação profissional é um dentre muitos objetivos do Blacktude. Segundo Nelson Maca,

O coletivo Blacktude é composto por pessoas que se reúnem para apresentações artísticas e trabalhos sociais com o mesmo prazer e intensidade. Compreendemos o Hip Hop como um patrimônio de todos. A nossa vinculação ao Hip Hop segue duas bases vitais: a estética das linguagens artísticas dos chamados quatro elementos e a inserção nas lutas sociais. Neste sentido, estendemo-nos como desdobramento do movimento negro. Procuramos retomar a linha estética e politicamente contundente da cultura da década de setenta, assumindo-nos como uma tentativa de

desdobramento do inesquecível Black Bahia, que lançou as sementes dos blocos afro-baianos, como o pioneiro Ilê-Ayiê. Da sua forma, o Blacktude concebe a arte como forma de luta contra a discriminação e contra o racismo que vitimam o povo africano onde quer que ele se encontre. Por isso Blacktude: blacks + atitude. (MACA, 2005, p. 4)

O testemunho do professor e pesquisador Nelson Maca ratifica a existência de camadas históricas que se interligam: as décadas de James Brown, dos blocos afros e afoxés, do clube de eventos Black Bahia historicamente ao BlackTude e ao movimento Hip Hop contemporâneo. O antigo e o novo são a unidade inseparável, o mesmo corpo com novos membros.

Outra entidade bastante atuante é o CMA, Comunicação Militância e Atitude Hip-Hop, é um núcleo de comunicação alternativa que surge em março de 2005 com o objetivo central de potencializar a comunicação do Movimento Hip-Hop Baiano e dos Movimentos Sociais. Composto por representações de diferentes setores como Rede Sou de Atitude, Núcleo de Comunicação da Rede Aiyê Hip-Hop, Rádio Comunitária, Estudantes de Comunicação e Jornalismo, Campanha Reaja ou Será Morto. Ela nasce com intuito de contribuir para superação das barreiras culturais e simbólicas mantidas por grandes veículos da mídia comercial, que compromete a efetivação das ações na área dos direitos humanos. Vem desde 2005 prestando assessoria de comunicação gratuita para entidades do movimento social e do movimento negro, como: cobertura de eventos, divulgação, produção cultural e etc... A CMA foca suas ações na comunidade do Bairro da Paz, desenvolvendo seminários, bate-papo sobre identidade, gênero, raça, cidadania, direitos humanos e atividades sócio-cultural, para o desenvolvimento humano da juventude da comunidade e a população em geral²⁷.

Atualmente a CMA HIP HOP tem parceria com o sites www.rapnacional.com.br, www.estacaohiphop.com.br, Jornal Estação Hip Hop (vinculação nacional), e rádios comunitárias, CEAFRO, Instituto Cultural Steve Biko, Núcleo Omi Dudu – Resgate e Preservação da Cultura Afro Brasileira.

Bastantes reivindicações aliadas à relativa abertura política da atual administração pública estatal resultaram no programa de rádio intitulado “Evolução Hip Hop” estreou no dia 24 de novembro de 2007, exibido ao vivo, todos os sábados às 5 da tarde na Rádio Educadora FM

²⁷ Informações cedidas por dj Branco, coordenador do CMA.

107.5 (rádio pública da Bahia). O Evolução Hip -Hop “tem caráter educativo, informativo e de entretenimento, com 100% Rap Nacional priorizando o rap baiano e do eixo norte-nordeste!”²⁸. O Evolução Hip-Hop vai ao “AR” às 5 da tarde na *Rádio Educadora FM 107.5* (rádio pública da Bahia) no comando do Dj Branco e comentários Jorge Hilton, com produção da Comunicação Militância e Atitude²⁹.

Influente organização em torno do cotidiano Hip Hop soteropolitano, Atitude Quilombola, é uma organização política que também realiza diversas atividades no âmbito da educação e política em parceria com grupos de Hip Hop de Salvador. Abaixo algumas de suas atividades:

- Primeira caminhada do Nordeste de Amaralina no dia Internacional de Combate ao Racismo, em 21 de março de 2006; segue até o Largo de Santana no bairro do Rio Vermelho, expressando-se através do Hip-Hop, da explanação de poesias, de palavras de ordem, e atividades culturais a resistência da comunidade negra.
- Realização anual de caminhadas, no dia 20 de novembro, dia nacional da Consciência Negra nos bairros de Pernambués, Massaranduba e Nordeste de Amaralina.
- Primeira Caminhada pela Reparação no Subúrbio Ferroviário de Salvador em 2006, com a mobilização e construção dos moradores, cuja representação na caminhada chegou a aproximadamente 200 pessoas que se manifestaram cultural e politicamente através da Capoeira, Hip-Hop etc.
- Fomentação da campanha baiana em defesa das ações afirmativas, através da fundação do Comitê Baiano em Defesa das Cotas Raciais, conjuntamente a diversas entidades representacionais da comunidade negra em 2007.
- Caminhada de Defesa dos Remanescentes de Quilombos e Terreiros de Candomblé do Recôncavo Baiano, em Cachoeira, no ano de 2006.
- Primeira Conferência Internacional sobre a Reparação e a Descolonização do Conhecimento, em parceria com a Universidade Federal da Bahia, em maio de 2007. Realizou-se um intercâmbio científico, cultural e político entre povos da diáspora africana, do Caribe, do Brasil e, em especial da Bahia; evidenciou a internacionalidade do protagonismo negro, concatenando como resultado a publicação de um anal com os artigos e explanações proferidos na Conferência.

²⁸ Palavras de dj Branco, coordenador do CMA (Comunicação, Militância e Atitude) em divulgação do programa mediante e-mail, quarta, 21 de Nov 2007, às 19h e 33min.

²⁹ Informações cedidas pessoalmente por DJ Branco.

- Participação conjuntamente com outras entidades do movimento negro baiano da Campanha “Reaja ou será morto”, pleiteando punições aos grupos de extermínio e à violência institucional em 2007.
- Primeira Caminhada no dia 25 de julho de 2007, Dia Internacional da Mulher Negra, Latina Americana e Caribenha, no Centro de Salvador, juntamente com o Coletivo de Entidades Negras, Associação das Mulheres do Alto das Pombas entre outras entidades.
- Projeto *Hip Hop/ basquete 2008* em parceria com o grupo de Hip Hop Conceito Negro.

Alguns grupos de Hip Hop de diferentes bairros se fazem presentes em atividades políticas, culturais e de educação em parcerias com diversas entidades políticas da cidade de Salvador. A participação não é apenas “profissional” na condição de cantores, músicos, mas também como ativistas de causas inúmeras.

2.4. Contextualização sócio-política: batalha no campo existencial

A cultura popular utiliza recursos e tecnologias da cultura midiática para re-constituir-se. As práticas educacionais do rap são uma característica da cultura popular, já que se difere da cultura de massas no conteúdo e no cotidiano de prática de reconstituição do território. O *Hip Hop* soteropolitano é cultura popular nos termos que Milton Santos (2001, p.144) a denomina: *a cultura popular exerce sua qualidade de discurso “de baixo” pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias*. Essa cultura valoriza simultaneamente a experiência da escassez e, por isso, da solidariedade. Há, no movimento Hip Hop soteropolitano, algo que não é contingente nem passageiro: a solidariedade universal de seus integrantes, o sonho por justiça, o espírito de reconstrução do mundo politicamente adverso. Portanto, o Hip Hop é só mais um modo de expressar sentimentos e efetivar sonhos, projetos políticos completamente diferentes do culto à violência que se lhe atribui.

O Hip Hop cresceu em meio à escassez simbólico-material, por isso, desde o início na Jamaica/Estados Unidos projetou recuperar jovens delinquentes, resgatar história, estima, noção de respeito societário. O discurso e prática solidários, existentes nessas manifestações artísticas, é o que há de comum e inexaurível na prática do Hip Hop na “cidade do axé”. E é isso que o diferencia de estilos musicais e artísticos voltados apenas para o mercado, para o

estrelato. Inúmeros grupos de rap de Salvador sabem que “talento é pra vender”; desejam, sim, o estrelato sem desapegar-se do ativismo político. A solidariedade é o elemento original, surge da necessidade de enfrentamento criativo às ameaças à vida, à saúde, aos direitos humanos. Como projeto, a solidariedade é marcante na linguagem dos grupos de rap, que tem sido uma das soluções contra as agressões étnicas das políticas de saúde, de educação e da economia. A atroz experiência fez delinquentes se regenerarem e investirem na recuperação da juventude favelada em todo o mundo. Projetos sociais que aspiram ao êxito recorrem à linguagem juvenil audiovisual, por isso adotam o *Hip Hop* como força regenerativa. Inúmeros migrantes, comerciantes de drogas ilícitas e assaltantes regenerados pela música *rap* têm fornecido arte humanista à sociedade. De forma que será difícil deixar de falar em bala, sangue, ódio à violência policial, ao Estado, por que esta é a realidade cultural de alguns que estão dentro ou fora do crime. A narrativa trágica expressa nas letras de *rap* não veio dos céus, senão dos becos, dos esgotos, do tapas e tiros na cara, dos barracos de tábuas e plásticos. A cultura *rap* nasce da inveja, do sonho, da escassez de capital simbólico - enfim, da falta material e imaterial; do excesso de revolta. Afirmar que o Hip Hop possui quatro elementos significa reduzi-lo ao aspecto físico, negligenciando o metafísico, a saber, conhecimento, politização, etnicidade, hibridismo estético, conjugação de material midiático contínuo

Há séculos, a discriminação racial tem sido benéfica para quem a opera e, em Salvador, é operada de modo amistoso, cordial, carinhoso, festivo, amigável; garante para a camada populacional não-negra privilégios na empregabilidade, no consumo de conhecimento e bens sociais (saúde, escolaridade, lazer, bens materiais). *Que democracia racial é esta que impossibilita a mobilidade sócio-econômica do grupo étnico constituído pelos descendentes de africanos aqui escravizados?* (CONCEIÇÃO: 2005, 42). Racismo é instrumento que assegura aos não-negros concorrer só entre si. Segundo Reis (2001) “O racismo atinge não só o que o censo convencionou chamar de pretos, mas também os pardos (...). Não basta ao negro a mesma escolaridade e treinamento profissional que o branco para alcançá-lo na corrida da ascensão social ou da mera sobrevivência. Na hora de definir quem vai ganhar o emprego ou quem vai progredir na empresa, a cor volta a contar.” Em Salvador, como no Brasil, existem cotas positivas reservadas a outros trabalhadores, desde que não sejam negros. Este é um fator que dispensa mérito e competência; fator que assegura aos não-negros concorrerem apenas entre si. Racismo gera renda, riqueza, carros importados. Por outro lado, os discursos e a prática pedagógica dos Hip Hoppers aqui estudados reagem a essa realidade.

Em Salvador, maior parte dos grupos de rap só se encontram em momentos de exibir seus dotes ou talentos artísticos. No mais, praticamente inexistem reuniões e atividades políticas, diferente do que acontecia no fim da década de 90 e início dos anos 2000, quando havia inúmeras reuniões no Passeio Público, no Quilombo Cecília. Neste período, eram intensas as atividades na Universidade Católica, da Joana Angélica, Terreiro de Jesus e Pelourinho e bairros da cidade. No âmbito do Hip Hop são incomuns discussões sobre ações afirmativas, políticas públicas, violência policial, crise na educação, etc. Porém, quando há perspectiva de ganhos, viabilizados por projetos de incentivos – seja estimulados pelo Estado, seja por agentes privados – aí sim, existe maior mobilização. Para reforçar as atividades do movimento, estudantes universitários, também participantes do Hip Hop, realizam atividades, e a Universidade do Estado da Bahia – UNEB - tem sido local de pouso para o Hip Hop baiano. Abaixo, uma ilustração dessa parceria:

SEMINÁRIO “DO DIA 14 DE MAIO A ATUALIDADE, ONDE ESTÁ NOSSA LIBERDADE? – DISCUSSÕES SOBRE A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA”

O NÚCLEO DE ESTUDOS AFROUNEB – SSA convida todas e todos para prestigiar seminário “Do dia 14 de maio a atualidade, onde está nossa liberdade? – Discussões sobre a abolição da escravatura” que será exibido no Auditório Jurandir Oliveira - Departamento de Educação da UNEB CAMPUS I - Salvador.

No dia 12 de julho de 2008 (sábado), a partir das 8:00 horas, é dia de homenagear as negras e os negros que conseguem sobreviver sob uma ditadura racial, disfarçada de democracia. Discutiremos temáticas interessantíssimas e de grande relevância ao nosso povo, além de bate papo, poesia e muito rap com os grupos RBF – Rapaziada da Baixa Fria, O.P.A.N.I.J.E, Conceito Negro e Umkonto.

O Núcleo de Estudos AFROUNEB Salvador envolve a comunidade acadêmica Unebiana e a comunidade externa com a proposta principal de discutir sobre as determinações da **Lei Federal 10.639/03** – História e Cultura da África e das populações afro-brasileiras, conteúdo e metodologia para viabilização deste estudo na Educação Básica, bem como conhecer e discutir sobre a cultura das comunidades remanescentes de quilombos residentes nos diferentes municípios e sobre aspectos das culturas e histórias afro em geral. O espaço do Núcleo de Estudos possibilita o debate sobre os diferentes temas, levando seus membros a conhecer os vários enigmas sobre a história dos africanos e seus descendentes aqui no Brasil.

Obs: Esta atividade acontecerá no Auditório Jurandir de Oliveira - Departamento de Educação da UNEB - Salvador³⁰.

A Universidade do Estado da Bahia – UNEB – é roteiro das muitas atividades realizadas pelos grupos de Hip Hop. O encontro União dos Manos, em novembro de 2007, congregou basquete, poesia, grafiteagem. A poetisa Cleide foi entrevistada³¹, e falou sobre a participação da mulher no movimento Hip Hop.

Eu sou Cleide, tenho 21 anos, sou da comunidade de Saramandaia. Faço parte do Instituto Cultural Saramandaia em Movimento, que é o Movimentarte; é um grupo que foi fundado por jovens da comunidade que lutam em prol da comunidade.

A mulher tem toda uma participação que contribui para o desenvolvimento. Primeiro que a gente questiona a ocasião do gênero dentro no Hip Hop, quando a gente discute a União dos Manos, que agora é União dos Manos e das Manas, porque a gente sempre reclama a nossa participação e a gente quer tá presente sempre, porque a gente se sente parte disso. Desde a nossa origem de... as nossas matrizes africanas quanto a questão de tá no envolvimento no dia-a-dia do trabalho no desenvolvimento da música, seja da poesia, ou do grafite, e acho que todos nós ... essa é uma luta de todos lutamos em relação aos negros, em relação aos homossexuais, aos idosos a gente também tem que lutar na questão da mulher a gente sabe que infelizmente a sociedade colocou o padrão de que mulher é aquela que fica na cozinha e a gente hoje tá aqui no Hip Hop e hoje a gente tá aqui no rap, grafite, na poesia, na sociedade em si..

Existe algum impedimento? Alguma exclusão dentro do movimento Hip Hop em relação à participação da mulher?

Com o passar do tempo isso vem se desmitificando, antigamente era um pouco mais forte. Eu não sei se era exclusão, não era o foco, mas acho que as mulheres têm chegado mais no Hip Hop faz com que homens no movimento nos aceitem mais, nunca tive dificuldade.

Cleide Cristiane Santos participa ativamente do Instituto Movimentarte Saramandaia, onde realiza atividades de arte educação nas escolas junto ao Hip Hop, analisando e aplicando a lei 10.639/03 nas escolas e postos de saúde, produz eventos, sem financiamento, mas com ajuda de amigos, pequenos comerciantes que se encarregam de som, lanche e pequenos recursos. Tentam resolver coletivamente problemas que afligem pessoas. Quase sempre as discussões tratam de racismo e sexismo. A juventude Hip Hop e simpatizantes, organizados nos bairros reúnem-se em prol da cultura e da educação não-formal. Essa camada populacional está atenta às questões sociais de discriminações em geral. Cleide recita poemas fazendo a letra do rap,

³⁰ CMA HIP-HOP" cmahiphop@hotmail.com: Para: cmahiphop@grupos.com.br. Para Quinta-feira, 10 de Julho de 2008 10:07

³¹ Entrevista realizada 17 de novembro de 2007, em Salvador, Bahia, Brasil..

foi convidada pelo grupo RBF para o evento na UNEB. A Universidade Federal da Bahia é um espaço aberto para eventos de Hip Hop, é aí que a comunidade frequentemente se reúne em eventos.

O processo de educação transfigurada em debates, reflexões políticas são promovidas por grupos diversos no movimento social. O Hip Hop soteropolitano por si não se tem mobilizado ante as crises sociais. As poucas mobilizações existentes são promovidas na cidade por núcleos estudantis das universidades e grupos como Coletivo de Entidades Negras, Disque Racismo, Atitude Quilombola e MNU. Nas duas últimas entidades existem alguns coordenadores, os quais integram simultaneamente o movimento Hip Hop. Convém salientar que, mesmo o Hip Hop mais politizado, congrega suas energias belicosas em torno da retórica, da rima, nos programas de ONGS e das festas, priorizando o aspecto celebrativo e cultural em detrimento de outra forma de prática política militante. Essa escassez de exercício no campo político limita e atrofia a existência da organização do Hip Hop além fronteira da cultura, tornando amadora e frágil a organização para reivindicar políticas mais abrangentes destinadas à camada populacional da qual faz parte este público juvenil. Nem mesmo à época em que o jovem rapper de nome BLUL foi assassinado em Salvador houve mobilização significativa.

Percebem-se diferentes modos, agora mais tímidos, de fazer política. Em abril de 2008, no evento realizado na avenida Vasco da Gama no Quilombo de Chôta, situado na Ladeira do Cangira, distribuía-se panfletos com a seguinte impressão:

Não se deixe enganar! Os políticos estão voltados para seus próprios interesses e o povo acha que deve votar no candidato menos ruim. O povo não sabe que tem poder de mudar: O povo não tem auto confiança. Se todos votarem nulo mostrarão o tanto que estão insatisfeitos com os políticos, e conseguirão mudar essa situação. **NÃO SE DEIXE ENGANAR VOTE NULO.**

O fragmento textual incentiva outro modo de fazer política através da desconstituição do Estado. Aqui, mostrar insatisfação solucionaria o problema do egoísmo dos governantes. Quem sabe essa seja uma solução, mas não deve ser a tática eterna. Além disso é primário acreditar que somente insatisfação seja estágio final da resolução. Seria necessário ir além do voto nulo insatisfeito e organizar novas táticas. Segundo Lima (2006, p.135), *havia uma aproximação do Hip Hop em Salvador com o movimento anarco-punk, inclusive conheci um*

grupo de rap no qual um dos rappers era do movimento anarco-punk. Existem diversas perspectivas políticas nas entranhas do Hip Hop em Salvador. Também isso o torna incapaz de elaborar perspectivas fora do plano doméstico-voluntário. O termo política, nesta abordagem, é concebido conforme Nogueira (2001, p. 28):

luta apaixonada, entrega e dedicação. Como aposta nas vantagens da comunidade – do latim *comunitare*, referente ao que é comum - disposição de interferir nos rumos das coisas, ser sujeito ativo dos processos que dizem respeito a todos e a todos comprometem. Em seus estágios mais avançados, é aposta na participação democrática, dedicada a re-fundar o poder, a transformá-lo em algo mais acessível, menos ameaçador, mais compartilhado.

Sabe-se que há estreita relação entre punks e jovens do Hip Hop, muitos integrantes foram do movimento punk, habitam o mesmo espaço, são amigos, freqüentam os mesmos *shows* de rap, organizam juntos os eventos respeitam-se as opiniões. Da década de 80 para 90, mudou-se a forma estético-cultural. Parte da juventude migrou do punk para o Hip Hop. Preservou-se o conteúdo caracterizado pela crítica, politização, denúncia, relativa organização. Durante pesquisa bibliográfica e visitas aos locais de ventos, pôde-se constatar que o movimento Hip Hop é feito também por ex-integrantes do movimento punk. Semelhante realidade expressa a interligação dos discursos da militância que migra para instituições, repartições, entidades, grupos artísticos. Isso também explica o não engajamento do público Hip Hop em campanhas político-partidárias. Anarquia e democracia ainda não se combinam, pelo menos sob perspectiva da juventude rap-punk.

O basquete é um outro componente para a sociabilidade, lazer e informação da juventude. Além disso, as rádios comunitárias prestam relevante papel na formação da identidade étnica dos indivíduos. Negro Davi, integrante do grupo Conceito Negro, atuante no bairro de Pernambués, fala das atividades culturais desenvolvidas no bairro:

A experiência que tenho como pessoa do basquete em Pernambués, tá ajudando a levantar a auto-estima da rapaziada lá, porque o Hip Hop não tava tão assim, na comunidade, tão presente. Quando passei a escutar o rap, passei a participar da posse Amigos de Pernambués, a fazer programa na rádio comunitária, a Pernambués FM, aí comecei a ter idéia de fazer eventos, evento pra divulgar na comunidade, pra o jovem escutar, e saber o que é o Hip Hop também parar de escutar só o pagode, entendeu, aí a gente fez o Lance Movimenta, foi lá no Beco do Chafariz, o evento foi bem divulgado na comunidade, tem até um dvd, e encheu. Aí os cara começou a colar, curtir o rap, começou a conhecer a letra da gente, e passou a jogar o

basquete , a galera tá indo pro colégio Renan Baleeiro e várias pessoas que não conheciam o que era Hip Hop, através do basquete, passou a querer escutar a música rap. Tá sendo muito importante, porque a gente tá ganhando mais adepto, pessoas que tá chegando com compromisso mesmo. E pra mim é uma vitória, porque o trabalho que a gente tá fazendo na comunidade tá dando resultado³².

Falar na rádio comunitária para “ganhar mais adepto” é um projeto já efetivado por alguns, mas muito ambicionado por muitos dos participantes do movimento. Esse canal de comunicação tem sido importante na divulgação da cultura e forma de vida Hip Hop.

Necessário enfatizar que o mapeamento feito das organizações de educação não-formal é insuficiente para retratar a realidade, uma vez que não cabe neste trabalho a quantidade de entidades. O critério para enunciá-las aqui foi, ora a intensidade da ressonância que têm, ora a singularidade do trabalho, a exemplo da prática do basquete.

As práticas sociais supracitadas realizam cotidianamente micro-história e influem nas políticas públicas. Cabe, nessa circunstância, perfeitamente o sentido de *poder*, entendido como forças reativas, as quais recepcionam e re-criam micro formas de vivências e sociabilidade; poder de re-invenção do cotidiano, de organizar-se socialmente ainda que de modo vagaroso e frágil; poder como modo de esquivar-se de projetos estruturais de domínio absoluto. Nesse sentido, convém parafrasear Foucault, cuja noção de poder reside estendido por toda parte, em vez de concentrado nas forças do Estado. Portanto, a noção de poder é mais genealógica que positivista ou dialética revolucionária. Foucault pensa poder enquanto contradição não-negativa, não-dialética. A contradição foucaultiana significa descontinuidades das forças que constituem uma propriedade política não localizada; logo, não há negatividade, nem contradição da manifestação do poder, mas afirmação incessante. Esta é uma perspectiva genealógica na medida em que poder multiplica-se, distribui-se. O grupo Opanijé afirma em sua música “Encruzilhada”: *Meus versos têm poder (...). Nós temos o poder. Nós somos o Hip Hop. O Hip Hop tem poder*. Por ser múltiplo, o poder foucaultiano não estaciona nem se concentra numa classe ou grupo, ele é movimento e circularidade. Isso não refuta a posição de comando dos disciplinadores nem a hierarquia dos poderes, mas também não inocenta os aplicadores da lei, da disciplina, das doutrinas. O poder nega ser possuído exclusivamente por localizados agentes sociais. Todos estão imbuídos dele. Não se faz necessário ideologia para exercê-lo, mas inconscientemente ele se apropria das ações dos

³² Entrevista concedida em abril de 2008.

indivíduos e instituições. Assim, a história, as relações de forças não podem ser explicadas polarizadamente por extremidades. Há uma multiplicidade de energias e acontecimentos que interferem na história não-dita, analisada sob perspectivas maniqueístas e limitadoras. Essa é a abertura inconstante, silenciosa, advogada por Foucault.

A população é conduzida a produzir poderes nos bairros em que habitam. Transformam-se de fontes recursos tributários produtores de cultura, educação e arte. Desse modo qualificam um pouco mais os bairros onde vivem.

CAPÍTULO III

CONFIGURAÇÃO FÍSICO-CULTURAL DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO

I

O desejo é mais forte do que a lei.
(Elizete Assunção – moradora do bairro
Cabrito de Baixo)

II

Mulher barriguda que vai ter menino Qual o
destino que ele vai ter?
Que será ele quando crescer?
Haverá guerra ainda?
(Secos e Molhados)

3.1. A historicidade do cotidiano

O Subúrbio Ferroviário tem sido descrito principalmente como lugar de história econômica, repleto de dados estatísticos gerais, abstratos, universais que retratam parcial e atrofiadamente a vida da população. Nesse sentido, a História é um utensílio interpretativo, é um fim em si mesmo, que se basta enquanto unidade absoluta. Por isso, neste capítulo, é mister que se empreenda uma *abordagem genealógica* (FOUCAULT, 1999), visceral, com narrativa dos hábitos, dos sentidos e sentimentos, do “espírito”, dos instintos; enfim, da história substancial. Por esse caminho metodológico, a abordagem do cotidiano abarca contexto e rede de várias forças: econômicas, culturais, étnicas, individual-criativo, político.

Esse re-fazer os modos de vida, com recriação das estruturas e re-apropriação dos comandos se dão instintivamente no dia-a-dia. De modo que

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (CERTEAU, 1994, p.470)

Nesse sentido, Michel de Certeau igualmente enfoca a noção da ausência de ruptura com o positivo hegemônico-político, rejeita a dialética enquanto movimento histórico exclusivo. *Nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética*

(FOUCAULT, 1982, p.146). E outra compreensão é acrescida à ação popular: a possibilidade dos dribles, da superação, destituída de contradição, o que não significa passividade diante das forças “opressoras”. Ao contrário, faz-se história digerindo e regurgitando as variedades de ofertas estratégicas e reguladoras, faz-se história com “consumo” e produção. Portanto,

A astúcia é possível ao fraco e, muitas vezes, apenas ela como último “recurso”: “quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, quanto mais esta estará sujeita à astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática. (CERTEAU: 1994, p.101)

A população cria signos sob signos, re-significa a semântica dos acontecimentos. Ou seja, a sociedade inteira não se submete à rede de vigilância, existem mecanismos populares que alteram as regulações impostas. Conforme Bourdieu (1990, p. 165), na luta pela produção e imposição da visão legítima do mundo social, os detentores de uma autoridade burocrática nunca obtêm um monopólio absoluto, mesmo quando aliam a autoridade da ciência, como os economistas estatais à autoridade burocrática.

Michael de Certeau afasta-se da noção de poder disciplinador apresentado em *Vigiar e punir*. Afasta-se quando exume as formas assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes de vigilância. Os modos de proceder e as astúcias dos “consumidores” compõem a rede de uma antidisciplina, a despeito de ser verdade que por toda parte se estende a rede de vigilância. Distingue “estratégia” de “tática”. A primeira consiste no

cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. Ao passo que tática consiste em um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível (CERTEAU: 1994, p. 46).

Certeau (1994) define tática como a maneira de tirar proveito da ocasião: práticas cotidianas como falar, fazer compras, preparar refeições. Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. Essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se re-apropriam do espaço organizado pela técnica de produção sócio cultural. Existem táticas de “consumo” e engenhosidades dos fracos para tirar

proveito do forte que desemboca em politização das práticas cotidianas. É acerca dessa inventividade que se discorre em seguida.

Nos bairros Cabrito de Baixo e Boiadeiro (Novos Alagados), sobrevive-se como pode. Utilizam-se infinitas táticas. Desvia-se água e energia elétrica ilegalmente. Doa-se alimento ao vizinho doente, desempregado, faminto. Invadem-se terrenos para construção de casas. Foi assim que surgiu grande parte das habitações no subúrbio. Foi assim que nasceram bairros como Boiadeiro e Cabrito. Vendem-se drogas lícitas e ilícitas. Constrói-se igreja para adorar Jesus e acalantar-se. Solidariamente, evangélicos levam gêneros alimentícios para doentes e necessitados. Candomblecistas exumam más energias de pessoas da comunidade e de fora dela. Banho de folha, ebós nas cachoeiras de São Bartolomeu; conselhos, proteção espiritual, comida que solicitam guarida dos orixás. Candomblés no Cabrito de Baixo funcionam como espaço de congregar pessoas, compartilhando alegrias, problemas e sonhos. Salvador tem pouco mais de 1,1 mil terreiros de Candomblé. O Subúrbio Ferroviário, segundo a Cartilha Quilombola³³, tem 177 terreiros de candomblé, Plataforma possui 56, seguido dos bairros de Paripe (39). As mulheres são responsáveis por 61,4% dos terreiros, assumindo o papel de líderes religiosas³⁴. Tais singularidades numéricas compõem as estatísticas das ciências sociais e da vida.

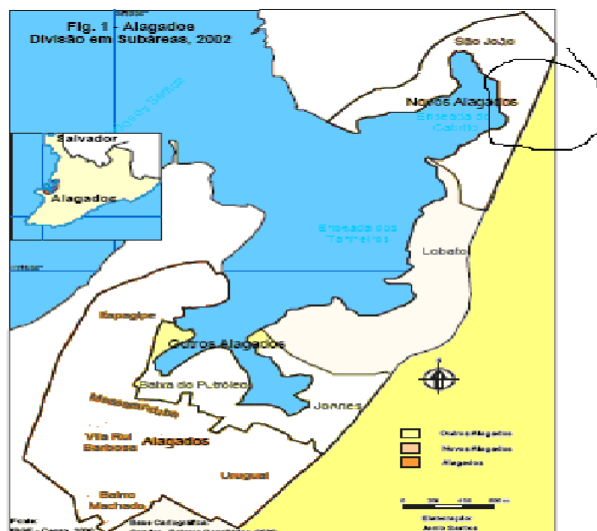
Já não se criam mais galinhas: os vizinhos famintos e desempregados apropriar-se-iam delas. Roubá-las-iam também pessoas que buscam proezas, pilhérias e um “tira gosto” (petisco) a mais na hora da cerveja. No Subúrbio Ferroviário, caixa de som potente é tão comum quanto televisão e filhos; pessoas estacionam carros nas praças, ruas e bares em frente da casa, abrem o porta-malas onde constam potentes alto-falantes tocando pagode, seresta, reggae, arrocha ou qualquer outro estilo, mas dificilmente rock. Procedendo assim, não só relaxam da longa jornada de trabalho, dos conflitos raciais percebidos e secundarizados, das dissensões afetivas com família, vizinhos, dos dissabores com as repartições públicas. Por isso, exalam ares de felicidade e bem-estar, revelam dotes econômicos ativando alto o som no automóvel ou em casa. Tornam-se ora mais importantes que os vizinhos, ora humildes e dispostos a ajudar ou serem ajudados.

³³ Cartilha Quilombola número 2. Religiões de Matriz Africana e Saúde. Salvador/maio de 2008.

³⁴ Disponível em: http://ibahia.globo.com/plantao/noticia/default.asp?id_noticia=145556&id_secao=151, acesso em 13 de jul. 2008.

Universidade é uma palavra abstrata, cuja semântica está por demais distante. Com o pouco estudo que se tem, pensa-se primeiro numa profissão: motorista de ônibus, policial, vigilante. Valorizam-se os estudos e a gente educada, porém “quem estuda muito, fica maluco” – muitos repetem isso. Mais que a educação, valoriza-se o emprego, o “biscate” (subemprego), pois suprem carências imediatas. Sob o ver dos pais, iniciativas de educação não-formal, como as aulas de música rap, funcionam como televisão, que ocupa o tempo das crianças, já que “mente vazia é oficina do diabo” - ditado genérico conhecido no bairro. Em geral, a população é indiferente aos centros de educação e cultura do bairro. Quando procuram as entidades é para suprir necessidades imediatas: concursos municipais, estaduais, oficinas de informática para os filhos, qualificação para exames em empresa.

A Avenida Afrânio Peixoto, mais chamada de Suburbana, inicia-se na Baixa do Fiscal. No flanco Oeste está o Largo do Tanque; a leste, bairros como Uruguai, Vila Rui Barbosa, Ribeira e a orla marítima da Baía de Todos os Santos. Após a Baixa do fiscal, seguem alguns bairros como Lobato, Baixa do Caranguejo, Bela Vista do Lobato, Alto do Cabrito, Novos Alagados (Boiadeiro), Cabrito de Baixo, Parque de São Bartolomeu, São João do Cabrito, Plataforma, Periperi, Coutos Paripe, Base Naval de Aratu. Essa é a gradação de bairros adjacentes a Novos Alagados e Cabrito de Baixo – ambos serão mais focados neste capítulo por ser neles o habitat dos membros do grupo do SNA. O mapa³⁵ abaixo (**Figura 1 - Novos Alagados e Cabrito de Baixo**) expressa melhor essa realidade física:



Fonte: IBGE, 2000

³⁵ Mapa extraído do artigo escrito por Jânio Santos em Estudos Geográficos, Rio Claro, 3(1): 93-110, jan-jun - 2005 (ISSN 1678—698X) - www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm. O artigo trata da povoação do Subúrbio Ferroviário, especialmente do desenvolvimento sócio-econômico do bairro de Plataforma e adjacências: São João, Pirajá.

Os bairros em questão são lugares de solidariedade. Faz-se mutirão quando se vai pôr a laje das casas. Empréstimo-se dinheiro para o transporte. Empréstimo-se utensílios: discos, carro de mão, palito de fósforo, chuteira, sal e açúcar. Faz-se “vaquinha” (contribuição em dinheiro) para a cerveja, para a lista do chá de bebê, chá de cozinha, chá de casa nova, surpresa de aniversário dos amigos e parentes. Existe o “caixa” (poupança) entre conhecidos (normalmente com 5 a 10 pessoas); o “baba” do vinho (futebol), ou os solteiros contra os casados, no fim de ano, onde homens se vestem de mulher.

Na quitanda, mais chamada de “venda”, compra-se fiado o pão, farinha, margarina, feijão e outros gêneros. Tudo sem pagar no ato da “compra” na venda e se paga no final do mês, normalmente sem juros. Em Novos Alagados e Cabrito de Baixo, apreciam-se sobremaneira a margarina, manteiga, refrigerantes, farinha de mandioca, cerveja, cachaça, o açúcar. Refeições que normalmente contribuem para o aumento de visitas aos postos de saúde por conta de falta de ar, artrite, pressão alta, diabetes, falta de ar, sobrepeso. “É virose”, isso é o que o médico diz sobre o quadro clínico dos pacientes, mesmo sem examiná-los devidamente, após aplicar uma injeção anti-dor.

Inúmeros jovens destes bairros dificilmente visitam o centro da cidade, nem sabem onde se situam exatamente as praias, cinemas, teatros, estabelecimentos; pouco vão aos bairros-centro, não só porque o bairro tem vida própria, mas também pela escassez de dinheiro e percepção da utilidade que instituições e serviços têm. Muitos se sentem trôpegos, inseguros, fora do lugar. Em Novos Alagados, toma-se banho de mar, próximo à ponte do trem que une Lobato a Plataforma, toma-se banho de rio sob um dos viadutos da Avenida Suburbana, pega-se “imborea” (pequeno peixe), joga-se baralho, dominó, empina-se arraia e periquito, brinca-se de patinete e bicicleta na rua Jaime Vieira Lima e Estrada Velha do Cabrito (Rua São Bartolomeu segundo o recibo da Embasa). A vida infantil é farta de opções de lazer. A diversão predileta é futebol, jogado no campo do Cabrito ou na quadra do Boiadeiro, onde já ocorreram mortes a facadas. Mas, em geral, o clima é pacífico, bem humorado. A quadra pertence à Igreja Católica local. É cobrado um real de cada pessoa para jogar futebol.

Quando morre alguém, é comum se ouvir: “Deus sabe o que faz”, “cada um tem seu momento”, “Só se morre na hora certa”. Quem sabe essas sejam ferramentas eficientes para acalantar o corpo e equilibrar a psique. Algumas famílias brancas pobres consideram-se especiais. Rejeitam que seus filhos casem com pretos (as). Isso, porém, é quase sempre

contrariado, pois pessoas de diferentes tonalidades se cruzam. A mestiçagem é tradição e regra. Há indivíduos de famílias brancas, pobres, que, embora repletos de ditados depreciativos como “betume”, “nêgo, urubu!”, só se relacionam afetivamente com pessoas de tez negra. Essa é só uma forma inconsciente de excluir discursivamente, mas incluindo afetivo-materialmente. Prática substancialmente distinta dos demais modos de racismo em Salvador. Isso se constitui em exemplo de contato racial que ocorre paralela a outras formas de relação racial em Salvador que tiram vidas e emprego.

Normalmente, os moradores não se interessam pela história ou política no bairro; há, igualmente, bastante ignorância acerca dos fatos históricos bem como de suas relações com o presente e o futuro. A história é conhecida pelo fato último, televisivo, imediato e presente, de resultados favoráveis e desfavoráveis. Em geral, faz-se política de resultados. Existe resignação otimista do povo, regida pela consciência de nulidade do Estado. Acredita-se nas próprias forças e, quando se esgotam, “Deus proverá”. Em meio à distância entre Estado e indivíduos, a família, o amigo, os orixás, Deus são a possibilidade de superação das crises constantes. As soluções se dão em tempo singular – vagaroso e paciente, por isso a espera, a paciência inevitáveis são as principais características dos pobres que habitam Cabrito de Baixo e Boiadeiro.

Não é comum haver conflitos que evidenciam ser a cor da pele fator causal, ainda que por vezes o seja. À medida que os dias, o sol e a chuva se revezam, os moradores se suportam ou se toleram. Homens ameaçam ou espancam mulheres, suspeitando de estar sendo conjugalmente infiéis (“dando corno”). Há casos em que a infidelidade é aceita sem alarde e as mulheres regem a relação.

A conversa de bar é feita de futebol e mulher: qual o gol mais bonito, quem será campeão; as pernas, os seios, a bunda e volume da vagina ou “pacotão”. Quantas tiveram felicidade de experimentar suas excelentes e fálicas performances sexuais. Em diferentes palavras, quantas foram “comidas”. Exaltam-se pela quantidade de cerveja ou cachaça que são capazes de tomar. Isso revela o gesto heróico de poder beber muito e mostrar que se tem algum dinheiro – comparativamente falando. Não apenas isso: demonstra vitalidade, disposição e virilidade. O álcool é a droga bastante vendida nos finais de semana – período de folga e futebol. Pouco se fala de política partidária. Quando acontece, referem-se mais à corrupção e escândalos,

repetindo a massificação dos noticiários. Raríssimo haver análises intestinais das relações de poder, partidos, alianças e projetos. Quando se fala em política, refere-se ao chavão moral: “todo político é ladrão”. Entretanto o voto nulo não é tão freqüente. Basta que um amigo, ou representante comunitário indique um candidato, e a mágoa se reprime. Praticidade e resultado são a tônica: vota-se no pastor, porque concede a graça em nome divino.

A vida sexual e afetiva do bairro flui naturalmente com certo grau de tolerância. Mulheres namoram e se casam com mulheres – habitam a mesma casa; moços iniciam sua vida sexual com outros rapazes. Isso é motivo de algazarra, risos e diversão nos bares; são práticas condenadas e toleradas igualmente. Mulher e homem de modo algum são espancados ou linchados em função de tais relações, ao contrário, essas variações da sexualidade são oportunidades para os pais de família e adolescentes exercerem poder do gozo físico.

Não se confia em policiais estranhos, ou em comboio, mas o(a) vizinho(a) policial tem importância, como qualquer morador, desde que não haja ofensas – e normalmente não há. Não se aprecia a vida que levam pequenos criminosos. Carros passeando param na porta. Especialmente dos grupos de matadores, seja para ameaçar trabalhadores injustiçados pelos patrões, seja para dar fim a jovens que defendem suas mães, quando espancadas pelos amantes e parceiros. Não só isso, há causas inúmeras.

Gravidez não-planejada e procriação³⁶ são comuns. Adolescentes querem fugir da vida cheia de fome, vazia de recursos materiais e afetivos. Mesmo impossibilitados de prover a família, geram filhos (as). Fazer filhos é sonho de consumo. “Tem que deixar semente.” Ouve-se muito isso. Há bastante desempregados e subempregados, o próprio grupo de Hip Hop Sistema Nervoso Abalado é exemplo disso: os três integrantes vendem óculos e outros objetos ou cafezinho. Perderam seus pais em motivos diferentes. Suas mães os criaram. Nos referidos bairros, o uso de cachaça é freqüente. Alguns ingerem pinga quase que diariamente. Pessoas bêbadas atravessam a Suburbana, que apresenta o segundo maior índice de atropelos em Salvador. Quando escapam ao vício do álcool ou *crack* entram numa igreja evangélica, fazem sermões, dão depoimentos, excomungam o “mundo”. O perfil profissional é amplo - formado

³⁶ O artigo de BUSTAMANTE, 2005, descreve a condição de paternidade no subúrbio ferroviário, texto melhor esclarecedor. BUSTAMANTE, Vânia. *Ser pai no Subúrbio Ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. Afro-Ásia*. Ver o texto de SANTOS, Jânio. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 3(1): 93-110, jan-jun - 2005 (ISSN 1678—698X) -www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm.

por cobradores e motoristas de ônibus, auxiliar de serviços gerais, pintores, encanadores, vigilantes, carpinteiros, eletricitas, pedreiros, vendedores ambulantes. Enfim, há arranjadores de toda natureza.

As ruas são estreitíssimas, a maioria mede um metro e meio de largura. Dentre as casas visitadas durante as entrevistas, quase todas com piso encimentado, bastante limpo, pintado em vermelho. Nada lembrava as condições de palafita até a década de 1980 quando cedia fácil o piso de tábuas podres, repletas de crustáceos e corais. As casas posicionam-se atadas umas às outras sem espaço nem quintal. A Igreja Católica ocupa um espaço gigantesco em relação às casas existentes. As ruas levam nomes de santos: Nossa Senhora Aparecida, São Lázaro, mas essas e outras santidades não têm tido muitos adoradores no bairro. Poucas pessoas freqüentam a igreja.

Por vezes, o ônibus coletivo passa, sequer pára no ponto. O motorista olha para o lado, onde não se encontram os expectadores. Neste momento, o condutor do veículo esquece-se da noção de classe trabalhadora explorada e exerce seu poder possível. Aquele poder de que fala Foucault. Um motorista de ônibus, no subúrbio, tem poderes infinitos ante os que não são companheiros naquele e em outros momentos. Outro carro passa veloz com cerca de 180 km/h numa estrada em que 80 km apenas são permitidos. O carro era poderoso. Parecia um Audi A3. A Avenida Suburbana e a Avenida Paralela “figuram na relação da SET como as de maior índice de mortes por acidentes de trânsito em Salvador”.³⁷

No texto em *Defesa da sociedade*, escrevendo sobre poder e estado nazista, Foucault trata das peripécias do poder. Poder de vida e morte é dado não somente ao Estado, mas a toda uma série de indivíduos, a uma quantidade considerável de pessoas. Portanto, ocorre o desencadeamento do poder assassino e do poder soberano através de todo o corpo social. Já em *Metafísica do poder*, afirma que Marx e Freud não foram suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, a teoria do Estado, a análise tradicional dos aparelhos de estado sem dúvida não esgotam o campo de exercício e funcionamento do poder. Não são os governantes que o detêm. A noção de classe dirigente nem é muito clara nem muito elaborada. Cada luta se

³⁷ Ver Boletim do Trânsito da Superintendência de Engenharia e Tráfego de Salvador. Texto de jornal A Tarde **Bêbados causam 70% dos acidentes** 04/07/2005 - 09:52:00 Fonte: Jornal A Tarde. Disponível em http://200.223.149.227/informacoes_noticias.asp?id=115&pag=18, acesso em jul. 17h36min.

desenvolve em torno de um foco particular de poder (um dos inúmeros que podem ser um pequeno chefe, um guarda, um diretor de prisão, um juiz, um responsável sindical, um redator de jornal. Conforme Foucault (1998, p. 148), “as mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais, iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder de coerção, de controle que se exerce sobre eles”. Aplica-se devidamente tal categoria foucaultiana, na medida em que cada pessoa, grupo social, movimento político exerce interna ou externamente, reagindo ou estabelecendo hierarquias consigo e com os demais. O poder como energia cultural perpassa pelo tirano, capitalista ou operário motorista de ônibus – as circunstâncias modelam o agente.

Arrocha, pagode e reggae são mais ouvidos que rap. Um simples evento de pagode no bairro reúne mais que o triplo de pessoas comparando com uma apresentação de Hip Hop. “Pagode tem mulher, por isso dá mais gente” – diz Cláudio (Cacau), morador de Novos Alagados. Durante o Primeiro Festival de Hip Hop do Boiadeiro, realizado em julho de 2007, o público foi de aproximadamente 100 pessoas. Seguindo a tradição dos eventos de *Hip Hop* no Brasil, um quilo de alimento não perecível foi a moeda de ingresso ao *show*. O alimento arrecadado foi doado a famílias do bairro. Neste evento, as crianças da oficina de *Hip Hop*, apresentaram-se mostrando os trunfos artístico- intelectuais que produziram em sala, no pátio, à sombra das árvores. Cantaram músicas, emitiram o *beat box* (uso do sopro vocal explosivo imitando bateria), extraíram densos aplausos da pequena platéia. Já formaram um grupo denominado Meninos da Periferia. Os integrantes do grupo eram aprendizes na oficina promovida pelo Sistema Nervoso Abalado.

Segundo Matoso, *a primeira linha, que partia de Salvador em direção ao Rio Joanes, data de 1860 e, depois de seus 18,5 quilômetros iniciais, foi interrompida em Aratu, no fundo da baía*. Só a partir de 1863, uma linha ferroviária entre Alagoinhas a Salvador pode escoar a produção de cereais, cana-de-açúcar.³⁸ Esta via férrea cortava o Cabrito de Baixo, com uma ponte sobre o Rio do Cobre utilizada por crianças e jovens para se atirarem na água salobra, nadando felizes, mesmo contraindo amebas, lombrigas e outros vermes. Uma nova ponte rodoviária liga a entrada de São Bartolomeu à Estrada Velha do Cabrito, Suburbana e Pirajá.

Os termos mais conhecidos relacionados às regiões estudadas são a Batalha de Pirajá pela Independência da Bahia, a partir de 1822; a rainha Zeferina, líder do quilombo do Urubu na

³⁸ Ver MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX*. 1999. Pág 92.

luta contra a escravização; a Estrada das Boiadas, atual 8 de Novembro que, no presente, faz coalizão entre Liberdade, Pirajá e Cabrito de Baixo – lugares de encontros pró-rebelião malê, em 1835. Porém, o fato não menos importante ocorre no fim do século XIX com ocupação habitacional do lugar. Em 1875 - afirma Rocha³⁹

Com a implantação da estrada de ferro Calçada-Paripe, inaugurada em 1860, iniciou-se a expansão urbana rumo ao subúrbio ferroviário, sendo construída a Estação de Trem Almeida Brandão em Plataforma. Com isso, os moradores foram beneficiados com serviços que incluíam mercadorias que vinham do interior para abastecer a feira local, a iluminação elétrica, o transporte e a instalação da Fábrica Têxtil São Brás, proporcionando, à região, um desenvolvimento político e econômico significativo naquele momento histórico.

Os bairros do Cabrito de Baixo (São Bartolomeu)⁴⁰ e Novos Alagados são banhados por dois rios: Camarajipe e Cobre. São cinco cachoeiras compoendo o cenário, pronto para receber os pássaros que ali se banham e despachos religiosos que ali descansam. Segundo dados demográficos de 2000, a bacia do Camarajipe é a mais populosa do Município, com 698.540 mil pessoas, o que corresponde a 28,7% da população e de 179,9 hab./ha. Até meados do século XIX integrava o sistema de abastecimento de água da cidade do Salvador. O rio nasce na Boa Vista de São Caetano e atravessa bairros densamente povoados como Marechal Rondon, Campinas de Pirajá, Alto do Cabrito, Boa Vista de São Caetano; atravessando a BR-324 e a represa do Calabetão/Mata escura. Recebe as águas de antigos afluentes da Bacia do Calafate (Fonte da Bica, na San Martin), de outro, que desce da encosta do bairro do IAPI, e mais adiante, na Rótula do Abacaxi, do Rio das Tripas. No Iguatemi, forma um outro braço, o Rio Lucaia, e segue (agora em leito seco), até a orla, desaguardo no Costa Azul. De acordo com informações de moradores mais antigos da região em torno do Dique de Campinas, o povoamento da área se deu por volta do início da década de 1950, quando da instalação na área de uma fábrica de beneficiamento de mamona que, para se abastecer da água, represou parte do rio Camarajipe formando um dique denominado como Dique de Campinas tornando-se desde então a parte mais importante do bairro.⁴¹ Com a construção do Dique, a maioria das

³⁹ ROCHA, Luís Carlos. Revista Diálogos Possíveis. p 10.

⁴⁰ O bairro Cabrito de Baixo é usado como sinônimo de São Bartolomeu porque se ligam geograficamente e , têm história comum e mesmo nas estatísticas aparecem, quase sempre, atados por números e dados ora juntos ora separados., de maneira que a distância e a proximidade são muito tênues.

⁴¹ MORAES, Luiz Roberto Santos *; GALVÃO, Luciana Torres **; SANTOS, Maria Elisabete Pereira dos***; SAMPAIO, Rosely Moraes. *Estudo da qualidade da água do dique de campinas e da água consumida pela população residente no seu entorno em Salvador, Brasil.* Disponível em <http://www.ualg.pt/5cigpa/comunicacoes/vcibericogpadcampinas.doc>, acesso atualizado em 23 dez. 2008, 12h. 33 min.

famílias que ali habitava transformou o seu entorno em fonte de subsistência com a plantação de hortas que abasteciam, até o início da década de 90, uma das maiores e mais famosa feira da cidade de Salvador, a feira de São Joaquim. O Dique servia como fonte de abastecimento de água para a população em seu entorno assim como, para os bairros de sua vizinhança e também como área de lazer onde os moradores costumavam pescar e nadar. O Rio do Cobre, que banha São Bartolomeu (Cabrito) e parte de Novos Alagados, nasce em Coutos (Lagoa da Paixão), acompanhando a BA-528 (Estrada Paripe/Base Naval), formando a primeira represa em Pirajá e, depois, em Ilha Amarela. Já dentro do Parque de São Bartolomeu, atravessa a Rua Estrada Velha do Cabrito e deságua na Enseada do Cabrito, um dos estuários da Península de Itapagipe, na Cidade Baixa.

O censo demográfico realizado pelo IBGE (2000) constatou que São Bartolomeu, incluindo o Cabrito de Baixo, tem uma população de 5. 224 pessoas, com rendimento médio de 1,65; ao passo que Boiadeiro (Novos Alagados) possui 3. 383 pessoas, com rendimento médio de 1,15⁴². O número de família com gente em depressão é alto. Com essa renda parca, os moradores constituem a economia vendendo tangerina, marisco, alface, peixe, folhas e frutos – tudo em carros de mão comuns ou adaptados em madeira; o comércio do crack também gera renda, corpos estirados ao chão, ensangüentados por balas em função de dívidas e divergências no tráfico. Pessoas obtêm ínfimos e esporádicos rendimentos espichando cabelo, embelezando unhas de pés e mãos. Há certa dosagem de fatalismo: não há pressa nas ações mesmo quando se trata de ganhar dinheiro, não há demasiada ambição, nem avidez para cumprir o horário e ganhar dinheiro do cliente. Certo é que o cliente reclama da demora, do atraso, do horário marcado, embora goste dos serviços. Esse é o momento para os conselhos ou resenhar a vida da comunidade.

Dados do Censo Demográfico do IBGE, de 2000, indicam que as Regiões Administrativas, Pituba, Barra, e Brotas apresentam um maior percentual de Chefes de Domicílios com mais de 17 anos de estudo, com 20,48%, 19,49% e 11,94%, respectivamente. A pesquisa revela ainda que, acima de 15 anos de estudo, ou seja, o Curso Superior Completo, essas regiões são

⁴¹ Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em agos. 2007, às 1940.

as que detêm um maior percentual. Na contramão dessas Regiões Administrativas estão o Subúrbio Ferroviário, 14,33%; Tancredo Neves, 11,18%, e Itapuã, 10,99% que concentram um grande percentual de Chefes de Domicílio que estão na faixa dos sem instrução e com menos de 1 ano de estudo. A taxa de desemprego na Região Metropolitana de Salvador voltou a recuar. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em fevereiro, o índice ficou em 13,6% da população economicamente ativa (PEA), ante 14,9% em janeiro. Com este resultado, a capital baiana deixou de ocupar o incômodo 1º lugar em desemprego no País.

O aglomerado de palafitas iniciado nos anos 40 do século XX, chegou próximo a cem mil habitantes nos anos 1970 – constituiu Novos Alagados, onde viveram 11.921 pessoas (IBGE, 1995) em condições subumanas e degradantes em contraste com a beleza natural da enseada e dos bairros do entorno. Habitados por uma população de sem casas, em sua maioria migrantes ou filhos de migrantes do interior do Estado, que vieram tentar a vida em Salvador já há algum tempo, escolheram a área para morar devido a proximidade da Avenida Suburbana e pelo fácil acesso a algumas indústrias que se localizavam na área⁴³. A descoberta do petróleo no Lobato, em junho/julho de 1949. Esta explosão demográfica acarretou o surgimento da favela dos Alagados, uma favela com barracos construídos sobre a maré, em palafitas, de grande precariedade, na área que abrigava antigamente extensos manguezais.

Na década de 60, com a criação do Pólo Petroquímico de Camaçari, repete-se um fenômeno de êxodo rural em busca de empregos. Em consequência da não realização deste objetivo, as pessoas que saíram de suas cidades começam a amontoar-se e a sobreviver em locais provisórios, que, com o passar do tempo, vão se tornando permanentes. Assim surgiram as grandes favelas na Avenida Suburbana, de Lobato até Paripe. Antes disso, porém, na década de 70, dá-se início à construção da Avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Avenida Suburbana. O dinheiro da indenização que os moradores recebiam era pouco e eles não conseguiram adquirir novos terrenos e foram, então, ocupar o manguezal e construir as palafitas na área da enseada do Cabrito: dá-se início à favela de Novos Alagados, com mais de 12.000 habitantes, com as mesmas características dos Alagados “velhos”⁴⁴.

⁴³ SOARES, Antonio Mateus de C..”Territorialização” e Pobreza em Salvador. Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(2): 17-30 dezembro - 2006 (ISSN 1678—698X) - www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm

⁴⁴ Santos, Ferreira José Eduardo. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 19, p. 113-133, an./jun., 2003 133. Nesse artigo Santos discorre sobre a história e a educação em Novos Alagados.

3.2. O grupo Sistema Nervoso Abalado

Imerso nesse contexto histórico-geográfico está o Sistema Nervoso Abalado. O grupo se formou em 2004, com o fim do grupo Código de Rua. O SNA participou de eventos na Festa do Pescador no bairro São João do Cabrito; no SESC – Serviço Social do Comércio; na Praça do Reggae; nos bairros do Boiadeiro e São Bartolomeu; no show Cata Cajá Fest; do Rala Coco Coco Fest, ocorrido em Plataforma em agosto de 2007, em sua 5ª edição, e tem como finalidade congregar as expressões musicais do bairro, desde que não sejam axé music e pagode.

O grupo Sistema Nervoso Abalado não participa de uma posse, ou seja, uma rede de grupos de hip hop. Aliás, em Salvador, os artistas mantêm contato através de conhecidos, de amizades e contatos para shows. O grupo SNA estabelece relação mais estreita com outros grupos de Castelo Branco, Valéria, Plataforma, Boca do Rio, São João, Liberdade. Em geral, todos os músicos se conhecem, pois mantêm constante contato em eventos musicais. Os grupos Cidade Rap, Velório Negro, Tiro Certo são parceiros mais frequentes do SNA. As posses não são comuns em Salvador. Os grupos relativamente mais organizados são chamados de “panelas” - pessoas que organizam e distribuem bens e oportunidades entre si, rechaçando a presença alheia.

Outro grupo do bairro de Novos Alagados, parceiro do SNA, é o OLP (Ocorrência Local Periférica). Tem boa presença de palco, pois interpreta a música que canta, vive as personagens, ironiza, sorri, versa metáforas, dramatiza as canções. Essa dinâmica advém do trabalho social com malabarismo e teatro de rua que fazem os artistas. Nesse movimento, há sempre alguém envolvido com atividades culturais, políticas, ou em Ongs diversas. O grupo Velório Negro, também parceiro do SNA, reside no bairro da Liberdade, destaca-se pela voz rouca-nasalada do MC. Muito carismático; consegue facilmente aplausos e simpatia do público. Cada evento tem um ou mais grupos que organizam e convidam outros artistas. No primeiro Festival de Hip Hop do Boiadeiro, por exemplo, seguiu-se a tradição. O SNA convidou seus simpatizantes e aliados.

O SNA amplia formas de educar através da música com temáticas sociais próximas ao educando; versa sobre desigualdades, racismo, história, violência no bairro, orgulho em ser

negra (o), crise no ensino. Explicam mais a partir da experiência vivida e de noticiário que de consultas bibliográficas. De certo modo, os músicos sabem que *a crise da educação na sociedade informacional não pode ser resolvida dentro da sala de aula, nos moldes como estas se organizam e funcionam atualmente* (TOFFLER apud GHON: 2005, p.67). O SNA testemunha a prática educacional em sua comunidade:

Uma outra parte da comunidade quer mostrar pro mundo a nossa realidade, que nas favelas não somos todos vagabundos. Através de protestos, caminhada ecológica ainda assim continuamos na bosta. O movimento Cabricultura continua na luta, querendo dar à população uma boa educação. Eu continuo registrando tudo com caneta e papel na mão, pois não quero ser mais um vacilão. (Sistema Nervoso Abalado: 2005, faixa 11).

O Sistema Nervoso Abalado (SNA) percorre um território ideológico mesclado entre o anarquismo e o voluntarismo militante. “Metal” - um dos vocalistas do SNA - era integrante do movimento *punk*. Em Salvador, Metal é considerado socialmente branco; pai de duas crianças; conhecido no movimento como “Cafezinho”, por vender café nas ruas da cidade. Dido, Juthay e “Metal” ensinam rap (ritmo e poesia) na Escola Ivone Viera Lima, no Boiadeiro, bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador, participam da rede de entidades do Movimento de Cultura Popular do Subúrbio, com apoio da PETROBRÁS e CESE. A sede Movimento localiza-se praticamente dentro do Parque São Bartolomeu. Sob a direção do Partido dos Trabalhadores (PT), a Petrobrás tem apoiado iniciativas culturais e pedagógicas no bairro.

Além do Sistema Nervoso Abalado, diversas outras entidades do subúrbio já desenvolviam ações educativas em teatro (Face Oculta); pré-vestibular, dança (Cabricultura); teatro de rua (Face Oculta); rap (Sistema Nervoso Abalado); funk (Os Primitivos). Todas essas entidades, oriundas de bairros adjacentes ao Parque São Bartolomeu, costumavam desenvolver voluntariamente suas atividades, sem ligação a partidos políticos ou candidatos que, concediam “apoio” às vésperas das eleições, para angariar algum voto. De qualquer modo, essas⁴⁵ ações populares ainda têm sido formulada por assessores e lideranças articuladas aos grupos e tendências partidárias, particularmente ao Partido dos Trabalhadores. Embora a ajuda seja mínima e repleta de tensões, é irrefutável sua contribuição para a estima e estrutura

⁴⁵ As letras “ers” no final da palavra hop indica adjetivação e pertencimento. Hip Hopers são todos os (as) que integram o movimento, seja fazendo grafiteagem e dança break, seja cantando, mas tudo isso seguido de politização e protesto. Sem esses requisitos, não se pode denominá-los (las) hoppers.

dos Hip Hoppers. Essas gestões são centralizadas, embora na retórica sejam democráticas e acolhedoras, são modelos de administração verticalizadas, de cima para baixo, destituídas de vigilância, conselho fiscal eficiente e relação crítica. Os partidos, neste caso assessores, secretários e funcionários do governo que administram a agência financiadora não acompanham a distribuição dos recursos nem cobram transparência aos executores dos projetos sociais a exemplo do Movimento de Cultura Popular do Subúrbio. Supervisores do Financiador – a Petrobrás -, escolhem os executores locais dos projetos sociais que se caracterizam pela centralização das ações e da administração. Inexiste prestação de contas para os grupos envolvidos na rede; nem há acesso das entidades à administração dos recursos. Tudo isso com a conivência e proteção do grupo político partidário. As poucas denúncias não são ouvidas nem oficializadas. O SNA denuncia que foram liberados cerca de cento e vinte reais por mês para 3 pessoas. Além disso, o projeto empresta câmera de vídeo, mesa de som, mas todos esses recursos ainda não garantem a produção musical do grupo que reclama de escassez e falta de material para melhor produzir as oficinas para crianças.

Em bate-papo, o grupo fala de política; defende a TV Educativa, considera-a canal de Cultura; fala da relação mídia que fecha as portas para a música crítica, falam do incentivo ao consumismo, “enquanto muitos são estimulados, mas não podem comprar”. Aquele discurso que todo rapper de movimento tem que saber de coração; fala que a mídia demoniza a favela, e é indiferente à morte de pobres; dão atenção solidária e demasiada à morte de ricos.⁴⁶

O SNA não está só nessa empreitada, existem inúmeros grupos de formação e intervenção política atuando na cidade. Foi solicitado ao grupo que falasse sobre sua história: formação e percurso.

Eu (Jutay) comecei a fazer rap foi quando um colega meu me pediu pra fazer um trabalho lá na escola dele. Aí, sem saber que eu tinha talento pra escrever uma música, eu peguei fiz o trabalho pra ele e depois resumi, aí formou uma letra. Eu consegui fazer, e daí em diante descobri que eu tinha dom pra fazer umas letras. Conheci Mendes [Metal], uns manos lá da área, colamos. Aí, estamos até hoje.

- Eu (Dido) a história é longa, assim o rap, assim quando comecei assim falando antes. Quando eu comecei a ouvir né; o primeiro rap por incrível que pareça que eu ouvi foi do próprio Metal a música “Salve o parque” em um evento que teve na rua aí eu ouvi essa música e tal e gostei, mas naquele tempo eu guri mesmo e não ligava pra nada, mas gostei da música.

⁴⁶ Texto extraído do depoimento obtido em sala de aula da escola Ivone Vieira Lima, bairro Boiadeiro (Novos Alagados), em 28 de julho de 2007

É possível depreender deste depoimento como a criança leva seu mundo para dentro da escola, produzindo fontes de conhecimento e modo de vida. O grupo Tiro Certo, “tiro certo de informação e consciência”, dá seu testemunho: “entrei no rap aos 7 anos com o skate e depois com o rap”.

Os depoimentos revelam como os jovens adentram a cultura Hip Hop, mas, sobretudo, a lentidão e resistência ideológica das práticas pedagógicas oficiais em acompanhar as novidades artísticas do mundo de seu público alvo. Nota-se que a ação individual ou coletiva trata de ajustar, re-configurar e tornar oblíquo o território sedimentado pelo modelo retilíneo da educação tradicional, destituída de arte e música, versatilidade, dança, ludicidade. Quem sabe dentre estas estejam as razões para indiferença do corpo discente ante seus mestres, evasão escolar e apatia.

A entrevista supracitada revela que a indústria massiva também é responsável pelo interesse dos jovens em pesquisa, estimulados para o conhecimento, ainda que de modo superficial, sem orientação investigativa. Ouviram MVBILL, Racionais e suas letras acerca da crueldade do dia-a-dia no Brasil.

A formação da consciência política antecede a formação do Sistema Nervoso Abalado. Antes mesmo do primeiro grupo, o Código de Rua, MC Metal já tratava de formação de consciência trabalhista, popular, negra, comunitária à época em que pertencia ao movimento punk. Ao ingressar no movimento *Hip Hop*, continua influenciando a juventude da periferia dos bairros de São Bartolomeu, Cabrito, Boiadeiro e São João. Este é o depoimento do mestre de cerimônia, Dido, e do disque jóquei, Jutay, do grupo Sistema Nervoso Abalado.

Dido- Eu comecei a fazer rap foi quando um colega meu me pediu pra fazer um trabalho lá na escola dele. Aí sem saber que eu tinha talento pra escrever uma música, eu peguei fiz o trabalho pra ele e depois resumi, aí formou uma letra. Eu consegui fazer e daí em diante descobri que eu tinha dom pra fazer umas letras. Conheci Mendes, uns manos lá dá área, colamos, aí e estamos até hoje.

Jutay - Eu, a história é longa... assim... o rap ... assim... quando comecei assim falando antes. Quando eu comecei a ouvir né; o primeiro rap por incrível que pareça que eu ouvi foi do próprio Metal a música “Salve o Parque” em um evento que teve na rua, aí eu ouvi essa música e tal e gostei, mas, naquele tempo, eu guri mesmo e não ligava pra nada, mas gostei da música.(...)

- Acho que tinha uns 10, 9 nessa faixa, aí disso tal, continuando sempre andava com o Dido e tal a gente ficava na rua fazendo um som, cantando

Racionais, MVBill, e tal, aí Dido tinha umas duas músicas como ele falou, aí ficava na rua cantando e batucando, aí tal a gente, aí conheceu o Jorge, já conhecia Jorge apresentei Dido e tal, aí fomos pro “Colapso Urbano” não, como era o nome? Baiacura, a gente tentou montar um grupo lá que não deu certo, aí mudou o nome pra Colapso Urbano, aí tinha dois que tava interessado em botar o grupo pra andar o resto ninguém queria, aí decidi que acabou o grupo foi cada um pra um lado aí foi quando conheci ele. Aí nisso eu vim aqui, nisso já vinha com Metal e eu só vinha ver o ensaio só, eu era só um intruso, como diz

Metal: - Que deu certo.

Jutay: - Na verdade a época que eu conheci o Metal foi depois do evento que teve, ele pediu pra eu dar uma canja e tal os caras foi ver, assim... aí depois eu fui lá dei uma canja. Depois do show os caras me chamou, “pô você tem jeito pra coisa”, eu vou lhe indicar um cara que trabalha com base, aí me deu o telefone do cara (...), aí marcou pra ir na casa dele, aí conversei com ele. É, isso aí mostra que o rap tá evoluindo, né. No caso eu já venho trabalhando há muito tempo com o Rap aqui na área, nunca teve, aqui tinha duas figuras assim que nem eles, é meio difícil, assim... você chamar duas pessoas que você não conhece né velho! Pode Crê! Por que eu vou dizer pô ombó fazer um Rap, pá não sei o quê porque na verdade é que o que tá ouvindo aqui é a merda do pagode né velho! Entendeu velho. Então eu ficava com receio de chamar um menino daqui pra trabalhar assim comigo, assim e tal, quer dizer, aí sempre pegava a pessoa, assim... que eu encontrava que conversava comigo, como eu conheci esse menino – Absolon-, aqui no ponto. Eu tava ouvindo Facção Central aí ele falou “pó, e aí rapá, eu tenho um grupo que é o antigo Código de Rua. Teve uma correria.

A relação “corpo-a-corpo”, “boca-a-boca”, o contato através da amizade, da identificação com o estilo, a indicação de pessoas e álbuns, são etapas da produção musical. O falar repleto de repetições, abreviações de temas como *embora* se tornam “ombó”, “né” por *não é*. Isso simplifica a pronúncia da gramática oficial. Isso facilita, torna musical, apressa a elocução e transforma paulatinamente a gramática normativa em gramática popular. Opera-se a mudança das regras já no corpo, no falar. Contudo, distancia-se do “português correto”, formal, o “dialeto” utilizado para barganhar sociabilidade, emprego, e algum prestígio social.

Metal, integrante SNA, já em 1991, foi um dos participantes na edição do *Jornal Comunitário*, produzido por dez anos em São Bartolomeu/Cabrito de Baixo. Este jornal, embora com poucas tiragens, tratava de cultura e educação, denúncia, plantas medicinais, cotidiano do bairro e da cidade de Salvador, dos abusos policiais no bairro, da necessidade de formar da consciência crítica da comunidade.

O grupo e seu trabalho de educação é pouco conhecido nos limites dos bairros Cabrito e

Boiadeiro (Novos Alagados), dificilmente extrapolam essas regiões. Gilmar, morador do bairro, quando perguntado se conhecia alguma música do grupo SNA, responde afirmativamente, canta um fragmento: “os ladrões verdadeiros estão de ternos e gravatas, eles roubam de canetas, os pobres roubam de faca.” Perguntado como ficou sabendo da existência do grupo SNA, continua:

Eu já escutava músicas de hip-hop, mas esse grupo não sabia, amigo meu que me disse que existia um grupo de hip-hop na comunidade e que se chamava SNA, e através de shows feitos pelo grupo.

Mediante depoimento de Jutay e de Gilmar depreende-se que o trabalho de educação ocorre não só nas aulas de rap, mas nos eventos, palestras em escolas, debates, shows e letras de música. Os debates sobre temas diversos antecedem normalmente um evento musical. Normalmente, são nessas apresentações musicais que os jovens passam não só a conhecer, mas a viver o estilo Hip Hop. O trecho abaixo se refere a uma das composições do grupo Sistema Nervoso Abalado.

O verdadeiro ladrão não mora na favela, anda de terno e uma “porra” de gravata na goela. Quem eu me refiro você já tá ligado, mas pra muitos entender isso é embaçado. Eu peço paz pra viver nessa terra, mas, pra eles, querer paz é um grito de guerra, eu planejo a paz e não a violência quem vive na fé, no final tem recompensa. É incontável ver muita gente sofrer e muitas delas sem ter o que comer. O Brasil sendo o país do futebol, acho normal, mas não me convence de ser o país do carnaval, famílias aqui já nascem no berço da pobreza e o que elas mais entendem da vida, nasce da tristeza, sofrimento e miséria, palavras de fracasso. Quem nasce preto e pobre tem o destino traçado, crianças sem pai no país de terceiro mundo já tá ligado o destino que tem o seu futuro, escola na sua cabeça não passa; na mão direita pistola que mata, no plantão na quebrada de uma grande bocada do Boiadeiro, movimento dá dinheiro, mas desconhece o perigo que está correndo, pelo seu cotidiano ele fosse vendo. Via ladrão vim de fora todo embecado e tirar todos na favela como otário, por esse mesmo motivo ele entrou pro bicho, não gosta de escola só gosta de dar tiro pra proteger sua área e seu único lar a opção que ele teve foi de se arriscar; entrou pra vida do crime não demorou e morreu, porque queria fazer o trabalho de Deus outro dia mataram um cidadão guerreiro, foi mal falado só porque morava no Boiadeiro.

Sem inocência, há pressuposição de quem é o “verdadeiro ladrão”, sabe-se que “anda de gravata”, bem vestido. A letra não cultua o belo, o socialmente imponente, bem vestido, tampouco se subordina moralmente a ele. Na canção, a palavra escola tem grande importância e se contrapõe a crime. O crime é desestimulado; não tem direito à apologia. A escola é um bem valioso e desejado. Escola – numa perspectiva maniqueísta, é o bem, contrariando crime,

o mal. Defender a violência como resposta às injustiças não é comum ao Hip Hop baiano. Geralmente rejeitam-se artistas que fazem propaganda de armas, etiquetas, bebidas, carros, grifes, mulheres nuas. Consideram-no parente ideológico do pagode sensual da Bahia.

Dentro e fora do movimento fala-se das letras de rap estimuladoras da violência para um público com tênue idade e parca formação escolar, que não está apta a interpretar o conteúdo das letras, por isso se sentem motivados pelo panorama de sangue e violência existentes nas letras. Carece de investigação empírica tais assertivas, embora seja possível a ocorrência disso. A juventude pesquisada vive outra realidade. Este trabalho é testemunha do quanto se tem educado, formado politicamente através de música, basquete, rádio comunitária, palestras, caminhadas, discussões, eventos. São diferentes táticas. Impossível assegurar qual a mais eficiente e revolucionária. De qualquer modo, a revolução, qualquer que seja, está sendo construída mediante mudança de mentalidades e atitude. Não se sabe, porém, até onde vai.

CENAS DE EDUCAÇÃO NA FAVELA

[Você só tem] “Cinco dias para construir o dia seguinte, quatro dias, três, dois, um dia; trabalhe!”(Bob Marley.)

4.1. Conceituando educação não-formal

O Dicionário Aurélio⁴⁷ define educação como ato ou efeito de educar; processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e dos humanos em geral, visando à sua melhor integração individual e social; nível ou tipo de ensino. Esta abordagem adota o sentido de educação advogada por Ghon (1994) em que a concepção de educação é ampliada, relativa aos processos que envolvem aprendizagem de novas informações referentes a novos hábitos, valores, atitudes e comportamentos. Este conjunto, após sistematizado, codificado e assimilado pelos indivíduos e grupos sociais, constitui elementos fundamentais para a geração de novas mentalidades e novas práticas sociais fundamentais para a formação dos indivíduos enquanto cidadãos. Educação não-formal são *as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais*. (GHON, 2005, p 100).

Usualmente se define a educação não-formal por uma ausência como não-intencional, não planejada, não-estruturada. Evidente que a educação não-formal é intencional, planejada e estruturada, mas seu contraponto é a escola formal. A educação não-formal dispensa chamada oral, avaliações rígidas e sistemáticas com notas quantitativas; dispensa o calendário, os recessos, a carga horária, a grade de disciplina e currículo comuns à educação formal.

Ghon também diferencia educação não-formal da informal. A educação transmitida pelos pais, na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc. são considerados temas da educação informal. Porém, o termo informal não abrange as possibilidades da educação não-formal que estamos aqui destacando, ou seja, as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos e organizações.

Para Simpson (2001), além de escolher seus temas, a liberdade da educação não-formal ou

⁴⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.p 718.

não-escolar, se caracteriza também por poder escolher aqueles apoios que julgam necessários à sua atividade educativa. A decisão de aprender é voluntária. Não há obrigatoriedade de permanência e de frequência. A participação do educando passa por um interesse nas mensagens que são veiculadas, por uma curiosidade em aprender certos conteúdos, por um interesse político associativo na aquisição de certas noções.

A educação popular, não-formal, debate-se não somente contra o sistema capitalista, mas contra toda sorte de conservadorismo político: sexismo, racismo, etnocentrismo, cultura técnica. Sua organização não responde à exploração dos ricos contra os pobres, dos burgueses contra os proletários somente. A educação hodierna responde não apenas a problemas contemporâneos, da técnica, mas aos sistemas técnicos que acumularam e emergiram através dos tempos até nossos dias. Há, portanto, acúmulo de energias, extrato de força étnica, psicológicas concentradas chamadas hoje de capitalismo, mas também racismo, patriarcalismo transfiguradas em egoísmo, concentração de riquezas, sistema de marginalização social.

Compactuando com os critérios de Ghon, são formas de educação não-formal as reuniões em prol das manifestações artísticas, as palestras em espaços de debates como escolas, associações, casas -, as aulas de música rap na escola ou fora dela.

4.2. Ativismo musical e projetos de transformação

A partir desses pressupostos teóricos acerca da educação não-formal, há que se tratar da prática educacional em bairros de Salvador mediante análise das composições musicais de três grupos de Hip Hop: Júri Racional, Conceito Negro e Opanijé. Além disso, serão analisados os relatos das atividades educacionais do grupo Sistema Nervoso Abalado. A adoção de tais grupos aspira observar suas práticas educativas e, sobretudo, evidenciar que o discurso pró-mudança de comportamento político é uma prática comum para maior parte dos artistas-ativistas de alguns bairros periféricos.

Para tratar do problema da pesquisa, foram selecionadas letras de músicas que trazem mensagens educativas no sentido de que fazem reflexões acerca das relações étnicas e dos papéis sociais mulher-homem. São letras de grupos cujos artistas-ativistas têm significativa

atuação nos movimentos sociais. Seus integrantes são estudantes universitários. Em nenhuma das letras existem defesa à violência, ao uso de armas, à agressão física. Apologia à violência é incomum nas letras de música rap de Salvador. Segue uma composição do grupo Júri Racional⁴⁸, do bairro de Pirajá, de 2003, chamada “Por todos os meios necessários”.

Você está no Tribunal Revolucionário Africano.
 Onde ouvirá um Júri Racional, porque você precisa conhecer o passado pra entender o presente e mudar o futuro que se inicia com a história.
 Somos o berço da civilização onde surgiu a humanidade. Os primeiros homens saíram do continente e deram origem a outros homens.
 Demos origem à primeira civilização da humanidade. No Egito Antigo, já existiam valores e atitudes que mais tarde seriam reconhecidos como africanos. E, éramos reis enquanto o homem branco rastejava pelos quatro cantos da Europa. Os reinos de Núbia, Axum, Mali, Gana são exemplos de grande desenvolvimento civilizatório africano. Éramos os donos de nossa soberania. Não tínhamos o inimigo branco racista para ditar as ordens e dizer o que fazer, o que tínhamos que fazer. (...) Éramos iguais, porém cada vez mais diferentes. Tudo sob pretexto do maníaco deus que regia o sistema capitalista.

O texto é didático. Visa informar, instruir, formar opinião, seduzir. O Júri Racional cumpre o papel de descentralizar o núcleo do conhecimento, tecnologia e ciência que se deslocam de época e localidade conforme milênios se sucedem. Entretanto, a África mítica como ideário consiste em dado fictício e ideológico para se contrapor à realidade de sonegação dos direitos à grande parte da população soteropolitana. Depreende-se do texto que o inimigo não é o branco universalmente falando. Inimigo é o branco específico: o racista. O termo “Éramos iguais” revela imagem de África harmônico-paradisíaca, mãe de todos os povos da diáspora negra. Tal África, ao menos nos registros históricos, nunca existiu, embora seja importante confirmar empiricamente a África como local onde ciência, filosofia, política tiveram papel relevante para diversas outras civilizações e especialmente a ocidental. Nas composições supracitadas, civilizações são transformadas em monumentos vitais no construto de respostas às adversidades do presente, na construção de outro ideal, igualitário, perfeito. Eis a centralidade causal da exploração de minorias políticas representadas pelo Júri Racional.

Essa letra revela o modo como grupos sociais pensam sua realidade antes dos modelos hegemônicos de interpretação determinarem suas reflexões. O termo “inimigo branco racista” mostra o quanto a natureza da “classe”, numa perspectiva economicista, é mais uma ficção

⁴⁸ O Júri Racional é formado por Menelik, Lio Nzumbi, Beto e Dj Leandro. Distribuído pela Huru: África Hip Hop. Produção fonográfica: Crime perfeito. O grupo desde 2006 já não realize atividades, mas seus membros atuam ativamente na vida política de Salvador.

sem conteúdo semântico; não se constitui, para muitos, uma centralidade social. Mesmo tendo sido universalizada, a noção de classe é uma particularidade, que não abarca todos os grupos sociais. Para o Júri Racional, por exemplo, as forças políticas se organizam etnicamente. A dicotomia negro/branco é proeminente nessa abordagem. Pensar deste modo não é apanágio exclusivo do grupo Júri Racional, Rotemberg (2007, p.182) assevera que também na sociedade norte americana,

Poucos são os pobres que se consideram “classe baixa”; referem-se a si mesmos em termos de raça, grupo étnico ou situados regionalmente. Os trabalhadores melhor se identificam com seu emprego ou grupo ocupacional do que com quaisquer outros trabalhadores, muito menos com a classe trabalhadora.⁴⁹

Rotemberg continua: *as pessoas nos Estados Unidos não falam de privilégio de classe, nem opressão de classe. Estes não são termos do vocabulário de seu cotidiano*⁵⁰. Desse testemunho, depreende-se o quanto a categoria classe é variável, sem universalidade. Constitui-se menos em aspecto factual que interpretação dos sujeitos em sua variabilidade de impressões da realidade. A matéria do mundo está sob espírito. Também, a categoria sócio-econômica “burguesia” não aparece nos textos do Júri Racional. No cover do cd escreve-se: *Produzido com sangue e suor no fundão do nosso quintal. Todos os frutos desse trabalho devem ser colhidos pela Comunidade Africana para a Comunidade Africana*. Há indícios de que a negritude africanizada é a centralidade “negativa” da vida.

Esse discurso racista se contrapõe à explicação economicista para os problemas sociais. Haja vista que o capitalismo é um produto étnico, desenvolvido na Europa, mesclado de crenças eugenistas alardeando superioridade de grupo, raça, nação. Consequentemente, a escolha de quem irá compor a casta, a classe inferior é uma decisão étnica, antes de econômica, pois *classes como gênero e povos são efeitos não causas* (DENNING, 2005, p.163). O capitalismo não pode ser tratado como um ser abstrato no sentido de que tem força própria, em si mesma, mitificada, fetichizada como totalidade. *“O próprio liberalismo é um fenômeno culturalmente específico, nascido e aperfeiçoado no Ocidente* (GEERTZ: 2001, p.226). Não há ideologia capitalista em estado puro, mas consiste numa composição cultural híbrida que se materializa em técnicas, racionalizações, investimentos, industrialização,

⁴⁹ There are few among the poor who speak of them selves lower class; instead their reference to race, ethnic group, or geographic location. Workers are more likely to identify with their employer industry, or occupation group than with other workers or with the working class.

⁵⁰ (ibid. p195). People in the United States (...) don't speak about class privileges, or class oppression, or the class nature of society. These terms are not part of everyday vocabulary

serviços, lucro, aquecimento global. Há sempre amálgama de forças na produção de fome, guerra e exclusões, de modo que não se pode precisar a predominância nem determinação originárias. As relações econômico-materiais devem ser abordadas como produtos culturais, resultado da racionalidade instrumental, resultante de projetos psíquicos, imaginativos e, conseqüentemente, forma social de organizar-se enquanto povo, enquanto Estado, cultura - presentificada espaço-temporalmente.

Se é verdade que, nas sociedades mais avançadas do ponto de vista econômico, o poder de diferenciação dos fatores econômicos e culturais é maior, ainda permanece o fato de que a força das diferenças econômicas e sociais nunca é tamanha a ponto de impedir que se possa organizar os agentes segundo outros princípios de divisão – étnicos, religiosos, ou nacionais, por exemplo. (BOURDIEU: 1990, p. 160)

Da letra do grupo Juri Racional também se aúfere que a negritude pressupõe africanidade. O problema é que a africanidade já se encontra remota e longe da mentalidade da população soteropolitana. Em Salvador, basta perguntar onde fica a Jamaica e, como resposta, responder-se-á “fica na África”. Pelo menos é o que muitos ouvintes de reggae dirão. Já não se sabe em que dimensão geográfica reside a África.

Africanidade dificilmente integra a noção de negritude, a qual pode existir sem a África. Negritude é consciência crítica erigida sobre os conflitos em torno da tez e da simbologia positivo-negativa que dela se faz, é uma categoria quando em contato com os não-negros. Só há negritude onde houver discriminação racial. A negritude deve ser um meio, não um fim. *O momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural* (Hall: 2006,326). A negritude, em Salvador, é um projeto finito à proporção em que a branquitude se puser igualmente em sua finitude. Entretanto, como não se costuma desvencilhar-se das energias que asseguram comando, conforto e segurança, então branquitude e negritude continuarão atritando-se paralelamente.

Os grupos estudados repetem os pressupostos teórico-metafísicos da tradição da cultura hegemônica. São verdades opostas que só se libertam parcialmente. O projeto de libertar-se dos opressores, não se liberta da certeza, nem da verdade obtida com renúncia às assimetrias epistemológicas, aos erros no percurso da apreensão da glória e feitos heróicos.

A letra a seguir prefere falar de revoltas e insubordinação de escravizados no Brasil. A música

é do grupo Conceito Negro, do bairro de Pernambués.

Revolta escrava

Injuriados, os negros da Bahia ficaram conhecidos pelas rebeliões que promoviam. Exército militante de pretas e pretos. Os portugueses tremeram e ficaram em desassossego. A revolta escrava que acontecia no Haiti foi um grande exemplo pra revolta daqui.

Certo fez os malês negros muçulmanos, partindo pra cima, surpreendendo, atacando. Vamos logo, assina a alforria forçada. O caçador virou caça. Assina logo essas cartas, fugindo das fazendas em direção aos quilombos em busca de nossos direitos. É bom lembrar que somos humanos. Clima quente o nosso povo em ação, lutando contra a opressão escravidão. Até uma lei pra impedir minha gente vestir tecidos de seda, rã, rã, temos a nossa beleza. Um preto ajudando o outro e fazendo cobertura, pra o de dentro do cativo fazer a fuga, mulher feminino vestindo roupa masculina, enfrentando a briga partindo pra cima. Indignação, castigos corporais e maus tratos, rebeliões, fuga em massa que marcaram pânico forte. Ali já foi um retrato da princesa Isabel que foi queimado.

Refrão: Escravidão, racismo que deixou e deixa injuriada, fuga rebeldia, revolta escrava ela foi bolada, ela foi organizada, fuga rebeldia, revolta escrava.⁵¹

As letras centram-se na origem, na grandeza do passado, no triunfo dos antepassados; pleiteiam a negritude. Não se pensa em estágio humano distinto da negritude e da africanização. Será essa a única metodologia de emancipação mental ou epistemológica? Na frase “(...) um preto ajudando o outro”, faz-se louvor à solidariedade como valor para vencer as dificuldades. Os estudos sobre rebeldia dos escravizados ganharam popularidade desde o final dos anos de 1950, paralelamente à ascensão dos movimentos de esquerda, num primeiro momento, e dos movimentos negros, num segundo. O próprio Palmares foi lembrado quando se formaram organizações negras nas décadas de 1920 e 1930, uma das quais, o centro Cívico Palmares, fundado em 1927, forneceria líderes e idéias para a frente Negra Brasileira na década seguinte. Ao mesmo tempo, intelectuais marxistas da época como Aderbal Jurema, escreviam sobre revoltas escravas como episódio da luta de classes no Brasil. E não devemos esquecer a ligação de Edison Carneiro, estudioso de Palmares, com o Partido Comunista do Brasil (PC do B).

A música acima apresenta versos com “boas letras”. A exigência da “boa letra” reporta-se a períodos de endurecimento governamental da década de 60. Desde então, o público começa a

⁵¹ Letra de música concedida por Negro Davi, vocalista do grupo Conceito Negro. Mais informações disponíveis em <http://br.myspace.com/conceitonegro>

exigir que letras de música não prescindissem das demonstrações de erudição, informação, denúncia, engajamento. Ter conteúdo crítico é um das receitas que a opinião estabelece. “Música tem que ter letra”. Ouve-se demasiadamente esse chavão. Segundo Timorão (1975, p.232),

Nove meses depois da vitória do movimento militar de 31 de março de 1964, a cantora de Música Popular Brasileira, Nara Leão se apresentava ao público dizendo “ando muito confusa sobre as coisas que devem ser feitas na música. Mas tenho uma certeza: a de que a canção pode dar às pessoas algo mais que distração e deleite. A canção popular pode ajudá-las a compreender melhor o mundo onde vivem a se identificarem nível mais alto de compreensão”.

Nesse teste o rap parece ter sido aprovado. Entretanto, a “letra” é só mais uma prescrição restrita à noção de belo. A letra é só mais um padrão encomendado pelas exigências estéticas que se convencionou em algum momento da história. Mesmo porque há variedade de estilos musicais destituídos de “boas letras” e se consagraram mundialmente como boa música. Composições podem ser repletas de “blá, blá, blá”, ou “lá, lá, lá” e serem capazes de agradar os ouvidos de seus apreciadores.

Som e participação sócio-política são inseparáveis na perspectiva de alguns grupos de Salvador. Nesse sentido, um movimento político não se faz com críticas e conscientização explícita panfletária apenas, mas também com plástica, estética, forma, melodia. Mas que tipo de letra os indivíduos pedem? Se ainda se quer engajamento, o Hip Hop apresenta ambos: letra robusta e atitude política. Mesmo assim não caiu nas graças da unanimidade que lhe poderia ser simpática. Não poderia ser diferente.

Na canção do Conceito Negro, nota-se a exaltação da mulher insubmissa guerreira, ativa na batalha. Diferencia-se dos estereótipos negativos expressos na tradição musical brasileira e no pagode baiano contemporâneo.

Dentro e fora do movimento fala-se das letras de rap estimuladoras da violência para um público com tênue idade e parca formação escolar, que não está apta a interpretar o conteúdo das letras. Sente-se, por isso, motivado pelo panorama de sangue e violência existentes nas letras. Carecem de investigação empírica tais assertivas, embora seja possível que isso ocorra. A juventude pesquisada vive outra realidade. Antecipando as notas conclusivas, este trabalho testemunha o quanto se tem educado, formado politicamente através de música, palestras,

caminhadas, discussões, dança, eventos, desenhos. São diferentes táticas. Difícil assegurar qual a mais eficiente.

Interessa que a fórmula Hip Hop serviu para os embates domésticos, como ferramenta de luta. A forma é volátil; é legada de qualquer parte, desta vez veio dos Estados Unidos dos pretos norte-americanos, mas poderia ter vindo dos punks brancos ingleses. Assim acontece com as fórmulas políticas, religiosas, artísticas, importadas da Europa, África, Ásia que, posteriormente, ganham nuances locais, tornando-se brasileiras. Nada assegura que as expressões culturais autóctones terão maior força política de enfrentamento das adversidades que os “importados”.

O grupo Conceito Negro, do bairro dos Pernambués, tem uma militância intensa. Conjuga palavra e prática política em associações de bairro, Ongs. Desenvolve atualmente um projeto de basquetebol em parceria com o grupo do movimento negro Atitude Quilombola. O MC (músico) Negro Davi, integrante do grupo, falou um pouco das atividades políticas por ele desenvolvidas junto à comunidade. Falou também de sua concepção de negritude. Perguntou-se-lhe se existem jovens brancos que participam do movimento Hip Hop, se haveria algum mal nisso. Ele responde:

Acho que o branco da comunidade, pra mim, ele é preto, depende da postura dele, entendeu? Têm muitos pretos no movimento Hip Hop que pra mim é branco. O cara ser preto não é o cara só ter o cabelo black ou ter o cabelo trançado ou careca, que isso faz parte da estética negra. (...). Não tem problema de o cara ser branco e tá no movimento Hip Hop. Eu tenho um colega mesmo que, pra mim, ele é negão, Bal, ele segue até a cultura rastafári. Ele é mais claro, mas não tem problema. Tem uma postura até melhor que certos pretos que tá no movimento Hip Hop e diz que “é preto que tem cabelo black!” Acho que não tem problema do cara ser branco e tá no movimento Hip Hop. E branco do gueto pra mim é preto.

Evidencia-se no depoimento de Negro Davi que não é preciso possuir a tez preta, para ser negro. Convém destacar que “negro(a)” é categoria política, instável, em vez de fixa. Por outro lado, pretos podem ser “não-negros”, na medida em que participem desfavoravelmente aos avanços sociais e políticos para a população negra.

Em geral, as comunidades Hip Hop são adeptas da antropofagia cultural, importam símbolos exteriores sem que se constituam em problema, desde que sirvam para o enfrentamento de

situações consideradas injustas. O Opanijé⁵² tem desejo pelo novo, a começar pelo nome do grupo, o qual dispensa os nomes de impactos, repletos de efeito e narrativas dos guetos ou reminiscências de líderes negros: “X”, “MCs”, Dog, Kurupt, Easy E, DMX, Elemento X, Tupac Shakur. Nomes que lembram sofrimento, revolta, exclusão social. A transcendência do Opanijé se constitui no apreço pela estética inusitada. E este deve ser um dos principais objetivos da educação: transcender as classificações, criando inusitados estilos, formas, sentidos, possibilidades. A produção musical do Opanijé, marcada da inovação temática, rítmica e de conteúdo, consta na canção “Hoje eu acordei”, citada a seguir:

Hoje eu acordei Mulher
 Hoje eu acordei discriminado
 Hoje eu acordei desacreditado.
 Hoje eu acordei desrespeitado
 Hoje eu acordei mulher
 Só vejo na boca de rappers e pagodeiros
 Levando regulagem
 A puta pelada no comercial de cerveja
 A mãe que fica em casa sem fazer nada
 Levando tapa
 Cachorra, piriguete, descarada
 Metralhada, cachorra, descarada assim é retratada⁵³

O texto inicia uma silepse de gênero-metafórica: um “desrespeitado-mulher”. Cria nova categoria gramatical. Pensando como novos homens, trata da problemática de gênero que nasceu antes da modernidade, mas que ainda vigora em nosso tempo. Denuncia o patriarcalismo misógino da musicalidade baiana e norte-americana.

Em sua variedade musical, o Opanijé mescla berimbau, melodias do candomblé, o riso de Exu, versos de Edson Gomes, cantor de reggae baiano. Mesclam raggamurfing jamaicano. Dj Chiba cria ritmos, rituais e imagens acústicas. Um berimbau, depois um reggae, com arranhões no toca-discos; tudo isso é o que se vê na música “Se você ainda não notou, sou negro”. Depois, em “A cura”, mistura macumba com rap transgressor. Opanijé não tem fórmulas, nenhum ritmo é conhecido, nem pode ser classificado como rap, embora viva em meio do mundo rap. Tal crítica não deve ser confundida com elogio, mas como descritividade da sonoridade desse grupo singular. A mestiçagem de ritmos é plena. E a mesclagem extrapola o ritmo. Dj Chiba, por exemplo, é socialmente branco. Portanto, a mistura é

⁵² **Opanijé** - Organização Popular Africana Negros Invertendo o Jogo Excludente

⁵³ A letra da música foi reproduzida do endereço, disponível em:

<http://profile.myspace.com/index.cfm?fuseaction=user.viewProfile&friendID=134655537>, este acesso atualizado foi feito em 18 de dez. de 2008.

filosófica. Grande parte do rap baiano não é ingênuo musicalmente. Existe nos bastidores uma grande elaboração teórica, de pesquisa, leitura, investigação, daí a complexidade rítmica, inovação, militância, atitude e ritmo inovador. O Opanijé é a extrapolação do rap tradicional vindo dos Estados Unidos e que se faz forte na base de grupos como Velório Negro, GOG, Cidade Rap, Facção Central. O rap baiano, especialmente do Opanijé, é “só baiano”, em vez de paulista, carioca, norte-americano. Haja vista a existência de seus elementos musicais com aspectos baianos (cotidiano, linguagem, sotaque, vestes, temática, elementos sonoros). Lázaro, um dos cantores do grupo, no show da Universidade Estadual da Bahia, vestia calça branca de algodão, camisa estampada de folhas verdes, como no Havaí. Se bem que mais lembrava folhas do culto da religião candomblé; cabelo em trança como jogador de basquete, alpercata de couro. Nada parecido com rapper gangster norte-americano. Da música “A cura” foram extraídas algumas palavras: “organização popular africana”, “água de cheiro”, “cheio de axé”, “a cura”, “agô”, “rei do Daomé”, “a tô, tô, ajubelê”, “mãe África”, “A espada de Ogum me protege, junto com o homem da palha”, - tudo isso com atabaque, gravações do culto no terreiro, colagem, arranhões sonoros, contra-baixo acentuado, no ritmo soul.

O Opanijé emerge do rap sem fazer rap propriamente dito. Então se constitui na transição para novo ritmo que se cria com ousadia sem se perceber. Nada disso é marca de superioridade estética, mas de singularidade rítmica e de arranjos. Em diferentes estilos musicais, seja rock, blues, axé, pagode “baixaria”, há variedade, inventividade e arte. Afinal, é assim que surgem os estilos novos. Normalmente a partir da ousadia, da fuga ao tradicional.

Opanijé é o movimento do orixá Obaluaiê. Os músicos do Opanijé são de candomblé. O vocabulário de suas composições traz símbolos da religiosidade afro-baiana. Os vocábulos aconselham e politizam o público. As palavras pedem que resistam, que lutem, pois a proteção espiritual é certa. Segundo as letras, especialmente da música “encruzilhada”, com certeza a proteção e vitória serão garantidas pelos antepassados, pelos orixás, por Exu “que bota playboy pra correr”. A música convoca e educa ao seu modo, agregando ideologicamente pessoas para o embate. E Exu vai à frente, nos cruzamentos, comunicando, revelando, alertando, abrindo caminhos. Os eventos nos bairros são a “sala de aula” para tais discursos se manifestarem.

Figura 2 - Convite para evento de cultura no bairro de Saramandaia⁵⁴



A gravura testemunha a participação dos grupos Opanijé, Conceito Negro e outros grupos de Hip Hop em eventos políticos nos bairros. Em toda a cidade, é comum haver palestras com temas variados, mini-cursos, debates sobre questões diversas. Posteriormente, ocorrem apresentações dos grupos de Hip Hop. Nestes eventos, os grupos nada ganham, às vezes nem dinheiro de transporte. Até porque os organizadores geralmente nada tem. Ocorre intercâmbio solidário, a fim de sanar dificuldades vividas por organizadores e grupos de Hip Hop respectivamente. Em outra ocasião, o grupo Opanijé apresentou-se no evento Hip Hop dos Manos, na Universidade Estadual da Bahia, em julho de 2007. Havia jovens jogando basquete, outros desenhando e pintando. Meninas abraçadas se beijando. Não havia mais que 60 pessoas. A chuva ora incomodava o público, ora amedrontava o calor.

A música parece querer voltar ao estatuto de rebelião. O historiador João José Reis registra que *em 1806, na cidade de Salvador, o batuque, festas e rituais africanos foram proibidos por serem a ante sala das rebeliões.*⁵⁵ Salvador apresenta uma infinidade de grupos de Hip Hop, os quais fazem uso de sonoridade diversa, inclusive, do berimbau. “O berimbau é um instrumento para quem tem poucos neurônios. A música da Bahia é batuque, não tem qualidade”⁵⁶. Essa frase do professor Antônio Natalino Dantas, chefe do Colegiado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, suscitou reações de autoridades públicas e dos movimentos sociais. A padronização do gosto é a regra que acomete pessoas de

⁵⁴ Gravura do evento ocorrido no bairro de Saramandaia, dia 10 de maio 2007.

⁵⁵ Artigo denominado Escravos e coiteiros no quilombo dos oitizeiros. Im: *Liberdade pó um fio*. p 333-372.

⁵⁶ Frase extraída do jornal A Tarde, Salvador, quinta-feira 1-05-2008, p.04.

qualquer classe, nível de escolaridade e cor da pele. Ademais, tal frase revela que o gosto verticalizado e excludente está longe de ser característica individual. Isso mostra o quanto à escolaridade de um indivíduo – Educação concebida grandiosa – tem sido incapaz de assegurar frenagem a juízos mais alicerçados na subjetividade e menos no factual. A noção de culto alicerçar-se em procedimento valorativo, em história de conquistas, em vitória de um povo eleito à condição de *melhor*. Os discursos exteriores qualificam as propriedades dos ritmos, das notas, classificando-as como civilizadas, avançadas. As marcas da história inscrevem-se nos objetos, naturarizando-os como superiores. A música da Bahia, qualquer que seja, não é melhor nem pior, superior ou inferior. Em todo o mundo há contingente de pessoas desraizadas de apreciações clássicas, hierárquicas tradicionais, manifestas a cada instante, em lugares como a Bahia. Este é outro desafio da educação formal e não-formal: educar pessoas para a compreensão estética, a fim de não transformar juízo de gosto em discriminação sectária.

A noção de racionalismo implica individualismo, impessoalidade, prosperidade econômica, técnica, afastamento e domínio do sujeito sobre o objeto. Implica iluminação do tempo e espaço. Tal racionalismo tem caráter etnocêntrico na medida em que, equivocadamente, põe intra-fronteira os “exclusivos” produtores do espírito; põe no mesmo círculo representantes especiais do desenvolvimento humano. A referida visão não permaneceu estanque na Europa. No Brasil, transfere-se para as relações da bibliografia do ensino escolar-acadêmico para as relações pessoais, para o âmbito das artes e da música. Há quem defenda, por exemplo, a universalidade (racionalismo) nas notas da música clássico-instrumental em detrimento da “pobreza sonora” da música popular veiculada nos meios de reprodução massiva, a exemplo do rap. Inusitados instrumentos e ritmos surgem da inexaurível criatividade humana que transborda as tradições etnocêntricas onde quer que se encontrem. Novos estilos: rap, doom, death, grunge, kuduro, arrocha, rapgode - oriundos ou não do berimbau, do piano mesclados a tudo mais - encantam pessoas de todas as cores, idades, civilizações que, contrariando a estandardização do gosto - elegem *para si* a melhor música, o melhor estilo, à revelia da regra de universalizar o ruído, o som, a música.

Sonoridades atravessam fronteiras regradadas e, com o suporte das tecnologias da informação, os ritmos ganham simpatia principalmente por expressar diferença na imagem que a acompanha. Para muitos, as propriedades da música não estão associadas a Coeficiente de Inteligência nem à marca de superioridade ou inferioridade cultural. Povos apreciam piano,

baixo, tambor, flauta, scratch e bateria conforme a importância momentânea, à história, aos sentimentos despertados, à noção subjetiva e objetiva do belo – que varia a cada momento, em cada estação.

Os gostos estéticos pertencem a uma época e variam conforme sua transição, sem contar que há sempre um cânone disposto a autorizar discursiva e “empiricamente” as propriedades do belo, absolutizando aquilo que é relativo a cada civilização, grupo social, ou indivíduo. Enfim, não é o fato (natureza), senão a cultura e seus caprichos que estandardizam a noção do belo. *A polissemia depende menos da riqueza ou confusão do sentido do que da diversidade das leituras* (DUFRENE, 2004: p.106). Significa dizer que cada estilo musical tem leis próprias estabelecidas, sobretudo, pelos apreciadores do *campo artístico*. Há, portanto, várias civilizações dentro da civilização, inúmeros territórios dentro de territórios, na medida em que os padrões estéticos se constituem diferentemente para os roqueiros, rappers, rastas, cristãos, pagodeiros, arrocheiros, e assim infinitamente.

As letras de rap aqui analisadas conduzem o ouvinte-leitor a libertar-se de ideologias contrárias à sua emancipação étnica, social e política, convocando-o para reflexões inusitadas. Poder-se-ia afirmar que, nas referidas letras, o futuro desejado ancora-se nos valores do passado lembrado e do presente vivido especialmente pela religiosidade do candomblé, seus mitos, sua forma de vislumbrar o mundo e agir. Não só isso, Mais do que prender-se a tradições, o futuro é construído com dores e alegrias da experiência presente.

Para os três grupos de Salvador, aqui analisados, a negritude é um fundamento identitário; é o princípio de quaisquer projetos políticos desenvolvidos pelas ações decorrentes do discurso acerca da identidade. No rio de janeiro, ao menos para MVBILL, esse projeto não se difere:

Estamos criando um grupo político, o Partido Popular Poder para a Maioria. Estamos cansados de chegar em outros partidos e ser encaminhados para os núcleos que cuidam da questão dos negros. Resolvemos então criar nosso próprio partido, um partido para pretos [...] queremos dar vez à comunidade preta que nunca teve espaço através de um partido que nos represente. (MVBILL, 2001, p.1)

Na subjetividade racial, a identidade não se forma a partir do movimento trabalhista, mas

acerca de uma experiência racial⁵⁷ comum. Essa nova mentalidade produz também um corpo teórico-prático diferente dos ideais partidários de cunho esquerda-socialista. Essa é uma nova configuração de respostas a anseios frustrados das mulheres e homens negros, mesmo constituindo a classe trabalhadora.

As canções estudadas neste capítulo demonstram avanço no discurso, na mentalidade dos homens em relação à participação da mulher nas decisões históricas, nas frentes batalhas, como protagonistas da história da humanidade. Entretanto, há quem denuncie a sonegação de espaço, a inconsistência entre discurso e prática, as pequenas artimanhas para marginalizar potencialidades femininas no movimento Hip Hop. Leiamos o depoimento de Teófila, integrante do movimento Hip Hop e do grupo de mulheres negras:

- Você acredita que haja preconceitos, impedimentos, obstáculos dentro mesmo do movimento por integrantes masculinos ou femininos de outros grupos de Hip Hop?

- Sim, eu percebo isso, vou citar um exemplo em shows, onde em meios a tantos grupos femininos eles só colocam apenas um grupo para se apresentar, na tentativa de não se acharem machistas, mas que poderia estar reservando, ser direitos iguais e ainda tem outra questão: quando eles colocam algum grupo feminino, colocam para abrir o show, porque geralmente no início as pessoas ainda estão chegando e então tem poucas pessoas ou colocam para o fim que é pior. Eu já fui integrante de banda de rap, mas que precisei sair, talvez houve uma fraqueza da minha parte mas saí porque estava havendo conflitos, podendo perder amizades e até mesmo o acabamento do grupo, então preferi me afastar para manter um equilíbrio, uma amizade mas assim quando eu questionava alguma coisa, já era tachada como feminista e eu não sou feminista até mesmo, porque quando a mulher é feminista ela chega a radicalizar, e eu não gosto dessa coisa radical e pegando experiência de uma colega que era ela apenas de mulher do grupo, quando eles chamam uma mulher para entrar no grupo é para fazer “back” e quando ela entra com uma proposta de letra começa então a discussão, começa a colocar dificuldades, mas hoje ela faz parte desse grupo, ela tem autonomia no grupo, ambos fazem cultura, não só movimento, e mesmo assim ela luta para ter autonomia porque se ela deixar, o machismo impera no grupo.

Se por um lado existe a inserção da imagem feminina nas letras de música, por outro, ainda se fala em resistência e objeções à participação da mulher como protagonista nos espaços em que se faz cultura Hip Hop. O movimento é predominantemente feito por homens. No show dos Racionais, em Água de Meninos, Salvador, o cantor Mano Brown pediu ao público que

⁵⁷ O termo racial se refere a características superficiais como cor da pele, cabelo. Mas nada disso diferencia substancialmente os seres humanos.

parasse de brigar e fosse namorar. Seria difícil namorar ali, pelo menos com mulheres, pois havia pouquíssimas.

4.3. Educação lúdica e coexistência

A educação é praticada isoladamente por indivíduos do Hip Hop – formado por ex-punks, militantes partidários, voluntários, poetas. O professor Gey Espinheira⁵⁸ reflete acerca da educação efetivada pela juventude do Hip Hop em Salvador:

Na busca de possibilidades de se sair das condições de risco para poder ter uma inserção mais efetiva na sociedade, o Hip Hop se apresenta como movimento de resistência organizada na forma de curso, palestras, de conscientização da realidade social dessas pessoas ao mesmo tempo que explora também os talentos e os valores da pluralidade artística dessa juventude criando canais de comunicação com a sociedade, tanto através da imprensa, da grande imprensa, como das rádios comunitárias, como da linguagem visual do grafite, como da encenação das músicas e das performance em teatro em espetáculos em auditórios e praças públicas.

O projeto de educação não-formal dificilmente convergirá para o mesmo espírito da tradição escolar. Um processo educativo também é feito de imprevisibilidade futura. As oficinas que o Sistema Abalado Nervoso desenvolve não são ações isoladas, por toda a cidade explodem ações dessa natureza.

O grupo Sistema Nervoso Abalado, desde que surgiu, não tem orientação partidária; vê, na educação, uma forma de suplantar algumas das dificuldades locais como a intensa participação de jovens no tráfico de drogas e, conseqüentemente, extermínio físico. Solidariedade, espírito humanista constituem o modelo de educação efetivado pelo grupo, segundo Ghon (2005, p. 102)

Na educação não-formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos. Organizam-se processos de acesso à escrita e à leitura – por meio de métodos de alfabetização – para coletivos específicos, a saber: grupos de trabalhadores, grupo de jovens, adultos etc

Essa prática pedagógica se iniciou muito antes de 2007. Em 2004, Metal participava da

58. Gey Espinheira é sociólogo, professor da Universidade Federal da Bahia. Depoimento extraído de Hip Hop com Dendê. 1 DVD, 15 min, 10 seg. Realização Faculdade 2 de Julho, Berimbau, Apoio CMA – Militância e Atitude.

Coordenação do Instituto Cabricultura de Educação Cultura e Meio Ambiente no Cabrito de Baixo; fundou o grupo de rap Código de Rua e, posteriormente, o grupo musical Sistema Nervoso Abalado, decidiu falar de arte e política para 15 crianças. As aulas ocorrem todos os sábados, das 8h e 30 min, às 11h e 30 min. Segue a tabela com nome, idade e endereço de algumas crianças que freqüentam as atividades de construção de texto e produção musical.

NOME	IDADE	ENDEREÇO
Alisson Neves Passos	11	Jaime Viera Lima,s/n, Novos Alagados
Diego Souza Ferreira	13	Rua Jaime Viera Lima, 2ª Travessa, Novos Alagados, Salvador-Bahia
Deisiane Dora Santos	13	Rua Jaime Vieira Lima , 34 E, Novos Alagados, Plataforma, Salvador Bahia.
Deivison dora Salles	12	Rua Jaime Vieira Lima,. Novos Alagados Plataforma, Salvador Bahia
Elçon Souza Portugal	12	Rua Beira Mar, 23, Novos Alagados Plataforma, Salvador Bahia
Erielton Silva Santos	13	1ª Trav. São Jerônimo. s/n . Novos Alagados. Salvador, Bahia, Brasil
Edmilson	12	Rua jaime Viera Lima, Novos Alagados. Salvador, Bahia, Brasil
Jadson Santos da Conceição	13	Travessa Chamosa, 01, Estrada Velha do Cabrito, Platafiorma, Salvador-Bahia
Ramon Lima Magalhaes	11	Rua Jaime Vieira Lima , 114 E, Novos Alagados, Plataforma, Salvador Bahia.

Subir ao palco, cantar as músicas produzidas nas oficinas, ouvir o público repetir refrão, cantar junto, sorrir, brilhar os olhos, demonstrar respeito e admiração. Isso gera estima, respeito, senso de responsabilidade e sentimento de tornar-se útil e capaz de desenvolver algo para agradar, fazer festejar. Tudo isso gera vaidade, sensação de poder canalizado para a arte, gera diálogo e convencimento mediante os códigos da tecnologia escolar: texto, escrita, construção de onomatopéias, metáforas, figuras de pensamento, domínio da língua escrita, uso da vírgula. Tudo isso feito sem muita precisão nem acerto gramatical, mas gera consciência do poder no ato de escrever e produzir. Escrever e cantar são investimentos para fazer sorrir, vislumbrar, aplaudir, respeitar, encantar-se, solidarizar-se. A relevância de tais ações não se

limita à integração de crianças e adolescentes no âmbito da arte, senão também à interação consigo mesmos e ao espaço comunitário do bairro. Abaixo, fotos da criançada com ares de ídolos.

Figura 3- MC Metal e os Meninos da Periferia – Centro Cultural Plataforma – 2007



Fonte: Direta

Os pequenos artistas se portam em posição marcial, preparados para a odisséia de palavras. Apresentaram-se para duzentas pessoas no Centro Cultural do bairro de Plataforma. Antes desta cena, numa manhã de sábado, os integrantes do Sistema Nervoso Abalado (Dido, Jutay e Metal) mostravam às crianças como musicar a vida, extraindo dos objetos as canções. O encontro ocorreu na Escola Municipal Ivone Vieira Lima, no bairro do Boiadeiro, oficialmente conhecido como Novos Alagados.

Dido: A gente agora vai puxar um improviso. Vai fazer, tipo assim, uma letra na hora. E aí, Todo mundo agora vai fazer uma letra aqui. Todo mundo fala uma palavra aí.

Criança 1:- Num sei não, Dido.

MC Dido: - Você nem começou nada, como é que não sabe? Cada um fala uma palavra.

Criança 1: - Bola

MC Dido; Pronto, aí, Como é que não sabe? Você falou bola e rimou com cola. O “la” da bola rima com o “la”. Então já é uma rima, da “cola” já pode fazer uma coletânea. Fala outra palavra aí, alguém! Onde é que vocês estão

sentados aí?

Criança 2: - Carteira

MC Dido: Fale uma palavra aí que rime com carteira:

Criança 3: - Cadeira.

MC Dido: - Sem rima, mas é a mesma coisa. Bola, cola, cadeira, carteira!

(Dido canta): Bola, cola, cadeira, carteira, educação, eu sou aprendiz na escola.

MC Dido: -Você vai criar uma música a partir daí. Vai ver o que tem no colégio de positivo e o que tem de negativo no colégio também. Deixa eu escrever aqui pra ficar melhor, pera aí. **(Minutos depois):** Pronto! **(MC Dido canta):** Cadeira, carteira, bola, cola, educação e respeito só tem na escola. As palavras que eu falo vem do coração. Na escola eu aprendi o que é ter educação. Então, vamos aprender sobre nosso dia-a-dia

Crianças: - Aqui quem tá falando é os Meninos da Periferia.

Todos cantam: Vamos aprender sobre nosso dia-a-dia. Cadeira, carteira bola cola educação e respeito só tem na escola. As palavras que eu falo vem do coração. Na escola eu aprendi o que é ter educação. Então, vamos aprender sobre nosso dia-a-dia. Aqui quem tá falando é os meninos da periferia!

Dido: Pronto vamo fazer outra parte aí. (...)Tem vergonha não, aqui todo mundo erra.

MC Dido: Quando a gente rima a gente tá rimando de boca ou de coração? Pra colocar no ritmo da música é assim: (cantando): - As palavras que eu falo vem do coração, na escola eu aprendi! Vocês tão entendendo como faz a rima?!

Há, no texto, grande esforço para fazer da escola um encanto: “cadeira, carteira, bola, cola, educação e respeito só tem na escola”. Aqui, ainda não se faz reflexões teóricas do papel da escola para a vida. Porém, também é possível refletir o que é a escola quando se está de algum modo fora dela; quando se percebe as reais crises fora e dentro dela. O acesso à escola ainda é um desafio, um sonho. Primeiro é preciso entrar, sentar na cadeira, estudar. Nesse exercício, a transmissão de conhecimento se caracteriza pela repetição, esforço e rigor. O cotidiano, o observar ao redor fazem parte da metodologia em prol do ensino/aprendizagem. Em vez de definições, o contato e a aproximação entre imagem da palavra e sinônimo se erguem na construção do rimar. A palavra é retirada do cotidiano, do vivido: “cola”, “escola”, “droga”; expressam o agora. O Mestre de cerimônia almeja a rima. Desconhece teoria da literatura, teoria poética. Ignora noções de rimas ricas, encadeamento, versos alexandrinos, decassílabos e toda sorte de artifício teórico, os quais talvez os ajudassem na confecção da poesia. Desconhece o Barroco, Arcadismo, Dadaísmo, Colagem, Poesia Concreta. Para redigir, o MC pensa no pulsar da vida, The pulse of rhyme (O pulsar da rima), como diria Ice-t. Para redigir, o deslize veloz da intuição e da criação importam mais que as receitas racionalistas e irracionais da estilística. Anáforas, hipérbatos, rimas brancas, hipérboles – tudo é acrescido à tessitura do verso sem que os conceitos sejam conscientemente utilizados. São recursos estilístico-gramaticais normativos que não contrariam o falar, porém é construído

mediante inconsciência das normas. Para os artistas, mestres de cerimônia, a pura rima tem valor, mais do que a combinação de elementos morfológicos diferenciados para formar, por exemplo, a rima rica. Os versos construídos pelas crianças em sala de aula tratam do imediato: violência, tráfico de drogas; fatos que vêm diariamente:

TEXTO 1

Moro lá na boca
Vivo a repará vida do crime a mim acompanha
Toumim
Esquivando
Desse lado ruim
Procurando meu caminho atras Jesus.

Eis outra composição produzida durante as aulas de produção textual e música:

TEXTO 2

Moro no Boiadeiro
Respeito minha mãe e meu pai, o meu sonho é ser jogador de futebol
Nunca pensei cheiro cola e cheiro pó⁵⁹
Vou estuda pra ser aguem na vida.

O texto escrito por Jadson expressa a falta de domínio das regras da gramática normativa. Os escritos também revelam o grau de marginalidade social da criança ante o capital simbólico que é a língua escrita oficial. Falta de domínio da língua padrão relaciona-se à pobreza, baixa renda, moradia precária. As letras são testemunhas vivas. Amigos e parentes foram ou estão envolvidos com situação fora da lei.

TEXTO 3

Vida do Crime⁶⁰

Eu to na Escola daqui du boiadero
Sou guerreiro quem nao nasce er
deiro sem dinheiro sem
amigos e sem parceiros
para nao destruir a escola
do que do Boiadeiro.⁶¹

Em conversa com a tia de Jadson autor do texto, ela reclamava de seu comportamento na

⁵⁹ Nunca pensei cheirar cola e cheirar pó. A letra “a” é confundida pelo “o”.

⁶⁰ Os textos 1, 2, 3 foram transcritos da forma original, escritos exatamente como se apresentam.

⁶¹ Leia-se: daqui do Boiadeiro

escola, de sua idade avançada e defasagem escolar. Em 2004, 36% dos estudantes negros do ensino fundamental e 55% dos do ensino médio encontravam-se defasados em relação à série⁶². Em Salvador, onde os brancos e os pretos e pardos apresentaram as maiores médias de anos de estudo, observou-se o maior diferencial: 2,4 anos de estudo a mais para os brancos. Em média, os brancos atingiam o ensino médio e os pretos e pardos sequer concluíam o fundamental.

Escolaridade média segundo a cor ou raça - setembro de 2006⁶³

	Total	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Total	8,0	7,5	8,1	7,9	8,1	8,1	8,0
Preta/Parda	7,1	6,9	7,7	7,0	7,0	7,0	6,8
Branca	8,7	8,6	10,1	9,0	9,0	8,6	8,2

Ainda em relação à educação, verificou-se que 20,1% dos pretos e pardos com 10 anos ou mais de idade tinham algum curso de qualificação profissional, enquanto na população branca este percentual subia para 25,3%. Este indicador cresceu significativamente, pois em 2002 as proporções eram de 13,2% (para pretos e pardos) e 16,5% (para brancos). As diferenças regionais mais evidentes foram em São Paulo (onde 28,5% das pessoas brancas tinham curso de qualificação profissional, contra 20,0% dos pretos e pardos) e em Belo Horizonte (35,8% e 28,2%, respectivamente)⁶⁴. Conquanto apresentem limitações na escrita, as crianças, ao produzir músicas, sentem-se encantadas pela demonstração de seu poder criativo e do resultado disso. O educando, Edmilson, 12 anos, quando perguntado sobre “o que aprendeu no trabalho desenvolvido pelas oficinas”, responde:

- Aprendi que traz educação pra nós, que... já é uma coisa, assim... que a gente, dia de sábado, já tem, pra num ficá nas ruas, procurando o que fazer, assim, muitas vez procurando briga.(...) A gente tá aqui aprendendo alguma coisa (...)
- E você gosta das oficinas?
- Gosto
- Por que?
- Porque, assim... cada um inventa sua música, toca, canta, assim... e o povão gosta, né, da nossa música.
- Ok, E o que você mais gosta das oficinas?
- O que mais gosto assim... as músicas, o ritmo também que eles ensina a gente, trata a gente com carinho, assim. Então a gente gosta disso aí, né!?

⁶² CD ROM – Retrato das desigualdades, 2ª edição. Programa igualdade de gênero e raça – UNIFEM/ IPEA. Brasília, 2006, p. 19.

⁶³ FONTE: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

⁶⁴ http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=737, acesso em 26 02 2007.

As aulas de música não são as únicas atividades de que gostam as crianças. No bairro existem diversas opções de lazer, criadas pelo ambiente geográfico (rio, maré, mangue, morros). Quando a maré enche, meninos e meninas tomam banho; quando vaza, meninas, meninos e adultos jogam futebol na areia que se estende ao lado da casa de Jutay, integrante do Sistema Nervoso Abalado. Passeiam de barco, empinam periquito, catam marisco para reforçar o parco almoço. Pegam siri e caranguejo. A produção musical é mais um entretenimento, a fim de acrescentar ao cotidiano. A música é outro episódio de lazer, aprendizagem e prazer. A versatilidade rítmica, metafórica, corporal e vocal espontâneas são formas de expressão artística e cultural que atraem e fixam crianças e adolescentes na atividade estética. Perguntado o que faziam durante as aulas, qual a didática? Dido responde:

Perguntava a eles qual o significado de uma palavra... escola, o que a escola significava pra eles... um lazer, uma área de lazer, um campo de futebol, então daí surgia a idéia, as letras as idéias. A escola significava o futuro, e desse futuro que gente tirava uma letra. A gente trabalhava em cima disso, o futuro de uma escola pra eles. Ai surgiu o “Meninos da Periferia” que tá meio pam... meio desacreditado. Porque a gente não tem aquele apoio.

O Sistema Nervoso Abalado pretende continuar as atividades, mas reclamam da falta de apoio. Enquanto os trabalhos continuam, os jovens participam de movimentos educacionais por diversas razões. Vêm primos, irmãos ou amigos pedindo dinheiro, inertes, distantes da família e da escola, consumindo álcool, maconha, cola de sapato, traficando. Por isso falam tanto em futuro, em esperança de tornar a vida diferente da que é. E a arte das aulas anima, apontando possibilidades, pondo o sonhar na agenda diária. Foi perguntado a Carlos Henrique o que ele havia aprendido com a produção de ritmo e poesia. Respondeu “Trabalhar e estudar”. As aulas de rap são iniciativas de emergência, destituídas dos ideais socialistas das décadas de 60, 70 e 80 que marcaram as práticas educacionais especialmente de Paulo Freire e seguidores: a educação dialógico/conflictiva. As atividades mesclam humor, riso, lições de moral e de sobrevivência imediata. Abaixo, um dos episódios ocorridos durante o encontro entre mestre e discípulos:

Dido: Fala uma palavra aí . Onde é que vocês moram.??

Crianças: Boiadeiro!

Então fala uma palavra que rime com Boiadeiro

Criança 1: _ Dinheiro.

Dido: Já rimou vou botar aqui (*pausa enquanto escreve*): O cara que luta e corre atrás do seu pão, do dia a dia é o que?

Metal: - Guerreiro!

Dido: - Mas vamos colocar um lado positivo aqui.

Dido canta: - Guerreiro do Boiadeiro que luta por dinheiro sem se envolver com a violência do mundo inteiro. Não quero ser pedreiro, a minha cara é estudar pra depois trabalhar e conhecer, pra ter sucesso na vida quando crescer. Quando crescer, eu não vou cheirar cola, eu vou com os moleques pra escola e jogar bola.

Dido: - E aí?

Criança: - Rimou!

Dido: - Rimou? Então vamos colocar essa. E aí, qual sua meta quando vocês crescer. Vão se envolver na vida do crime ou vão trabalhar?

Crianças: trabalhar!

Nas aulas de música exemplificadas acima, os professores perguntam: “Vão se envolver na vida do crime ou vão trabalhar?” Essa pergunta feita por Dido não significa que as crianças da oficina estivessem envolvidas no crime. Ao perguntar isso, MC Dido reporta-se ao mundo próximo de violência presenciada a cada instante. Em uma de suas músicas, o Afrogueto do bairro de São Caetano, solicita: “Para todos os irmãos que tão aí na vida do crime, não vale a pena, não. (Afrogueto. Faixa 6).⁶⁵ Dividindo o mesmo palco, a parceria musical do grupo Pivô do Caos e PJC (Propriedade de Jesus Cristo) fazem discurso em nome de Jesus Cristo. Desestimulam ouvir pagode e fumar maconha, “Nunca fumei maconha, meu pai e minha mãe não merecem isso”. O público parecia estar no paraíso gospel. “*Aí molecada, vocês são o próximo alvo, se esquivem, saia dessa! vocês são inteligentes, se aplique na escola, faça esporte e siga em frente, isso é uma base pra você ser consciente*”⁶⁶. Fecham o show com a frase: “Vida de bandido não chega aos 25”.

Há uma corrente, um acordo instintivo entre a juventude de diferentes bairros para acalmar seus conterrâneos, ensinando-os outro caminho, diferente do crime: o caminho da caneta e do livro. Por isso dão aulas de como escrever e cantar. Nada disso é acordado. Não há uma escola, uma igreja, um centro de saber organizador. Cada um aprende o que concebe ser melhor e compartilha com os demais. Tudo é repassado de “boca a boca”, de panfleto em panfleto. Nesse sentido, o Hip Hop consiste em um movimento cultural e político para reverter a situação de criminalidade e matança em Salvador.

A didática prioriza o conteúdo, mas também a forma, a estética do conteúdo. O modo como as

⁶⁵ As gravações do cd não pertencem a um álbum específico. A data de suas gravações é ignorada, mas desde 2005 as músicas são tocadas e repassadas entre pessoas. De mão em mão, o cd é repassado, copiado, socializado. Copia-se no computador e repassa-se o cd para amigos, fãs, companheiros de movimento, colegas de sala. E assim se dá o fluxo cultural.

⁶⁶ Versos cantados no evento do Segundo Festival de Hip Hop do Boiadeiro. Gravado em DVD arquivo do grupo SNA.

informações são conduzidas fornecem imagens do habitat, combinações, cadências. O professor pergunta a todo instante se a palavra rimou, mostra que o importante é encontrar a melodia. As palavras emergem do ambiente imediato. A criatividade não é podada, nem corrigida, mas acrescenta-se algo ao que foi dito. Liberdade de expressão, risos e batucada se inter cruzam. A boca, como caixas sonoras, imita a bateria. A arte é um instrumento da pedagogia. Os MCs Dido, Metal e Dj Jutay buscam o belo aliado à apreensão do mundo sensível. Em laboratórios como este, surge a música rap, da favela para o mundo. Longe da ortodoxia ou da pretensão de universalidade do belo, o rap ignora a crítica especializada para designar-se arte.

A escola está pintada de rosa. Todas as janelas possuem grades como dentes cerrados de temor. Aulas de rap são feitas ora em ar livre, ora em sala. As crianças ficam dispostas em lugares diferentes: sentadas no banco, ao chão, em pé. Ao lado, um cavalo sossegado saboreia capim. Os professores se revezam sugerindo, elogiando carinhosamente. O bairro do Boiadeiro, segundo depoimento de seus moradores, apresentava, há poucos meses, cerca de duas mortes por fim de semana, geralmente por conta de guerra entre pessoas na disputa pelo comércio de drogas ilícitas. Esse mundo vem à tona imediatamente na conversa com uma criança da oficina de rap:

- _ O que você mais aprendeu com os trabalhos desenvolvidos aqui?
- _ O que não pode fazer na vida, que ocorre, assim... fumar droga,
- _ Você gosta das oficinas
- Gosto
- _ Por que?
- _ Porque é oficina educativa
- O que você mais gosta das oficinas?
- _ Das músicas.

Confessa que aprendeu “o que não fazer”: envolver-se com drogas. Cacau, 34 anos, morador de Novos Alagados, Boiadeiro, predispôs-se a falar sobre a musicalidade do bairro.

- **Você conhece outro grupo de hip-hop, além do SNA, aqui no Brasil? E o que você acha da sua letra, do trabalho desenvolvido por eles?**
- Sinceramente eu não era adepto ao hip-hop, mas hoje escuto as músicas, umas letras eu gosto outras não. Conheço algumas coisas dos Racionais, até mesmo porque não tem como não conhecer, porque está em evidência, tem o MVBill, gostava muito de Sabotagem que morreu, porque ia muito de encontro, e eu acho que músicas negras, não necessariamente negra, mas músicas de periferia, do gueto, a galera, tem que está ligada a protestos,

porque sempre é o nosso povo que está sendo massacrado, então devemos estar sempre ligados a isto, e muitos fogem da realidade para se permanecer na mídia, sai do gueto, mas foge dessa realidade para permanecer na mídia. Não sou contra as músicas de amor, até porque acho que o amor é necessário, pregar harmonia entre as pessoas, mas principalmente músicas de protestos. Agora, é claro aqueles protestos convictos, aqueles protestos que não seja aquele rebelde sem causa, aquelas pessoas que querem protestar a qualquer custo, abrem a boca sem noção nenhuma. Então há muitos grupos no Brasil que exploram, a arma “ta, ta, ta” aquela coisa, então eu não adoto, acho que tem que ser pelo lado da educação, mostrar os exemplos, por onde o caminho vai e onde vai terminar esse caminho.

Você conhece alguma letra do grupo SNA ou tem algum CD?

- Um dos refrões que mais gosto é quando ele diz: (Cláudio canta a música): “Sistema Nervoso Abalado na fita, não tem medo de camburão, porque não dá motivo”.

Acho esse refrão muito forte, porque geralmente quando você não tem medo é porque não tem motivo para ter medo.

Tem outro refrão que gosto também que diz: “bateu se esqueceu, apanhou e se lembrou, foi morto por um pivete que lhe comediou”.

São evidentes algumas exigências de Cacau quanto ao que espera dos artistas: a) letras engajadas socialmente; b) valorização da educação e da arte; c) rejeição à violência; d) valorização de temas positivos que elevem a estima, a psique. Semelhante à maioria das pessoas entrevistadas, Cacau aprecia os trabalhos desenvolvidos pelo SNA. Gosta das músicas, torce para que os trabalhos consigam persuadir mais pessoas.

Tou de plantão na quebrada 12 na madrugada, favela sofrida periferia assustada, não tenho moto, mano, nem tenho carro, mas não vacilo, por isso sou considerado. A violência mora nesse lugar, mas mesmo assim não deixei parar de pensar, de pesquisar o número de estatística dos manos que morrem crivados de bala da mão de polícia.

(...)

O verdadeiro ladrão não mora na favela, anda de terno e uma porra de gravata na goela” (Sistema Nervoso Abalado)

No trecho da música supracitada, a demonização do favelado é combatida abominando genericamente o perfil do rico: “terno e uma porra de gravata na goela.” São letras de combate. A temática é fornecida pela relação diária com a vida presente. No tema, evitam-se abstrações e idealizações. Esses relatos musicais não são exclusivos do grupo de rap baiano Sistema Nervoso Abalado. Em São Paulo, o grupo Fação Central⁶⁷ relata os extermínios de pessoas no Brasil e, no final, aponta soluções humanistas: “Não caia na armadilha siga minha apologia, mesmo de barriga vazia esqueça a jóia da rica.” O Fação Central influenciou

⁶⁷ O sentido de gangsta aplicado ao grupo Fação Central e Racionais MCs se refere à temática das músicas que denunciam a exclusão social, violência do Estado; seu sentido não se refere a membro ou ex-integrante de facção criminosa como grande parte do gangsta rap norte americano.

tematicamente o grupo Sistema Nervoso Abalado de Salvador o qual realiza atividades de produção textual, palestras sobre cidadania e música para crianças, na favela do Boiadeiro, em Salvador. Eis um dos fragmentos musicais analisados nas aulas de rap do Sistema Nervoso Abalado *Aê, o pesadelo do sistema, Sistema Nervôooso Abalado, Sistema Nervoso Abalado dando poder ao povo negro, morou mano*⁶⁸, *ao povo que sofre nos guetos. Ram, ram, ram cavernoso, agressivo, nervoso* (SNA, 2005, faixa 6.). A música vislumbra o “poder ao povo negro”. A música é nervosa, impaciente e quer impactar denunciando o sofrimento. Mas, basta sair um pouco da rua onde o Sistema Nervoso Abalado atua. E se perceberá o desconhecimento em relação ao grupo. Inúmeras pessoas entrevistadas afirmaram que o desconheciam. Isso, porém, não invalida a relevância do trabalho que desenvolvem. Houve quem não conhecesse as atividades educativas do grupo, ainda que morando na mesma rua. São iniciativas despercebidas, ocultas. As impressões comuns que se tem do rap são “música doida” e “música de ladrão”.

As composições musicais são instrumentos de educação não-formal, são aulas que começam antes da sala de aula. Crianças e jovens ouvem as apresentações dos grupos nas ruas onde moram, apresentações de dança, grafite e rap nas escolas e centros de cultura; trocam cds distribuídos gratuitamente como empréstimo. *Nós mesmos (nossos corpos, nossos gestos, nossas falas, nossas vestimentas) somos mídia, estamos constantemente nos comunicando e emitindo mensagens*⁶⁹. Assim chegam as imagens, a arte, e as composições de rap aos ouvidos do público. Esses micro-intercâmbios consistem em processo midiático espontâneo e involuntariamente contra-hegemônico.

Em 2008, o Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria de Cultura e do Fundo de Cultura, tem apoiado outras iniciativas do grupo Sistema Nervoso Abalado em um projeto intitulado *As Raízes Negras do Hip Hop e do Samba de Roda*. O projeto destina-se a trocas culturais entre o grupo de Hip Hop, Sistema Nervoso Abalado e a Companhia de Dança Artemagia, grupo de Samba de Roda da cidade de Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia. O intercâmbio cultural está sendo desenvolvido através de mini-cursos e apresentações dos grupos envolvidos. Os mini-cursos terão lugar em duas escolas públicas de ensino médio: Escola Estadual Cleriston Andrade, em Itacaranha – Salvador, e no Centro Educacional

⁶⁸ A palavra “mano” significa amigo, parceiro. Ver glossário

⁶⁹ Ivo, Any B.I. *ibid.*

Teodoro Sampaio, em Santo Amaro. O primeiro módulo de atividades será desenvolvido por equipe técnica especializada e dirigida aos grupos envolvidos. Os temas versarão sobre a construção histórico-estética do Hip Hop e do Samba de Roda, enquanto instrumento de afirmação identitária negra. O segundo módulo de oficinas é destinado aos 200 estudantes das escolas públicas selecionadas. As oficinas desse módulo compreenderão de construção textual do Rap, grafite, dança (*break*) e Samba de Roda. Encerrando os dois módulos, os grupos culturais realizarão dois shows musicais: um no Centro de Cultura de Plataforma, recém inaugurado e outro em Santo Amaro da Purificação, na Escola Estadual Teodoro Sampaio.

Normalmente, para existirem semelhantes iniciativas culturais, é necessário que gente letrada elabore projetos de intervenção social, no âmbito da cultura, educação e de natureza afim. Isso significa que um jovem de formação secundária disposto em contribuir com a formação no bairro é impedido de captar recursos. A outra alternativa corriqueira é a de líderes comunitários, ligados às assessorias partidárias; responsabilizarem-se por elaborar e executar o projeto sócio-educativo. Esse vínculo normalmente centraliza as ações na personalidade do líder de bairro, que mal compartilha decisões e recursos. Parte dos moradores é de algum modo beneficiada, porém o bairro, a cidade, o Estado carecem de política de educação e cultura mais ampla, que associe arte, lazer e educação.

Enfim, os grupos de Hip Hop produzem atos de arte, lazer, informação em diversos bairros. Posteriormente, solicitam algum apoio do Estado ou de setores empresariais. Tais iniciativas, entretanto, expiram rapidamente por falta de estrutura material tanto do público alvo quanto dos instrutores do Hip Hop. Assim continua o ciclo de riqueza de idéias e criação artística, mas de restrições ao apoio.

CAPÍTULO V

DISCURSOS IDENTITÁRIOS NA TERRITORIALIDADE DO HIP HOP EM SALVADOR

Os egípcios dizem que os deuses têm nariz
chato e são negros, os trácios, que eles têm
olhos verdes e cabelos ruivos. (Xenófanes 570-
528 A.C)

5.1. O avesso do avesso – a odisséia do gangsta rap

Quero meu próximo longe de mim.
(Friedrich Nietzsche)

De acordo com Hall (2005), o pós-modernismo tem profunda e ambivalente fascinação pelas diferenças sexuais, raciais. Esta fase histórica das relações étnicas Hall chama de “culto ao primitivo”; é a volta da visão racista eurocêntrica ao passado, ao vislumbre e consumo do negro primitivo, mas que rejeita sua inserção social, seu estatuto de mesmo e relação equinânime. Sodré (2000, p. 256) ratifica tal reflexão, denunciando *o corpo feitichizado, ideal, um look publicitário, mas que o padrão hegemônico mascara a desigualdade social – sem poder verdadeiramente aceitar o pluralismo ou diversidade humana*. Tal preocupação é pertinente, uma vez que a tradição do pensamento europeu instaurou a razão e seu legado filosófico-científico como apanágios exclusivos de parte da Europa e de seus descendentes nas diásporas pelo mundo. Hegel advoga o a-historicismo africano; Nietzsche exalta o negro como anti-razão, elogiando sua não-consciência, contígua ao além humano. Jung estende as teses hegelianas advogando a infantilidade do homem africano. Em comum, todos esboçaram a tradição discursiva do Ocidente que advoga o primitivismo negro versus o racionalismo europeu. O conhecimento, porém, não é patrimônio exclusivo de um povo, de uma região, de uma sociedade; ele migra poderoso regional e periodicamente por todo o globo terrestre.

Indubitavelmente, são pertinentes as semelhanças discursivas entre Hall e Sodré, por outro lado, não se deve descartar a identidade, a semelhança, o vínculo existencial-valorativo como propulsor de consumo de imagem e música “negra”. Importa agora acrescentar outro viés

interpretativo, que não só o de consumo primitivista. Conforme Orlandi (2000), *em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações discursivas*. Em um corpo reside múltiplas nuances, desde a polissemia do gesto a semântica da existência. No caso do *gangsta rap* norte americano, num dado momento, o negro é inserido na comunidade do *Mesmo*, e não é visto como o exótico; o *Outro* torna-se o *Mesmo(igual)* para seu público - constituído em grande parte por jovens brancos; torna-se simbolicamente o *Mesmo* na medida em que comungam valores semelhantes ou úteis aos espectadores de quaisquer países, e cores da pele. Há, entre público e artista, afinidade cultural, de práticas, de atitude. Compartilham-se projetos e ideologias. Evidente que tamanha empatia dificilmente ocorre no contexto das hierarquias sócio-políticas da dicotomia negro-branco.

Por outro lado, a interdiscursividade – a branquitude – assim como o signo “negro” não é algo absoluto, essencial, imutável. A branquitude desliza “estrategicamente”⁷⁰, conforme as configurações sócio-políticas. Aliar-se-á ou se distanciará do Mesmo/Outro (negro) conforme os desafios políticos. Esse é mais um instrumento para entender a adesão do público branco ao *gangsta rap*. A arte possui, sim, poder de perfurar encantadoramente a “pele” do Outro, “cooptando-o”, angariando empatia, tornando-o o Mesmo, formando *campos*⁷¹ de luta e solidariedade.

O *rap* já não é música exclusiva do movimento Hip Hop, aliás, nunca o foi. Esse estilo migrou desde cedo para a produção de vários artistas, a exemplo de Whitney Houston, Madonna, Simple Red, Daúde. Esse ritmo é cantado não apenas por quem pertence ao movimento Hip Hop. Logo, o Hip Hop tornou-se uma facção do rap que adquiriu proporções faraônicas com a massificação das formas de reprodução audiovisuais. Nem todo vocalista de rap integra a “organização” Hip Hop a qual pressupõe enfrentamento conjunto às estruturas opressivas. O *rap* extrapolou as fronteiras da negritude, pois em países diversos ele incorpora distintas bandeiras de luta, com demandas específicas: migração, religiosidade, gangsters não-negros. Na Alemanha da década de 90, por exemplo, o grupo de rap turco *Kanake*⁷² enfrentara

⁷⁰ Termo empregado por Cauche em “A noção de cultura nas ciências sociais” 2002, p. 196 ao historicizar cultura e identidade.

⁷¹ Bourdieu, na obra *Economia das trocas simbólicas*, 2001, refere-se a campo como “lugares-comuns” de identificações para os embates diários: campo estético, ideológico. Político, etc

⁷² WELLER, Wivian. A construção de identidades através do Hip Hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim. Cadernos CRH, disponível em <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=88&layout=abstract>, acesso em 20 de agos. de 2007.

o nacionalismo dos *skinheads*. Seria ingenuidade e “romantização” crer na “guetificação” de qualquer expressão artística, mesmo quando, a princípio, os veículos multimidiáticos rejeitem-no.

O estilo musical *gangsta rap*, por exemplo, exerce profundo fascínio na juventude em todo o mundo sejam brancos, latinos, negros, brasileiros ricos ou pobres. De acordo com Yeoman (apud Richardson, 2002, p. 12), em 1999, eram brancos 7 de cada 10 jovens que compraram cds e fitas de rap.⁷³ Milhares de jovens se identificam com o estilo de vida destes artistas excrímiosos, que cultuam drogas (*êxtase*, cocaína), apreciam exibir armas, amam consumo e luxo, fazem apologia à violência e à “profunda homofobia comum às distintas variantes do *gangsta rap*.” (HALL: 2006, p 37), promovem a inferioridade e submissão da mulher, chamada frequentemente de *bitch* (cadela), mesmo um homem, considerado inferior, é chamado de “pussy” (buceta), otário. “O *rapper* francês Monsieur R. dizia à época da revolta nos subúrbios de Paris, em 2005. “A França é uma puta que deve ser deletada até a exaustão. Temos que tratá-la como uma prostituta. Negros e árabes, bem armados, nosso pátio é a rua!”⁷⁴ Ice-T, considerado pai do *gangstah rap*, define o estilo a seu modo:

Em 1982, uma música foi criada e intitulada *Gangsta rap*. Essa música não tinha mensagens positivas, nenhum sentimento de culpa; odiada e temida pelas estruturas. Essa música mudou o curso do mundo⁷⁵.

O corpo suado, a calça folgada, cueca à mostra, não denotam apenas o primitivo, mas a transgressão, a criminalidade, o fora-da-lei, a desobediência civil. O corpo suado, seminu, com barriga de “tanquinho” (musculosa) tem outra leitura: denota saúde, sexo, energia, vigor, poder, beleza para ser consumido, saboreado, contemplado, apreciado. Isso vende, porque é bom, bonito e palatável na contemporaneidade; antes não o era. Existe uma rede de complexidade não-causal, um fluxo de relações, as quais não se restringem a relação com o mercado, ao capitalismo. Para entender isso, carece-se mais de abordagem crítico

73(...) as of 1999, 7 out of 10 of the teens that purchased rap music CDs and tapes were White youth (Yeoman, 2001)

74 ": "France is a bitch. ... Don't forget to [deleted] her to exhaustion. You have to treat her like a whore, man! ... My niggers and my Arabs, our playground is the street with the most guns!" Mr. R's celebrated album "PolitiKment IncorreKt David Brooks, Playa Hater. The New York Times columnist grapples with "gangsta rap." By Jody RosenPosted Thursday, Nov. 10, 2005, at 6:45 PM ET Disponível em: <http://www.slate.com/id/2130120/>, Acesso: 30 dez. 2007, 00h.e 10min.

75 In the year 1982 a music was created. It was given the title: *Gangsta Rap*. It had no positive messages, no redeeming value, hated and feared by the establishment, it changed the course of the world."

interpretativa. As gírias, palavrões, ofensas, narrativas de crime; corpo com marcas de bala, de faca, de agressões, tatuados fogem ao legal, ao normal, à vida “certa”, empresarial-tradicional. O gangsta rapper é um empresário diferente do tradicional, pois traz consigo a experiência da desgraça, do caos engendrado pelas fronteiras racialistas. Portanto, não encarna simplesmente a filosofia branca/capitalista e erotizada. O gangster traz consigo um novo *texto* atemporal, valores como dureza, cinismo, arrogância, senso de superioridade, riqueza, malandragem, esperteza, vitória após a guerra da delinquência. Por tratar de temas universais, inerentes ao padrão de ser humano que se conhece, é que fazem tanto sucesso. O gangstah é música de quem já venceu a morte, de quem vive vazio, sem esperar seguridade das autoridades. O abandono social leva indivíduos perderem o medo. 50 cent afirma: *Tudo que ouço no bairro é a negrada dizer: acho que morro hoje à noite*⁷⁶. Notorius Big diz: *estou preparado para morrer*. Ice-t canta: *você deveria ter me matado no ano passado*. Tudo isso são energias que atraem pessoas de quaisquer nacionalidade e cor da pele, independente do sistema econômico-moral e do tempo em que vivam. Pessoas perseguidas por ditadores, pela polícia, pelas dissensões sociais hão de atrair-se por essas mensagens.

Sinceridade e biografia criminosa do cantor gangsta são valores que encantam as audiências – alguns delinquentes, outros não – das mais distintas nacionalidade, classe e cor. O cantor gangsta Fifty Cent é o terceiro dentre os 50 artistas que mais venderam álbum no mundo em 2005⁷⁷. Suas composições mostram “Como roubar” (*How to rob*), como apontar uma arma para o rosto de alguém (I put a gun in your face); Outro rapper, Young Buck, canta: “Não preciso de ajuda” - do estado, da polícia- (*I dont need no help*), *Foda-se a polícia (Fuck the police)*; o cantor Ice-T sofreu perseguição do Estado de segurança norte-americano por causa de sua música heavy metal “matador de polícia” (Cop Killer). Aliás, os artistas Tupac, Ice-T, Wu Tang consideravam a polícia a facção gangster mais poderosa que todas, porque armada pelo Estado. *Então, se temos a seguinte hipótese: gangue=polícia=Estado, o Estado pode funcionar como uma empresa criminal, ou seja, com capacidade e intento criminal*⁷⁸. No Brasil, não é diferente, as letras de música do Planet Hemp, Racionais MC, Facção Central, Sistema Nervoso Abalado revelam que, a polícia, longe de inspirar segurança, significa ameaça e perigo, mesmo à pessoa de bem. “60% dos jovens de periferia sem antecedentes

⁷⁶ All through the hood I keep hearin niggaz sayin- I'm supposed to die tonight.(50 cent); I'm ready to die (Notorius Big); You should have kill me last year(Ice-T).

⁷⁷ ABPD. Publicação Anual do Mercado Fonográfico ABPD 2005

Rio de Janeiro, 2006., p.6. http://www.abpd.org.br/downloads/Pub_2006_final.pdf. 28 out. 2007acesso as 21h 27min.

⁷⁸ Ver texto completo em Hip Hop e a Filosofia, Madras editora, 2006, p.78.

criminais já sofreram violência policial. A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negros”.(...) “Quem confia em polícia? Eu não sou louco.” (Racionais MCs). Com este relato das ruas para o mundo, qualquer jovem é educado para estar sempre em vigilância. Seria pretensão moral solicitar suavidade das palavras de quem tem sido socialmente maltratado. Os grupos brasileiros não se definem gangsters, por isso este texto também não os classificam deste modo. Salienta-se, sobretudo, o modo como as condutas e imagens de gangsters norte-americanos foram retomados por artistas-ativistas brasileiros.

A partir das composições de músicas *gangsta* norte-americano da década de 2000, constata-se que os inimigos do gangster são o homem branco, o homem negro ou quem quer que seja. A ética gangster é iconoclasta. Confia em ninguém. Tudo o que se interpõe contrário a suas forças tem potencial inimigo. Não é a burguesia, nem os brancos puramente. Não há maniqueísmo nem determinação causal para análise dos sujeitos sociais. As zonas de comércio das ruas, das gravadoras, o cotidiano e o mundo macro econômico-cultural são palcos de guerra, de morte. A batalha se dá entre gravadoras de negros. Entre grifes de negros. Entre o afã por lucro. O próximo e o distante são ameaçadores. Os entraves estão por toda parte. É o eterno retorno hobbesiano da luta de todos contra todos, sem necessidade da intervenção racional do “soberano” estatal. Já existem leis próprias no território gangster. Não há espaço para piedade, nem arrependimento, nem perdão. Paz e humildade são valores desabonados. Então, inverte-se a noção de bem, justo e bom. Quem sabe não seja o gangster o anti-herói nietzschiano. A transformação do mal em bom e do bom em mau e, mais que isso, a extinção de noções de bem e mal como leis naturais, intocáveis, tornando-as elementos temporários, circulares e instáveis. Categorias que, para erguer-se, adentra a zona de silêncio, de suspensão crítico-discursiva. Valores já existentes fora do mundo gangsta no cotidiano de disputas, mas enclausurados, não declarados publicamente, que ficam restritos às disputas da empresa pública e privada.

Por causa da sinceridade e audácia das palavras o gangsta encanta, vende discos, lota estádios, migra seus interesses para o negócios com roupas, joalherias, vídeo games. Os cantores *gangsta* adotam ações “primitivas”: defesa de território, agressividade imoral, vazio de censura. A palavra primitiva refere-se à escassez de moral, e são desses pressupostos que povos em todo o mundo se utilizam no momento de acirrado conflito: devorar e espedaçar o outro. Esse é um modelo de formação de caráter inverso às práticas do Hip Hop brasileiro que, inclusive, refuta esta cena do exterior. Se por um lado há repúdio, por outro, há encanto

com a imagem, o ritmo, a dança, as artes plásticas, a palavra. E assim se dá a absorção da cultura gringa.

O fenômeno gangster tem sido superficialmente concebido como um fenômeno de mercado. Eis uma interpretação profundamente economicista que negligencia o devir do corpo simbólico. Eis um método insuficiente de apreender o cotidiano. Na verdade, o mercado é meio de dar ressonância e materializar um pensamento que não nasce com mercado. O mercado consiste num viver aliado a outras forças identitárias. As letras de rap são, portanto, denotações de vivências que não se reduzem à tática comercial. Traficantes, comércio ilegal, declarações de amor e ódio, separações por diferenças entre culturas são atemporais, anteriores à fase serialista da economia vigente.

Snoop Dogg, Dr.dre, Fifty Cent, Young Buck (fazem rap *gangsta*) são vitrines humanas de grandes empresas: Bacardi, BMW, Giovanni, Cadillac, Mercedz Bens, Prada, Magnus. O gangster da era 2000, diferente daquele crítico-politizado dos anos 90, também é empresário e quer vender marcas, por isso as ostenta. São obsessivos por poder e vitória “por quaisquer meios necessários.” Contudo, a cultura da malandragem, do hedonismo, da violência não é exclusiva dos rappers, perpassa pelas diversas instâncias empresariais cuja linguagem, gestos, vestuário caracterizam-se pelos recursos “dóceis”⁷⁹ como disfarce. Impossível, por conseguinte, que as respostas à escassez de direitos tenham a mesma textura, que se inspirem em ideais cristãos, socialistas, enfim, politicamente corretos. Até porque o *habitus* destes músicos os diferencia do campo estético-ideológico de outras comunidades. Consoante Bourdieu (1990), *habitus são as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência a interiorização das estruturas do mundo social*. De modo que o *habitus* consiste em instrumento precípua na composição do campo estético, ideológico, assim como na identidade dos consumidores. Para o cantor gangsta, o inferno é aqui. Somente deus pode salvá-lo – o deus dinheiro. A cristandade da tradição musical *spirituals* expressa em Mahalia Jackson, por exemplo, foi apagada da memória gangsta. O gangsta é pragmático. A música não traz imagens de sinos, luz nem clamor a Jesus. Gangsta é música de guerra, por isso ouve-se som da banda militar em músicas de Young Buck; ouve-se cartuchos de bala caindo ao chão (Fifty Cent); percebe-se trincar de espadas e lutas marciais em WU Tan Clang; socos e ringue, em L.L.Cool J; tiros na cara do traidor em canções de ICE-T (álbum O

⁷⁹ SANTOS, *ibid.*

retorno à verdade⁸⁰). No Brasil, essa tradição continua nos grupos de rap como ilustração das variadas temáticas abordadas. A sonoridade gangsta é repleta de imagens que reproduzem os sons de cidades onde o cumprimento da lei se faz ausente (sirenes, portas arrombadas, rajadas de bala). Onomatopéias inundam o imaginário vivido dos artistas.

Segundo Hooks (1994), o gangsta rap não emerge do vazio, mas, em vez disso, é a expressão da mesclagem e adesão da cultura negro-juvenil aos valores, atitudes e interesses da supremacia branca⁸¹, capitalista, patriarcal.

A presença do patriarcalismo e da misoginia, materializados em hierarquização dos papéis sexuais, não é um apanágio exclusivo das sociedades onde a população branca domina, senão também de inúmeras sociedades africanas e asiáticas. Isso deve ser acrescentado ao pensamento de Hooks.

John Wayne, Sylvester Stallone, Arnold Alois Schwarzenegger - eis alguns ícones cinematográficos belicosos, repletos de glamour e honra hétero/nacionalista/racial. Aliás, as indústrias áudio-visual e bélica têm íntima parceria na sociedade norte-americana. Numa sociedade de destreza milenar com revólver, canhão e pólvora, a juventude incorporou perfeitamente o modo de vida norte-americano neoliberal alicerçado no individualismo, na pseudo liberdade democrática, ancorada na avidez por dinheiro e lucro como fins em si mesmos. Fifty Cent canta: “Ganhe dinheiro, não importa como”.⁸²

O rap superou-se com o cantor Old Dirty Bastard. Efeitos sonoros inusitados: vômitos, escarros, flatos, urros, cães vorazes rosnando, gritos cruzados alucinantes. Fez rap transgressor com recursos de blues, soul, jazz; fez o avesso do avesso. Anti-música, anti-arte na composição e na performance de estúdio e palco. Eis a façanha desvairada de ODB. Ele que tinha problemas mentais. Ele que havia sido internado inúmeras vezes, falecera também misteriosamente entupido de comprimidos. Filho do rap; carregou toda a tradição e em seu interior a superou com música filosófica, irônica, bem humoradamente em busca da não classificação da arte. Assim produziu o som que ainda não existia. ODB era filho das ruas, da

⁸⁰ The return to real

⁸¹ (...)gangsta rap does not appear in a cultural vacuum, but, rather, is expressive of the cultural crossing, mixings, and engagement of black youth culture with the values, attitudes, and concerns of the white majority, some folks stop listening

⁸² Título da música Make money by any means, de Fifty Centy.

violência, das gangues e transformou sua experiência em criatividade ímpar.

A literatura brasileira jamais se surpreenderia com a temática gangster, afinal a obra *Feliz Ano Velho*, em 1975, já inscrevia diálogos “gangsters” exumados pela escassez, miserabilidade e influxos televisivos. Ao invadir uma mansão, os assaltantes dialogam: “não vai comer uma bacana destas? Perguntou Pereba. Não estou a fim tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto”. (FONSECA: 1989, p.20).

O *gangsta rap* introduziu coragem e ousadia à música brasileira e à prática militante. A expressão “*puta que o pariu*”, provavelmente, o mais poderoso palavrão do português brasileiro pela primeira vez aparece em um texto musical⁸³. (CARVALHO: 1999, p. 290) - A cultura gangsta já reside no cotidiano brasileiro: no âmbito da linguagem, o vocábulo “parceiro” (nigga) e “correria” (run) já foram absolvidos. Sangue e onomatopéias bélicas jorram das músicas do grupo Facção Central, reivindicando justiça social, tratando do corpo em extinção, diferente da música clássica popular brasileira que, com raríssimas exceções, “tratava da alma – não do corpo - de indivíduos”⁸⁴. O rock brasileiro, a partir dos anos 80, introduz na agenda cultural brasileira *os dramas dos jovens/adolescentes da classe média urbana, sua excitação e depressão, ansiedade e angústia*⁸⁵. Diferentemente, o rap traz narrativas protagonistas, até então introduzidas levemente pela música punk. O grupo de Hip Hop Facção Central⁸⁶ relata os extermínios de pessoas no Brasil e, no final, aponta soluções humanistas – atitude que lembra o gangsta rap dos anos 90 com Ice-T, Tupac Shakur e Notorius Big nos Estados Unidos. Os dois últimos foram assassinados, sem que se soubesse por quem.

O Facção Central influenciou tematicamente o grupo Sistema Nervoso Abalado, de Salvador, o qual realiza atividades de produção textual, palestras sobre cidadania e música para crianças, na favela do Boiadeiro, em Salvador. Enfim, o *gangsta rap* já integra a cultura brasileira, transformando-a intestinalmente, apesar de parte da comunidade Hip Hop

⁸³ The expression “puta que o pariu” probably the strongest curse in Brazilian Portuguese and the first time it has ever appeared in a song text. O autor faz referência ao rap politicamente correto do Câmbio Negro o

⁸⁴ CARVALHO, *ibid*, 263.

⁸⁵ Ver o texto de Milton Moura intitulado esses pagodes impertinentes, *In: Textos de Cultura e Comunicação* n. 36, Salvador, FACOM/UFBA, 1996, p. 53-66.

⁸⁶ O sentido de gangsta aplicado ao grupo Facção Central e Racionais MCs se refere à temática das músicas que denunciam a exclusão social, violência do Estado; seu sentido não se refere a membro ou ex-integrante de facção criminosa como grande parte do gangsta rap norte americano.

politicamente correta, seja nos Estados Unidos seja em Salvador, lutar contra essa variedade de rap. O fato é que inúmeros grupos utilizaram-se de elementos simbólicos do gangsta rap para re-significar a linguagem, o modo de educar e de se educarem, modificando a cultura local. Se o Hip Hop é o avesso da estandardização racista-neo-liberal; o *gangsta rap* dos anos 2000 é o avesso da cosmovisão politicamente correta. Inevitavelmente, um e outro não têm sido indissociáveis. Mesmo porque o Hip Hop nasceu da delinquência e, paradoxalmente, *projetou recuperar jovens em situação de risco, resgatar história, estima e noção de respeito societário* (MESSIAS: 2007, p. 83). O Hip Hop politicamente engajado de Salvador rejeita conscientemente o comportamento gangster, mas, por outro lado, incorporou a temática, a linguagem incisiva, a coragem, o instinto de combate, pois a guerra em multiforma é um estado permanente.

Com o gangstah rap, inicia-se um nova estrutura psíquica fundada não mais numa religiosidade passiva, resignada. A sobrevivência e a fidelidade à terra ganham importância primordial, diferente de querer um paraíso e dignidade fora do telúrico - numa região supraterrana suavemente prometida há milhares de anos pela cristandade. Agora, a sobrevivência, mais que o "amor ao próximo" importa. Aqueles que por princípio moral seriam próximos, tornaram-se desiguais, longínquos, inimigos nas relações concretas. O universalismo fraterno da ética cristã volveu-se num abstracionismo formal e estanque. A igualdade de todos os homens perante Deus não se plasmou. Da mesma forma a igualdade constitucional e empírica também não se sucedeu. A moral anterior, fundada em princípios cristãos, não fundamentou precisamente as justificativas para tanto sofrimento. E mesmo a modernidade secular-pseudo-democrática concedeu uma moral individualista, egoísta, não solidária, cujo fim já não mais é o velho Deus, senão o Deus-Mercadoria. Ambas não puderam suprimir as diversas brutalidades que ainda negam o humano, pois, sendo culturalmente patrimonialista, o sujeito subvaloriza o Outro para dissolver-se ou fundir-se no progresso da propriedade. Eis a civilização encantada com os frutos da racionalidade e seu vigor criativo que se ilumina, e converte os componentes da natureza em objeto possuído. Esse modo de ser avilta a alteridade e minimiza a dignidade humana.

Segundo Athayde⁸⁷, um dos ideólogos do rap brasileiro na atualidade, *é impossível via amor, afeto e carinho mudar o quadro do negro deste país*. A moral anterior produziu indivíduos pacificadores, silenciosos, introspectivos. O amor perverteu a consciência de pobres, mas não

⁸⁷ Entrevista na revista Isto É. 2003. p. 62

tornou equinânimes as relações práticas. Ao contrário, apenas conservou e fortaleceu as posições de poder da população euro-descendente. Todos nasceram no amor de Cristo e no teórico respeito à humanidade alheia, negando os impulsos e necessidades próprias. O amor silencia, cria ilusões; faz suportar as agressões alheias, ainda que não se frequente tanto as igrejas ou que se evite ler a Bíblia. Aí está a educação moral do pobre contra a qual muitos rappers brasileiros se insurgem.

Como é possível que o rap melhore seu estilo? É necessário civilizar seu modo de falar, andar, cantar, rimar, musicar? Ora. *melhorar o estilo - isso significa melhorar os pensamentos e nada mais!* (NIETZSCHE: 2005, p. 153). Com efeito, *nada prova em favor da qualidade e duradoura validade de um estilo; por isso não devemos estar muito seguros na qualidade de qualquer artista que seja*⁸⁸. Pensando assim, deve-se evitar comparações hierarquizadas entre o rap e qualquer outro estilo musical, já que o padrão de gosto e de arte é ideológico quando não sujeitos à disposição política, étnica, ou do campo social. A repetição sonora que existe no rap é peculiar a outros estilos. A bossa nova, o heavy metal (rock pesado), por exemplo, também se caracterizam pela repetição sonora. É impossível ouvir bossa e classificá-la como reggae ou metal, pois existe, em cada estilo musical, uma convenção rítmica que se iguala a si, distinguindo-se dos demais.

5.2. Construção de projetos políticos em meio a conflitos identitários

O presente subcapítulo discorre sobre ideários político-culturais externos e internos ao movimento Hip Hop da cidade de Salvador. As ações educativas são fomentadas em função dos empecilhos e conflitos ideológicos existentes. As letras de música e eventos ocorrem por causa do contexto conflitante em que se inserem os atores sociais. Tudo isso se constitui em práticas discursivas não menos educativas que visam ao pensamento e posturas críticas. Essa prática pedagógico-discursiva está no interior das tensões sócio-políticas que agora serão expostas.

O movimento Hip Hop em todo o país, bem como em Salvador é interseccionado por correntes de pensamento advindos consciente e inconscientemente da cosmovisão do partidário marxista, do movimento negro e das religiosidades cristãs, do anarquismo,

⁸⁸ NIETZSCHE, *ibid.* p.123.

feminista; do voluntariado idealista sem qualquer vínculo institucional. Tais discursividades ora se fundem, ora se colidem. Há uma fatia do Hip Hop que opera arrematando membros em torno de seus projetos partidários estendidos no interior do movimento Hip Hop. Em entrevista,⁸⁹ Pablo, integrante do Partido Comunista do Brasil (PC do B) e da Nação Hip Hop Brasil, fala de sua participação no movimento:

A minha participação dentro do movimento é de participação de educação social, trabalhando com questões projetos que venham beneficiar a comunidade e o geral como um todo, porque a gente só muda um contexto através da educação, e o melhor fator é a educação social, que é um dos principais elementos do movimento Hip Hop, e eu considero que seja o quinto e o principal elemento.

Perguntado se há conflitos identitários entre partidários e outros integrantes do movimento, responde:

[Dizem] Ah! voce é partidario e tal!", nao, eu sou do movimento Hip Hop, então o PC do B que faz movimento Hip Hop não nos enganamos que a gente se insere, porque a gente acredita, a gente acredita que o Hip Hop é o elemento principal na transformação social, não é à toa que muita gente largou o canhão e voltou pros cadernos através do Hip Hop. Eu conheço uma pá de gente, inclusive trutas meus de infância e tal que se se transformaram se converteu sem precisar da igreja, através do Hip Hop. Aí tem caras que se esconde atrás de partido; durante a campanha faz campanha escondido por debaixo do pano, para ninguém identificar ele: "ah, voce é partidário" . (...)

Só o movimento punk...eu acho que o único movimento que não se filiou a partido nenhum e nunca vai se filiar (...) porque todos os outros movimento os que têm e os que surgirem, sempre vai ter, vai ter gente do partido envolvido,

O testemunho de Pablo ajuda a compreender como o Hip Hop tem convertido jovens que antes empunhavam armas e hoje se afastaram de tal conduta "sem precisar de igreja". Desse testemunho, depreende-se o quanto o Hip Hop está no campo de instrumentalização dos partidos de esquerda cuja concepção marxista-sindical-partidária advoga que conflitos raciais serão suprimidos pela superação da classe burguesa pela classe operária; seu projeto dialético é ocupar todos os setores da sociedade especialmente o "Estado burguês-capitalista". Nessa perspectiva binário-maniqueísta, o capitalismo tem sido tratado essencialmente como a causa dos males sociais, porém o capitalismo é a materialidade da estrutura cultural, é contingência histórica da "fome", do "estômago" (FREUD: 2001, p. 75), da *vontade de poder* a qual se ramifica em formas de exploração e sistemas sociais como stalinismo, nazismo, socialismo científico, capitalismo, medievalismo, egipcismo. Independente das pressões econômicas.

⁸⁹ O evento Hip Hop dos Manos, ocorrido na universidade do Estado da Bahia – UNEB, bairro do Cabula.

Forças psicológicas atuam sobre a sociedade, dor, raiva, medo, ao lado das emoções da fome, sede, sexo, forças que têm uma grande intensidade de repercussão (REIS: 2007, p. 65.)

O sistema capitalista - assim como o racismo, a religião e o sexismo - é apenas o objeto central de determinada metodologia político-interpretativa.

Grande parte do movimento negro baiano se serve do discurso e modelo organizativo dos partidos socialistas gestados na Alemanha e Rússia pela experiência marxista-engelista-leninista. Há uma relação visceral entre partidos de esquerda e membros do movimento negro. Por isso, é árduo detectar onde começa e finda tais segmentos.

A bipolaridade classe versus raça ainda perdura nos bastidores dos embates. Esse duelo teórico e prático será transplantado para o âmbito da educação não-formal expressa nas cartas, letras de música, depoimentos e ação dos grupos. A carta⁹⁰ abaixo mostra a insatisfação do Hip Hop e entidades do Movimento Negro contrários ao modo como o governo de aspiração marxista tem administrado a cidade de Salvador desde 2007.

Carta da Juventude Negra de Lauro de Freitas

Lauro de Freitas, cidade da região metropolitana de Salvador, reflete em suas vielas, becos e avenidas, a triste realidade porque passa a juventude negra desse país. Nesta cidade onde o estado se apresenta com uma cara branca e exhibe seu arsenal da morte, jovens negros vêm sendo executados num cotidiano perverso, onde a invisibilidade da cor e o grito silenciado das mães de pele preta eximem governantes e autoridades de suas responsabilidades administrativas.

Enquanto a ascendente esquerda tenta em longo prazo, elaborar projetos de redução de danos, as chacinas e o consumo desenfreado de entorpecentes seguem no seu PAC (processo de aceleração contínua), mostrando que suas ações são mais eficazes do que as acanhadas políticas apregoadas.

Enquanto o crack em apenas um mês pode viciar e matar, os jovens dessa cidade esperam há quase três anos a construção do centro de re-socialização. Enquanto de um lado, cresce a economia do país, do outro decresce o número de membros de famílias negras nos bairros de Portão, Itinga, Vida Nova e Lagoa dos Patos. Enquanto os governos, ONGs e

⁹⁰ "Ricardo Andrade" folhapopular@yahoo.com.br para **Para:**Ricardo andrade para "simone Hip Hop" <negramone@gmail.com>, "branco Hip Hop" <claperiferico@yahoo.com.br>, "zeze Hip Hop" <olukemi_akin@yahoo.com.br>, "mara hiphop" <abayomih2@yahoo.com.br>, "maras hiphop" , <iakine@yahoo.com.br>, "irundi irundi" <irundi_sede@hotmail.com>... mais Quarta-feira, 11 de Junho de 2008 0:13

organizações se sujeitam a executar oficinas lúdicas o crime organizado oferece R\$ 500,00 (quinhentos reais) semanais para nossa gurizada gerenciar bocas de fumo.

Acreditamos que ao invés de administrar, temos é que redefinir esse falido **MODELO DE ESTADO**. Contudo, é importante frisar que não temos a fórmula, nem a receita da felicidade, mas é de nossos impostos que saem os ingredientes para pagar aqueles que devem apresentar soluções imediatas para que a vida continue pulsando em nossas vidas.

Lauro de Freitas, 25 de maio de 2008

Juventude Negra de Lauro de Freitas, Posse de Conscientização e Expressão – PCE, Movimento Negro Unificado – MNU, Rede Ayie Hip Hop, Campanha Reaja, Associação de Parentes e Amigos de Presos – ASFAP, Fórum de Juventude Negra.

A carta foi distribuída em passeatas, circulou em correios eletrônicos, foi entregue a autoridades. Sua tônica é “a triste realidade por que passa a juventude negra deste país”. Seus autores são MCs, DJs e outros que integram entidades diversas do movimento negro. A carta expressa as tensões étnicas entre proposições metodológicas diferentes; revela tensões entre o movimento negro e práticas governamentais da esquerda socialista, agora no governo federal e estadual. É a continuidade das discussões raça *versus* classe que ainda não foi resolvida.

Importa destacar que a forma de interpretar as relações de poder não podem ser exclusivamente binárias: (burguesia/proletário, branco/negro, homem/mulher). Segundo Castro (1998, p.24), “as desigualdades sociais tenderam a ser explicadas em termos de diferenças de classe antes de diferenças de raça.” São polaridades vigoradas a partir da modernidade, conquanto tornaram-se pulverizadas e materialmente frágeis no vigente contexto social, em função dos diversos sujeitos emergentes. Castro e Guimarães (1995) afirmam que o estudo das experiências políticas dessas novas frações do operariado brasileiro sugere que sua constituição enquanto classe não pode ser apreendida unicamente das condições materiais e econômicas da industrialização que lhes serviu de berço. Fazê-lo, equivaleria a simplificar ilegitimamente o processo de formação de classes, abdicando do significado das diferenças culturais, políticas e ideológicas que sempre o particularizam.

Depreende-se destas táticas que, organizar-se contra o Estado, contra o patrão é um caminho muito distante, árduo, trabalhoso e trabalhista demais – um projeto cansativo, utópico. Isso não significa falta de consciência, alienação, mas escolha de percursos diferenciados na

disputa infindável do cotidiano.

A assunção da negritude em Salvador é expressiva, mas inúmeros outros discursos identitários se interpõem na perspectivas de organizar-se diferentemente. São infinitas as causas para isso: identidade cooperativa (já citada), identidade religiosa cristã, mestiçagem bio-cultural, a certeza de que conflitos de classe determinam as relações de poder e a condição de pobreza.

Sabe-se que a população branca, chegou híbrida bio-culturalmente no Brasil. Isso se deve à invasão da Península Ibérica, desde o século VII, pelos mouros (asiáticos e africanos). Segundo Freire (2001, p.289), a influência africana pesou sobre a européia e lhe deu um acre e requeime sexual, à alimentação, à religião. O sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura. A mestiçagem biológica e cultural – condição inevitável da existência humana - cria vínculos afetivos e aniquila bandeiras de luta de caráter racial.

Em Salvador, a manifestação de fúria racial como resposta à discriminação é abrandada; é abandonada por causa da cordialidade-cruel, pela religiosidade, empregabilidade e mestiçagem. Também a “cama”, a mesclagem racial, constitui-se em falácia causal do equilíbrio racial ou ausência de conflitos. Mesmo porque, para Munanga (1999), “o mestiço quer ser branco porque existe um ideal de branqueamento.” Os cruzamentos contemporâneos já não mais vigoram por causa do estupro, nem da relação de força entre senhor escravo como no Brasil Colônia e Império. Se bem que essas não foram as únicas causas de cruzamentos sexuais e culturais no Brasil-Colônia entre senhor e escravizada(o). Hoje e outrora, há fatores cruciais para o amálgama inter-“racial⁹¹”: solidão de parte da população branca e negra, fascínio pelo “diferente”, necessidade de contato sexual, apetite por constituir família, interesse econômico e/ou simbólico (posição social, *status*, comodidade, estética, amor, envaidecimento, solidariedade, poder, praticidade, economia, piedade, consciência de culpa). Surpreendentemente, é possível concluir que se os pobres e menos instruídos se cruzam mais, possivelmente sejam menos racistas e mais humanistas. Conclui-se, de outro modo, que nem a riqueza nem a alta escolaridade têm sido capazes de eliminar o racismo, pois na medida em que negros se instruem e disputam com brancos e mulatos instruídos, aumentam os conflitos e barreiras raciais. As relações raciais em Salvador são mistos de doçura e crueldade, conforme

⁹¹ A palavra está aspeada porque o termo raça não tem fundamentação científica, é um construto discursivo.

já anunciava Gilberto Freire em *Casa Grande e Senzala*. Salvador ganhou um certo afrouxamento – na linguagem uma certa mistura afetiva, cultural, carnal e isso nos torna quase homogêneos, sem ódio, mesmo havendo toda sorte de humilhações, danos morais, psicológicos e abusos provocados por aversão racial. A pseudo democracia racial foi desmitificada pela ação dos movimentos negros da década de 70, desmitificada, mas ainda não desativada.

5.3. Micro-territórios identitários e a fragilidade das padronizações étnicas

O indivíduo, em qualquer movimento social traz seu capital discursivo, psíquico, cultural e material para os inevitáveis embates internos ou externos às relações políticas - seja professor, advogado, vendedor, policial, artista, funcionário público, acadêmico. Além disso, a condição de status dos indivíduos nos grupos organizados também erige metas particulares, financeiras, e expansão de espaços de influência e poder, fundamentados em projetos diferentes da identidade de raça, religião, gênero. Necessidades imediatas como salário, habitação, alimentação, consumo produzem o papel funcional; produzem, enfim, identidade trabalhista, corporativa. O status profissional - de empregado em meio a subempregados, de policial em meio a civis, de técnico bem remunerado em meio aos baixo-assalariados – assegura, por exemplo, a condição de privilégio e distanciamento das necessidades e aspirações da coletividade, configurando outra modalidade de consciência identitária em meio a de noções clássicas de identidades. GEERTZ (2001, p. 221) considera ser

difícil encontrar um compartilhamento de visões, formas de vida, estilos, comportamentais, expressões materiais, ou seja, lá o que for que , por sua vez, não torne a se dividir em outros menores, embutidos nele como “caixas” dentro de “caixas”, ou incluídos por inteiro em outras maiores, incorporadores, como prateleiras empilhadas sobre outras prateleiras

Sendo assim, a solidariedade não se dá fundamentalmente no nível macro (classe, raça, gênero), mas nas entranhas dos diversos grupos de *status* religiosos, acadêmico-universitários, socialistas, partidários, raciais, profissionais. Entretanto, nada impede que, em momentos distintos, haja inter-coalizão de forças com atores de grupos identitários diferenciados, ocorrerá tal fusão desde que os ganhos sejam promissores para os interesses dos atores em questão, mesmo heterogêneos. Não se deve reduzir obsessivamente às nuances das relações humanas à questão de classe, “raça”, religiosidade ou gênero. Por outro lado, é preciso pensar

economia em termos culturais. Tudo em um método de não fixidez dialética, sem restringir-se a um elemento determinístico/ causal/fundante.

O conceito de identidade aqui desenvolvido compartilha com Hall (2000), que a considera não essencialista, nem substancialista, mas estratégica e posicional. Não tem como referência aquele segmento do eu que permanece sempre e já, o “mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tampouco se refere, se pensarmos agora na questão da identidade cultural, àquele eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou artificialmente impostos – que um povo com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum. Ou seja, um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma unidade imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente superficiais. Esta concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas, que elas, não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas à historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. A identidade é marcada por símbolos, por exemplo, pelos próprios cigarros que são fumados.

Existem aspectos no interior dos grupos que se articulam e se mobilizam na conquista na organização e estratificação social. Vê-se que as subjetividades não se excluem nas relações sociais intra-comunitárias, ao contrário, somam-se, adaptam-se, “negociam” conforme as circunstâncias. De acordo com HALL (2003, p. 257)

tampouco é o terreno da ideologia constituído como um campo de cadeias discursivas mutuamente exclusivas e internamente auto-sustentáveis. Elas se contestam umas às outras geralmente a partir de um repertório comum e compartilhado de conceitos, rearticulando e desarticulando esses conceitos dentro de sistemas de diferença ou equivalência.

O que parece ser homogêneo e estanque dissolve-se gradativamente quando se inter-relaciona. O grau de mutação pode ser lento ou dinâmico, mas o movimento é uma lei. Os objetivos são galgados mediante coalizão de forças para consecução de fins. E tais junções se dão por meios “corporativistas” - associações não necessariamente dentro do mesmo campo empresarial, religioso, étnico, mas também fora, desde que os ganhos sejam acumulados diariamente, ou em curto/longo prazo. Eis uma das razões para o esvaziamento das passeatas pró-cotas em Salvador, das campanhas contra racismo na TV, dos fracassos nas negociações

sindicato/patrão. Em verdade, cada um está cuidando de sua categoria profissional, bem como dos interesses de seu grupo social. Segundo BRONNER (1997, p. 48), *o cosmopolitismo e o progresso tecnológico, o individualismo e as noções de identidade profissionalmente diferenciadas tornam-se inimigos de uma comunidade orgânica*. Cargo, remuneração, espaço, presentes, troca de favores são adquiridos via trabalho, companheirismo, esforço pessoal, indicações, protecionismo, nepotismo, alianças para adquirir rendimentos e bens. Advém daí a centralidade da consciência funcional-corporativista a qual se manifesta através do grupo interno partidário, de setores empresariais privados ou estatais, na reciprocidade comercial. As demais identidades não se extinguem, porém, perdem maior importância na busca de metas.

A relação de trabalho não implica adesão maciça a sindicatos socialistas, pois o emprego de inúmeros indivíduos se deve a indicações do tio, do oficial, do vereador, do pastor, do irmão, do amigo que, por sua vez, estão ligados a alguém na escala social superior, formando redes de subalternidade. Isso também explica o esvaziamento das mobilizações trabalhistas, do movimento negro, do movimento de mulheres. Normalmente, as identidades atuam estabelecendo hierarquia temporal, por isso há momento em que uma delas se destaca. É a que garante o sustento ou importância social, decidindo as ações sócio-políticas do indivíduo. Tal configuração põe outras identidades em posição secundária em dado momento. De acordo com HALLL (2003, p. 20)

Nenhuma identidade singular – por exemplo, de classe social – podia alinhar todas as identidades com uma “identidade mestra”, única abrangente na qual se pudesse de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas.

A essa assertiva de Hall, deve ser acrescida outra: as categorias raça negra, classe trabalhadora, nação, não agregam o espírito absoluto dos interesses, pois, a cada instante, jogos e anseios políticos se alteram requerendo inusitadas forças e alianças. Onde um policial – membro do Hip Hop - acredita verdadeiramente seu pertencimento? Ao discurso crítico do Hip Hop negro ou ao discurso da polícia: “manutenção da ordem a qualquer custo?” E quanto à postura de bilocalidade do ativista Hip Hop/ partido, não será o movimento Hip Hop um apêndice partidário? O Hip Hop teria força para fazer o mesmo? Qual o limite de

pertencimento de um membro do movimento negro e do partido socialista? Sem dúvida, é possível pertencer a ambos, mas em momentos de “jogar⁹²” politicamente, em qual força engajar-se-iam? A discussão de centralidade orgânico-institucional é antiga dentro de entidades como MNU e Atitude Quilombola, por exemplo. Ou seja, o que deve pesar mais para uma (um) integrante do partido e da entidade negra? Ela deve priorizar as decisões do partido ou da entidade? O que deve prevalecer, perspectiva de classe ou raça?

Para finalizar este sub-capítulo, faz-se necessário reproduzir parte do texto do poeta-ativista Hamilton Borges, no correio on-line⁹³ do CMA – Comunicação Militância e Atitude Hip Hop. O texto faz denúncia à indiferença do Estado ante o aumento dos assassinatos de jovens negros nos bairros materialmente empobrecidos da cidade de Salvador.

Big Bang - Trilha sonora de um coveiro amador

"Muleque bão arrimo de família assassinado igual um cão" Racionais Mcs
(...)

Do lado de fora da corte, na vida real dos pretos e pretas, os grupos de extermínio, de oficiais e pára-oficiais continuam operando. Ceifando vidas, impondo o terror, o medo e a morte às comunidades negras em Salvador e Região Metropolitana.

Muitas mortes em três chacinas nos bairros de Mussurunga, Uruguai e Pau da Lima. Isso não gera reportagem especial, não vira debate nacional, não movimenta esforços de especialistas que tagarelam demasiado nos programas de TV durante a "Operação Big Bang". Aliás, o som sinistro ouvido por um moleque de 25 anos em Pau da Lima (?)

Ontem, enterramos mais um, coberto de flores, num caixão de madeira. Foi sepultado por seus pais no Cemitério Quintas dos Lázarus. Da Vila é um radialista comunitário, respeitado pelo pessoal do Samba e militante de causas populares. Levou o corpo de seu filho à tumba em silêncio, sem chorar, fumando pacas. Como eu.

(...)

Mais uma vez a imprensa, (des) informada pelas agências de segurança do sistema penal anota em seus editoriais tragédias atribuídas à guerra do tráfico. Os traficantes mesmo não se pega. Tão tomando Wisk numa cobertura, acariciando os cachos louros do filho.

Não analisam as características das execuções e vão etiquetando as comunidades.

Vamo lá: Homens mascarados, portando armas de grosso calibre e coletes a prova de bala. Os caras vão de fuzil detonam tudo na quebrada. Se fosse

⁹² Expressão utilizada por HALL para definir identidade como movimento, imbricações, jogos .

⁹³ De cmahiphop@hotmail.com, para cmahiphop@grupos.com.br. Assunto Big Bang - Trilha sonora de um coveiro amador. Data Fri, 13 Jun 2008 18:09:11 -0300. Acesso em 13 de junho de 2008, às 23h e 30 min. 11

ladrão, gastava bala no carro forte. A cena é essa. A inteligência policial na Bahia é seletiva, só apura e prende gente preta deserdada. E ali mesmo executa. Impunidade é isso, mas estamos preocupados com geladeira em cela.

Os grupos de extermínio que atuam desde o regime militar continuam operando, passaram protegidos pela política criminoso do carlismo e vão agora quase que despercebidos atuando nas comunidades segregadas, sem que o governo democrático e popular faça algo para impedir a carnificina.

A Operação Big bang foi recebida como uma resposta do Governo à sociedade, mas que sociedade? A classe média? Os grupos conservadores e patrimonialistas, os acadêmicos contemplativos, os políticos em campanha que preferem o silêncio sobre nosso tumulto coletivo?

Diante de nossos apelos nenhuma resposta foi dada sobre a morte de Blul, Edvandro, Aurina, Diego, Ricardo, Djair e os mais de 1.500 mortos na guerra racial baiana em 2008. O clima é de insegurança e promete piorar as instituições públicas. Escolheram preservar o patrimônio e a propriedade em detrimento da vida.

A nós, só resta o esforço militante de tomar as ruas: pela vida, articulando as famílias das vítimas, as comunidades ameaçadas e as organizações que se importam. Queremos é ser ouvidos no "bagulho". Não adianta seminários e encontros sem perspectivas e autoridade de fazer mudanças... Não adianta discursos evasivos que não mudam nada.

Pela vida, contra o racismo, pela verdadeira mudança!!!

Hamilton Borges Walê
Poeta, militante Negro
Coveiro amador

Os parágrafos do poeta negro-ativista são amostras das tensões étnicas, raciais, religiosas, econômicas, sociais na cidade de Salvador. Diferente do poeta-negro-ativista, o movimento Hip Hop não tem denunciado com veemência tal realidade. O debate político não extravasa o plano das idéias, das letras de música, das atividades de educação, lazer, informação. Isso demonstra a incipiente conduta política dos grupos de Hip Hop da cidade de Salvador e, por que não dizer, da Bahia.

5.4. A experiência cristã na música rap

O Hip Hop de Salvador está longe de constituir-se em uma unidade política, embora possua estética e temática afins. OTTMANN (2007) ratifica que *“a identidade do movimento hip-hop é o resultado de um processo de negociação que envolve artistas, ativistas e também*

comunidades de fãs”⁹⁴. Os discursos identitariamente mesclados são uma característica do movimento estético-político soteropolitano, mas São Paulo não é diferente. O jornalista Fernando Conceição escreveu sobre isso em 1999, no jornal baiano, *A Tarde*:

Fortemente influenciados pelo discurso cristão, uma vez que os setores menos conservadores das igrejas (católicas e outras) têm larga atuação junto às periferias paulistana – foco principal do Hip Hop brasileiro-, grupos como Racionais MC pretendem atacar a ideologia que permitiu a implantação do escravismo e da discriminação racial no país, mas livrando a cara de uma das principais instituições responsáveis por isto – o cristianismo, of course (naturalmente). *O pessoal dos Racionais sempre diz “obrigado, senhor.* (CONCEIÇÃO: 2005, p.61).

Diversos jovens componentes do público Hip Hop enamoram bandas evangélicas, assim, simultaneamente outras correntes discursivas perpassam sua subjetividades de maneira que os discursos cristãos, afro, classista, negro-feminista adentram-lhes ouvido, pele e pupilas refletindo-se, uns mais outros menos, na ação social desses jovens, causando inclusive conflitos de opiniões e diferentes reações de enfrentamento às hostilidades do meio. Para esse público, é incomparável a importância de Jesus Cristo frente a ídolos e grupos de rap, mesmo MVBILL, Racionais MCs e Facção Central – ícones venerados no Movimento Hip Hop nacional. Conquanto seja inovador estético e politicamente, o rap brasileiro não rejeita a tradição religiosa como esteio de seus ideais. Conforme BURDICK (2001, p. 201).

A partir dos meados da década de 1980, muitas igrejas pentecostais abriram suas portas a várias músicas não tradicionais, inclusive muitas consideradas tipicamente “negras”, como reggae, *rap*, e *Hip Hop*. Do ponto de vista de liderança da igreja o objetivo costuma ser desavergonhadamente instrumental: conquistar mais almas para Cristo.

Cada vez mais Jesus Cristo adentra as consciências dos rappers brasileiros. Tal misticismo é a tônica do último álbum dos Racionais (2002), *Nada Como Um Dia Após O Outro Dia*. Uma de suas frases introdutórias é “Voltei pelos brancos, voltei pelos pretos, e felizmente, conseqüentemente, meu Deus é quente!” Como, temática, trocaram balas por bíblia. Eram balas de fuzil que expunham no álbum *Sobrevivendo no Inferno*. Mano Brown afirma que tem uma “bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta. E estou tentando sobreviver no inferno”.⁹⁵ A atitude dos cantores ativistas “tem disposição pro mal e pro bem”

⁹⁴ Disponível em: <http://www.imaginario.com.br/artigo>> acesso em: 23 mai. 2007.

⁹⁵ Álbum *Sobrevivendo no Inferno*, Faixa 2, 20 segundos.

(Racionais MCs); rejeita o ascetismo unilateral do bem; dispõe de todas as armas para defender-se e atacar; orar e armar-se são ferramentas para sobreviver no inferno Brasil. Não se sabe onde acabará a educação judaico-cristã proposta pelos cantores de rap. O certo é que dificilmente será a mesma da tradição cristã no Brasil, repleta de mansidão e amor universal.

Segmentos do movimento negro atribuem aos cristãos a pecha de “dóceis”, “subservientes”, “pacíficos demais”, quando se lhes espera uma reação mais ativa frente ao racismo e à exploração do trabalho na cultura capitalista. As religiões brasileiras são consideradas por militantes do movimento negro como “raízes” (originalidade) da cultura afro-baiana, mas o cristianismo tem seu grau de africanidade, já que constitui-se na re-significação de diversas padronagens religiosas incluindo egípcia. Ademais, etnicidade, religião são de modo algum estanques que não se possam processar no espaço e temporalidade, ou seja, não existe nem célula da originalidade religiosa. Logo, tem sido possível ser negro(a) de muitas formas.

O discurso racial busca adeptos à mobilização política contra a discriminação racial, ao passo que o discurso cristão busca adeptos e almas para Cristo, e a música é utensílio de formação para ambos. Existem, portanto, metodologias diversas no interior do movimento Hip Hop soteropolitano para o enfrentamento das situações cujas causas cada grupo social concebe diferentemente. Gradativamente, o rap imerge numa aura espiritual. Em certos segmentos do Hip Hop, Jesus tem sido o grande ícone, atua como canal para realização de sonhos, lenitivo às frustrações e simboliza, sobretudo, esperança auferida em meio a trágicas relações referentes a desemprego, afetividade, estima, criminalidade, morte de parentes.

Jovens pentecostais tendem a “universalizar” a identidade religiosa negligenciando os problemas de raça, classe, gênero, e, para enfrentá-los, advogam mais a conversão das pessoas, a bênção em nome do Senhor, remissão dos pecados - independente de que as pessoas sejam negras, brancas ou de outras tonalidades. Sob esta perspectiva, o racismo, antes de ser um problema social, é espiritual, pois quem tem Cristo e o aceita, “não faz acepção de pessoas”, por isso é preciso atacar o pecado, “o coração” das pessoas, em vez da estrutura racista. O grupo de *rap* Missão Sagrada, por exemplo, afirma que “Jesus voltará e acabará toda essa covardia” (faixa 2). *A identidade cultural é frequentemente definida por contraste* Burke (2006, p 81). De maneira que é preciso negar o Outro para afirmar-se, é preciso atuar diferente do pecador e do mundo, da carne.

Além do Missão Sagrada, existem outros grupos de rap gospel no Brasil como o Ao Cubo, Apocalipse 16, Provérbio X, Altruístas, Arsenal Bélico, Mensageiro dos Céus, Quebra de Algemas, Relato bíblico, Alternativa C, Boaz, O Pregador (antigo Eclesiaste), Lito Atalaia, Apocalipse Urbano, Atalaia Tina, X-Barão, Jamal, Comunicação Racial, Sacerdotes Mcs, 1 Toque de Paz, Pregadores, do Gueto, Dj Alpiste, Rap Sensation, Professor Pablo, Marron, Gênesis.⁹⁶ Sem contar que, mano Brown, do grupo Racionais MCs e Helião (ex-SNJ) aceitaram Jesus Cristo como seu senhor e salvador. Essa é uma tendência nacional. No blog do Banca de rap Cristão, de Florianópolis, lê-se o seguinte aviso: *Não si assuste com oque vc esta vendo, evangélicos rimando e invadindo o movimento.*⁹⁷ O MC Mártir, quando perguntado, sobre a conciliação entre crença e ideologia com o rap afirma que “é fácil, até o Rep no Brasil não é difícil conciliar, porque a base das idéias do rep nacional é a paz, a união, e isso é uma atitude Cristã também”.⁹⁸ Dj Alpiste, em uma de suas letras de música denominada *Gospel rap*, bastante conhecido no cenário rap Salvador, canta pelo grupo Apocalipse 16: *Vou te falar o que mudou nessa cidade/ Depois que o gospel rap ganhou autoridade/ Muita gente conheceu a palavra de deus / E quem aceitou deixou de ser ateu.* Não se sabe que tipo de cristianismo surgirá com a incursão do rap no cristianismo ou vice versa. Por enquanto, pode-se apenas constatar as expressões identitárias no heterogêneo movimento Hip Hop. É fácil perceber a centralidade étnica de cada grupo, basta ouvir as letras de música. A palavra mais comum em um CD de rap evangélico é “Jesus”; ao passo que um grupo do movimento negro trata de símbolos de negritude: Zumbi, África, Malcom X, racismo, auto-estima, reparação. Outros grupos sem vínculo ideológico organizado maldizem a pobreza, a violência e as injustiças de um modo geral, anseiam o êxito nos palcos, se bem que esta intenção é comum aos demais grupos. Todos querem a luzinha da câmera, pois

A luzinha representa a atenção em si mesma. Esta atenção valoriza quem se sente ninguém, quem se sente invisível. Ela ilumina a alma, alimenta um saudável narcisismo, que nada tem a ver com os fetiches das celebridades de um mercado inatingível. Fica faltando o afeto? É verdade. Mas a atenção é uma forma tosca de afeto. Um primeiro passo. (ATHAYDE: 2005: 286).

Na perspectiva do Outro, o problema racial não é essencial, não tão urgente de ser resolvido. A mesma assertiva se aplica a gênero e classe. As conseqüências de cada consciência são as

⁹⁶ Dj Jarrão - que é cristão e integrante do grupo de rap Eleitos do Gueto e Altruístas - colaborou gentilmente na coleta de informações..

⁹⁷ <http://www.bancaderapcristao.blogspot.com/>, acesso em 21 de setembro, às 22 h e 26min.

⁹⁸ Rodrigo “Rimador”, nascido em Belo Horizonte, MG.

http://rimaddor.blogspot.com/2007_01_01_archive.html, acesso em 21 09 2007, às 23 39

ações prático-desestruturadas. Grande parcela do movimento negro está desempregada ou têm baixíssimos salários, por isso servem de esteio ou apêndice dos partidos, atua como pequenos funcionários de projetos ONGs, financiados inclusive pelo Estado; as mulheres, como os negros, não se constituem ainda em expressiva força político-identitária. O discurso classista, operário já tem infra-estrutura e suporte nos sindicatos, universidades, partidos, associações de bairro conseguem incorporar, “atrair” *rappers* como força de trabalho. Evangélicos, gente do movimento negro, feministas - por ora, tais identidades caminham sentimentalmente juntas. Há contradição alguma nisso, mas adição. Em outras palavras, existe uma relação de relativa parceria de esquerda, pois movimento negro e sindical tem perspectivas socialistas, de diferentes modos. A esquerda sindical-partidária impõe-se como grupo hegemônico – mesmo possuindo suas variantes ideológicas - já que, desde as eleições de Luis Inácio Lula, a máquina estatal está sob direção parcial dos partidos de esquerda.

O Hip Hop não está isento de embates ideológicos internos. Nele habita representantes do movimento negro soteropolitano; MNU, Atitude Quilombola, Steve Biko, Nenun, blocos afros, grupos de capoeira, candomblecistas, membros de igrejas cristãs – evangélicas e católicas); anarquistas, militantes socialistas, jovens sem agremiação, membros de associações de moradores e grupos culturais diversos: teatro, malabaristas. Grande parte almeja ser expoente profissional da música, fazer sucesso, paralelo a isso, quem sabe, “mudar o que está errado”..

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

I

Antimulher
 Antibranco e antihomem
 Antidindeiro
 Antipolícia
 Antisatanás
 Antinegro
 Antigay e antidroga
 Antimúsica e antieu
 Antimarido e antiesposa
 (Marylin Manson)

A vida ainda continua sendo luta de todos contra todos. É na organização coletiva, em vez de individual, que as forças políticas se erigem. É mediante iniciativas de educação fora e dentro da escola pública ou privada que se erguem projetos de micro-transformações. A educação não-formal, expressa nos textos e nas aulas de produção musical para crianças e adolescentes, são mais movimento processual que algo estanque. Ou seja, não se sabe para onde seguirá; responde aos conflitos de uma conjuntura; os desdobramentos da educação não-formal poderão ser anarquistas, conservadoras, liberais, indefinidos, socialistas. A educação também pode ser aquilo que não se espera dela: inconseqüente, suicida, libertária, visionária, pois responderá ao momento em que forças hegemônicas tentam coagir as ações humanas. De qualquer modo, a mudança está sendo construída mediante transformação de mentalidades e atitude. Não se sabe, porém, até onde vai.

O movimento *Hip Hop* tem reconstruído o território local degradado não só pela globalização econômica como também pela história de racismo e exploração histórica do espaço humano. Os agentes sociais nos respectivos territórios não se lançam contra as forças econômicas apenas, mas também contra fatores étnicos e suas repercussões ético-estéticas, epistemológicas, religiosas, científicas. Sucede, portanto, a efetivação de um novo modelo de globalização qualitativa, “de baixo para cima”, consoante vislumbrava Milton Santos, o qual postulava a reformatação do território, cultivando valores como solidariedade e respeito às diferenças: étnico-“raciais”.

Antes de iniciar esta pesquisa, havia a conjectura de que o Hip Hop desempenhava o papel de formação crítica através da música rap. Ao ter analisado textos, entrevistas, músicas, aulas e eventos foi possível chegar às seguintes conclusões:

- Há músicas do grupo Sistema Nervoso Abalado com afirmação e valorização da negritude, sem comparar-se a outras etnias, nem menosprezá-las.
- Há bastantes conselhos para permanecer distante das drogas e da violência no bairro.
- O grupo não tem intenção de confrontar escola pública à sua prática pedagógica. Ao contrário, a escola é extensão, complemento de suas atividades e vive versa. Não há crítica para mudança radical do ensino oficial.
- Fomenta-se o aprender lúdico, descontraído, sem tensões pedagógicas.
- Ensina-se para memorizar e brincar com rimas.
- Palavras, extraídas das músicas, como “escola”, “educação”, “cadeira”, confortam as crianças ao mundo de valor, de cidadania e socialização. A palavra “coração” denota solidariedade, generosidade, respeito, envolvimento com o que se faz, dedicação, empenho, autenticidade. Honestidade e esforço para superar dificuldades: fala-se em “dinheiro”, mas em seguida “guerreiro” do bairro “Boiadeiro”, ou seja, trabalho, esforço e estudo para galgar êxito.
- Apreço pela escola, trabalho e honestidade são valores viscerais estimulados durante as aulas.
- O objetivo dessas iniciativas de educação no bairro do Boiadeiro, Subúrbio Ferroviário de Salvador, é inserir a criança e adolescente no círculo da arte musical, e, de algum modo, na escrita. E esse objetivo é cumprido ante um pequeno grupo de crianças e adolescentes beneficiadas pelas atividades. Tudo isso associado a reflexões sobre racismo, educação, criminalidade, segurança sem maiores ambições políticas.
- O Hip Hop é um movimento plural, difuso, constituído de inúmeros campos identitários; está sob tensão contínua. Os campos, à maneira de Bourdieu, geram perspectivas e projetos tanto diferenciados quanto antagônicos entre si.
- No início dos trabalhos, acreditava-se, erroneamente, haver confronto entre o discurso do grupo de rap Sistema Nervoso Abalado e escola pública. A existência das iniciativas de música rap pensa mais na criatividade e solidariedade que na crítica ao modelo de educação.

A partir dos depoimentos das crianças e moradores dos bairros Boiadeiro/São Bartolomeu, conclui-se que as atividades para a produção de texto, rimas e música foram benéficas para as crianças destes locais. Enfim, a prática pedagógica do grupo Sistema Nervoso Abalado promove a solidariedade e o senso de participação através de debates, intervenções, discussões e reflexões acerca de problemas da rua, do bairro e do país. Incentivam com isso a participação através do treinamento para ir à frente, ao palco, à exposição da oralidade, treinando desenhos, desenvoltura vocal e corporal através de gestos, movimento das mãos, braço e postura. Assim nasceu outro grupo musical: Meninos da Periferia cujo futuro é incerto em função das crises. A entrevista com Dido revelou isso. A edificação de nova realidade social se dá sem técnica científico-acadêmica, mas seguindo o padrão estético do Hip Hop, o qual solicita movimentos do corpo para gestuar segundo o ritmo, a entonação, a rima.

Entretanto, é preciso compreender que a existência de tais iniciativas de educação não-formal revela a condição socialmente periférica dos aprendizes e dos professores. Professores com formação escolar média e linguagem fora da padronagem gramatical. Estudantes que mal sabem escrever, a despeito de estarem no Ensino Fundamental II. Nessa deficiência que se encontra a ausência do Estado e do modelo de educação adotada.

O processo de educação mediante as letras de música posteriormente se plasmas em educação não-formal nas salas de aula, nas reuniões nos bairros. São instrumento de construção discursiva para confrontar a tradição seja de esquerda socialista, seja de direita neo-liberal. Não há nisso um contra-discurso, porém a ampliação interpretativa de fenômenos sociais sob diversos enfoques. A mudança de mentalidade assegura uma nova linguagem voraz, direta e pontiaguda; o vocabulário emerge das fotografias do cotidiano trágico-imediato sem abstrações.

A tradição de luta por educação dos movimentos populares, como se percebe, não é marcha exclusiva contra o capitalismo, mas contra um conjunto de forças que subjagam a existência: sexismo, racismo, forças etnocêntricas que geram a técnica contemporânea. A abordagem não é unilateral. Há forças reativas que não se contrapõem apenas à burguesia, ao capitalismo, nem às forças produtivas.

A suposta homogeneidade étnica sempre produzirá dentro de si, a dialética da diferença, ou seja, a heterogeneidade na homogeneidade. Os discursos conflitantes são inevitáveis na

movimentação política com perspectivas de ampliação dos espaços de poder e conquistas sociais. A consciência étnica é só uma película mutável entre diversas outras na existência humana. Logo, as identidades no movimento social não se definem por fronteiras rígidas, ao contrário, são tênues suas linhas limítrofes.

O poder - como energia solidária - visa emancipar-se de estruturas antidemocráticas. Poder que reúne crianças para instruí-las gera empoderamento mediante conhecimento, habilidade, ritmo, alegria, sonhos e realização parcial. O empoderamento se dá mediante a criação do ritmo, revelando potencialidades com possibilidade de exhibir-se em palcos, dentro do bairro e fora dele. Em todo o Brasil, existem experiências de educação provocadas por jovens que vivem sob o ritmo do Hip Hop. Tais exemplos servem para dirimir dúvidas sobre a função social da arte, especialmente da música. Mitos acerca da apologia à violência tem sido superados em função das atividades educativas.

O Hip Hop de Salvador abre-se para acolher marginalizados, servindo como auxiliador involuntário do Estado, ao contribuir para melhorar as condições de vida de parte da população. Exatamente por isso é que alguns grupos, pouquíssimos dentre eles, têm tido apoio estatal para seus projetos, os quais começam antes da intervenção de agentes financiadores – estatal e privado. Ações educativas ocorrem em diversos bairros de Salvador: Nordeste de Amaralina, Pernambués, Pirajá, Cabula, Mussurunga, Saramandaia, Alto de Coutos, Paripe, Cosme de Farias, São João do Cabrito, Cabrito de Baixo, Boiadeiro, Itapoã, Liberdade, São Caetano, Boca do Rio, Águas Claras, Valéria, Cajazeiras, Paripe, Uruguai. E o Hip Hop é definido exatamente pelas ações sociais que é capaz de desenvolver, utilizando-se dos elementos artísticos: música, dança, artes plásticas, poesia, basquete, capoeira.

É possível que música e ativismo político não combinem e, por isso, não tem sido propagados com apoio dos aparatos áudios-visuais informatizados. É possível que o projeto coletivo de solidariedade, postura crítica das letras e ações obstem tal inserção no mundo de *glamour* e sucesso econômico. Quando surgem expoentes, são ora ameaçados ora assassinados. Na Bahia, os músicos de Hip Hop não figuram nas paradas de sucesso, nem em revistas. Gravadoras e empresários não incluem os músicos de Hip Hop como produto a ser consumido. Indubitavelmente, não é por falta de criatividade ou engenho, pois há uma variedade de ritmo, arranjos que, se repetidos e repetidos, dariam grande sucesso de público como já ocorre dos Estados Unidos para o mundo.

Esse se constitui em mais um desafio para o Hip Hop baiano que visa construir sua estrutura profissional e econômica independente. Há necessidade de profissionalizar-se e ganhar dinheiro. Há discussões acirradas entre ganhar dinheiro sem negligenciar discurso e prática acerca das necessidades da população em desvantagem social.

Em Salvador existem grupos de Hip Hop fazendo movimentação cultural, política, educativa. Alguns lidam com basquete, outros com dança (break), produção musical e grafiteagem. Alguns inseridos no candomblé e em entidades partidárias, outros envolvidos com igrejas evangélicas e assim por diante. O Hip Hop de Salvador se constitui em ascendente movimento cultural, com difusa organização política, sem lideranças. Há projetos particulares para alguns grupos.

Sem propostas de restauração do espaço, o rap segue reclamando mais e realizando menos, permanecendo distante da participação política efetiva da cidade. Normalmente, o Hip Hop baiano não tem objeções a que o poder público apóie iniciativas de aprendizagem com poesia, ritmo e música. Apesar de haver críticas ao Governo do Estado da Bahia, cobra-se timidamente investimento em educação, cultura, valorização das capacidades individuais e de valores comunitários.

Os rappers baianos, baseados em frases de efeito de MVBIL e Mano Brown, afirmam que a revolução, a transformação ocorrerá fora do circuito televisivo. Indícios revelam, contudo, que o Hip Hop não planeja estar fora das oportunidades que o Estado brasileiro oferece em doses ínfimas e lentas. Os pequenos financiamentos a um ou outro grupo é exemplo da política cultural vigente. Pior que são poucos os recursos daí derivados. As ações vêm estrategicamente localizadas. Os poucos benefícios são setoriais em vez de globais. Tal situação evidencia a continuidade na falta de política pública para a juventude.

É comum pensar a arte com a hermenêutica da contradição e ruptura para alternar e reverter as configurações políticas adversas. Espera-se do Hip Hop uma postura contra-hegemônica. Porém, a arte segue um ritmo diferente do partido político. São percursos e posturas distintos. São resultados também diferenciados que mais mudam mentalidades e posturas do cotidiano que configurações macro-sociais.

Um processo educacional está sempre em aberto, não se sabe onde vai dar. Na trajetória da história humana, pode-se educar para exterminar povos; educa-se para a resignação, silêncio e aceitação dos males sociais. Pode-se educar para o ódio às diferenças de costumes, linguagem e cor da pele. Tratando-se do Hip Hop baiano e, especialmente o ensinado na favela do Boiadeiro e Cabrito, a educação destina-se à arte, à música, ao amor à escola e ao bairro. O respeito à comunidade, à família, e à escola são cultivados, à medida que a violência, tráfico de drogas, agressividade anti-social são desestimulados. Seus propósitos não extravasam tais fronteiras; não aspiram à vida de facínoras, nem fascistas ou revolucionários. Visam à vida regular, de trabalhador, de cidadão.

O Sistema Nervoso Abalado fornece às crianças a educação que a sociedade espera deles e dos demais grupos de Hip Hop. A forma de educar é, de algum modo, tradicional na medida em que lida com verdades, valores antigos. Há um novo modo de educar sob antigos paradigmas culturais: profissionalismo, respeito ao próximo como tática inconsciente de sobrevivência, a presença de Deus como guia, auxílio e lenitivo para as dores.

A educação formal tem sido tratada como recurso tecnológico e modelo de utilidade comercial. Porém, a configuração do ensino-aprendizagem no Brasil, não é um instrumento do desenvolvimento mercadológico somente. Outras forças a acompanham. São energias embutidas no capitalismo. Forças que inclusive antecedem a era do capitalismo. Energias criadoras de sentidos: rótulos, classificações, divisões étnicas, nacionais, classistas, raciais. São sentidos que fomentam dualidades como profissionalismo/felicidade, desenvolvimento/bem-estar, tecnológico/primitivo, moderno/preguiçoso. São semânticas estanques, imóveis que ignoram a liberdade do objeto ou a contingência existencial. Paralelas a esse modelo vigente, estão as ações do movimento social, especialmente do Hip Hop. Em parte na contramão, em parte dentro dessa tradição, o movimento cria alicerces indiretos para a profissionalização, mas também repete noções de verdades: negritude em oposição à branquitude, verdade histórica em oposição a ideários racistas da contemporaneidade. Ou seja, os movimentos sociais também incutem nos educandos suas verdades socialistas, anarquistas, racialistas. Assim se repete o ciclo vicioso e classificatório da educação como visão de mundo. Embora sejam práticas sociais distintas, que valorizam diferentemente o ser humano, igualam-se no resultado da formatação cultural. Talvez não seja possível escapar desse ciclo, pois não há como livrar-se do pensamento que, para existir, segue dividindo e matematizando a vida. Porém, é preciso buscar a pureza da investigação, sacrificando-se para

esgotá-la. Isso não impossibilita identificar, dentro desse processo, as relações de forças políticas que circundam o objeto de pesquisa.

A educação não-formal começa fora da sala de aula: nas letras de música, nos discursos, embates, palestras, assembléias, reuniões e eventos. Se a educação não-formal se caracteriza pela atividade coletiva, ela começa pela produção teórica de reflexões sobre a realidade social na qual imerge os agentes de mudança. Enfim, é também fora da universidade e do ensino oficial (formal) que surgem células de informação e produção de discursos. É a continuidade histórica do autodidatismo peculiar à tradição de luta por existência e saber. Nesse sentido, o empoderamento deve passar por novo episódio histórico: os que estão à margem dos bens materiais e simbólicos devem armar-se de conhecimento e solidariedade, pois é na mobilização coletiva que se dá a produção de forças para conter o avanço do autoritarismo, da concentração de poder, do racismo, da exploração de classes e grupos sociais. Só com o fortalecimento das instituições sociais, será possível a equivalência de poderes em meio à guerra racionalizada dos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *A origem da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANDRADE, Elaine Nunes. (org.). *Rap e Educação, Rap é educação*. Hip Hop: movimento negro juvenil. São Paulo: SP. Selo Negro. 1999. p. 83-91.

ATHAIDE, Celso...[et all] *Cabeça de porco*. Celso Athayde, MV BILL, Luis Eduardo Soares – Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999. p 207-327.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas Ditas*. Trad. Cassia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Editora Brasiliense. São Paulo, 1990 - p.148-167

_____, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 59-74.

BRONNER, S.E. *Da teoria crítica e seus teóricos* (Cap. 2) Antecipações filosóficas: comentário sobre o ensaio “reificação”, de George Lucaks. Campinas: Papirus, 1997.

Uma conversa com Mano Brown. Revista **Caros Amigos**. São Paulo, setembro 1998, p. 18. Edição especial

BURDICK, John. *Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível?*(p 185-212) In: REZENDE, Cláudia Barcellos e MAGGIE, Yvonne (Orgs.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp. 2005

CARVALHO, José Jorge. *The Multiplicity of Black Identities in Brazilian Popular Music. Black Brazil Culture Identity and social Mobility*. Randal Johnson (edit.). UCLA, 1999

CASTRO, Nadia Araújo. Trabalho e desigualdades raciais: hipóteses desafiantes e realidades por interpretar. In: CASTRO, Nadia Araújo. BARRETO, Vanda Sá (org.). *Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador*. São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998. p. 22-40.

CASTRO & GUIMARAES. Classe Proletária, trabalhadores prósperos. [Org.] Antônio Sérgio Guimarães. Michel Agier. Nadya Araújo Castro. In: *Imagem e Identidades do Trabalho* Editora Hucitec. São Paulo. 1995. p 19-37.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESNIK, Fábio de Sá e BELTRAME, Priscila Akemi. *Globalização da Cultura..* Barueri, SP: Manole: 2005.

CÓDIGO DE RUA. *Cada cabeça é um mundo*. [Salvador]: CDR Produções, 1 CD.

CONCEIÇÃO, Fernando da Costa. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. São Paulo: Terceira Imagem, 2005.

CONCEIÇÃO, Ana Paula Oliveira. **Movimento Hip Hop: educação em quatro elementos**. 2002. (Monografia de Graduação). Universidade Federal da Bahia: Faculdade de Educação, Salvador, 2007.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Edusc. 2002.

DUFRENNE, Mikel. *Estética e filosofia*. Trad. Roberto Figuerelli – São Paulo: Perspectiva. 2004.

DA SILVA, José Carlos Gomes. *Arte e Educação: a experiência do movimento Hip Hop*

paulistano. In: Elaine Nunes de Andrade (Org.) *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus: 1999.

DENNING, Michael. *A cultura na era dos três mundos* (Cap. 7) – A esquerda acadêmica e a ascensão dos estudos culturais; Cap. 8 – O que há de errado nos estudos culturais? São Paulo: Francis, 2005.

DJ KLJ. *Rotação 33: fita mixada*. DVD. 2008.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 2ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986, p. 23-34.

_____. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2005.

FREITAS, Joseane Miranda. O movimento negro contemporâneo em Salvador: algumas memórias. In: SIQUEIRA, Maria de Lourdes (Org.). *Imagens negras: ancestralidade, diversidade e educação*. Maza Edições, Belo Horizontes. 2006.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia* (Cap. 11). O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GHON, Maria da Glória Marcondes. *Movimentos sociais e educação* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 3ª edição: São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *O protagonismo da sociedade civil: Movimentos sociais, Ongs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005. - (Coleção questões de nossa época; v.123).

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Universidade Cândido Mendes/Centro de Estudos Afroasiáticos. Editora 34. 2000. p. 33-100

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. - Adelaine La Guardia Resende..[et all]. Humanitas. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8ª edição - Rio de Janeiro. DP&A editora, 2003.

_____. *Quem precisa da identidade?* In.: Silva, Tomaz Tadeu da(Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petropolis, RJ. Vozes, 2000

HAYMES, Stephen Nathan. Race, pedagogy in Paulo Freyre. In: *Conferência Internacional: a reparação e a descolonização do conhecimento*. Edição: Anais-Atitude Quilombola-UFBA. Salvador: 2007

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o Hip Hop invadem a cena*. Editora UFRJ, 2000.

HOOKS, Bell. Misogyny, gangsta rap, and The Piano. Race & Ethnicity. 1994. Disponível em: <http://race.eserver.org/misogyny.htm>. Acesso: 30 dez. 2007, 23h e 40 min.

ICE-T. *7th deadly sin: God forgive me*. Faixa 20, 04h06 min. Roadrunner records. 2005. 1 CD.

JURI RACIONAL. *Por todos meios necessários*. Produção: crime perfeito. 2003. 1 CD.

LEÃO, Márcia Aparecida da Silva. *O negro no mercado de trabalho pela cultura Hip Hop*.

In: Revista Afroásia. N 33, 2005

LIMA, Aldenora Cristina Costa. Saltando e quebrando... o rap pensa identidades no trânsito entre Bahia e o Maranhão. 2006, 165 f. (Dissertação de Mestrado). Orientador: prof. Edson Farias. Universidade Federal da Bahia, faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador.

MACA, Nelson. Algumas reflexões sobre Hip Hop e baianidades. Revista Palmares. Cultura Afro-Brasileira. Ano I – Número 2- dezembro 2005. ISSN 1808 -7280

MESSIAS, Ivan dos Santos. Hip Hop e a re-configuração do território. In: *Conferência Internacional: A reparação e a descolonização do conhecimento*. Edição: Anais-Atitude Quilombola-UFBA. Salvador: 2007.

MIRANDA, Nádia. Ações Afirmativas e descolonização do conhecimento. *Conferência Internacional: A reparação e a descolonização do conhecimento*. Edição: Anais-Atitude Quilombola-UFBA. Salvador: 2007.

MISSÃO SAGRADA [Salvador]. 1 CD

MOURA, Milton. A música no Centro Histórico de Salvador. In: GOTTSCHALL, Carlota & SANTANA, Mariely (org.): *Centro da Cultura de Salvador*. Salvador: SEI/EDUFBA, 2006, p. 112-133.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ, Vozes. 1999

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Humano demasiadamente humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Sabedoria para depois de Amanhã*. Trad. Karina Jannini. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Em defesa da política. Coordenador: Lourenço Dantas Motai
São Paulo: Editora Senac.

O grito do morro. Entrevista com MVBILL. Revista **Isto É**. Ed. Três, num. 1634 - 24. 2001.
p. 1

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas – SP: Pontes.
2000.

PESCUNA, Derna e DE CASTILHO, Antonio Paulo F. *Projeto de Pesquisa: o que é? Como
fazer? Uma guia para sua elaboração*. São Paulo: Olho d'água, 2005.

REIS, João José. Aprender a raça. In: UFBA 2001- 1ª etapa-Português, p. 1. Texto
anteriormente publicado em VEJA 25 ANOS – Reflexões para o futuro. São Paulo, Abril, s/d.
p. 189-95

Ressurrection. Paramount Collection. **TUPAC**. Amaru Entertainment. 2003. 1 DVD.

RICHARDSON, Jeanita W. Rap music and its violent progeny: America's culture of violence
in context". **Journal of Negro Education, The. Summer**; 2002. FindArticles.com. 11 Dec.
2007. <http://findarticles.com/p/articles/>. 12 -2007, 21 h 10 min.

RISERIO, Antônio. *Carnaval ijexá: Notas sobre afoxés e blocos no carnaval afrobaiano*.
Salvador: Corrupio, 1981.

ROCHA, Luiz Carlos. Salvador, espaço de reprodução da "globalização perversa": Plataforma
no centro do debate da cidade (in) visível. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 51-64,
jan./jul. 2005.

SANSONE, Lívio. Funk baiano: uma versão local de um fenômeno global. In: SANSONE,
Lívio e TELES, Jocélio dos Santos. (Org.). *Ritmos em Transe: Sócio-antropologia da música
baiana*. São Paulo: Dynamis editorial: Programa A cor da Bahia: Salvador Bahia, 1997,

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, J.C.G. Arte e educação: experiência do movimento Hip Hop paulistano. In: Andrade, E. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. In: Souza, J Oélze B (ed). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. TEIXEIRA, Carmem de Miranda Yeks. CHISTE, Lissandra Silva. GONÇALVES, Renata Matheus. A valorização da diferenciação sociocultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: discussão de uma experiência concreta – O projeto sol de Paulínia (SP). In: *Educação Não-Formal: cenários da criação*. SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. PARK, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Sieiro. (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001. p. 59-78.

SISTEMA NERVOSO ABALADO. Jardim da periferia. 2005.1 CD

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUSA JUNIOR, Walter Altino de Souza. *O Ilê Aiyê e a relação com o Estado: interfaces e ambigüidades entre poder e cultura na Bahia*. Universidade Federal da Bahia. 2006

TAGG, Philip. “Black music”, “Afro-american music” and “ European music”. *Open Letter*. 1989. p. 284-295.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Teoria Crítica. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena História da Música Popular: da modinha à canção de protesto*. 2ª edição. Vozes: Petrópolis, 1975.

TONI C. 100% Hip Hop elevado ao fracasso. In: TONI C (Org.). Hip Hop a lápis - o livro. São Paulo: CEMJ, 2006.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golgo do Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVI a XIX*. Trad. Tasso Gadzanis. 3ª edição. Corrupio.

I. GLOSSÁRIO

Comediou – insultou, agrediu, destratou.

Correria – trabalho, esforço para obter algum êxito diariamente.

É nós - .estamos juntos, parceiros

Furico - ânus

Embecado - arrumado, elegante

Gambé - policial

Né – não é?

Na fita – algo adquirido; ou, às vezes, quase adquirido, expressão que indica otimismo.

Paga pau – verbo vacilar, humilhar-se; adjetivo :otário, vacilante.

Pera – espera, aguarde.

Pra – para

Playboys fuleiros – jovem rico metido, arrogante , “mauricinho”.

Se ligue na fita- ouça a história, preste atenção .

Tá - está

Tá ligado – você sabe, está atento.

Uma pá de manos – muitos irmãos, muitas pessoas.

Vamo - vamos

II. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Integrantes do movimento Hip Hop

Jorge

- Em que ano você começou pelo movimento Break?
- Você se lembra em que ano foram feitas essas músicas no Black Bahia?
- Você só apresentava no Black Bahia ou em outras casas?
- Na época já existia o rap?
- Como vocês ficaram conhecendo o Break naquela época?
- Já existia Grafite na época?
- Qual o nome do grupo hoje de vocês?
- Você vê alguma divisão do movimento de rap em Salvador?
- Mas existem grupos de rap evangélicos que se dá bem com outros grupos de rap ?

Negro Davi

- Como se encontra o movimento em Salvador
- Você desenvolve trabalho social no bairro em que mora?
- Existem jovens brancos que participam do movimento Hip Hop. Existe algum mal nisso?

Teófila

- Quais são as dificuldades que o movimento feminino de Hip Hop encontra em Salvador?
- Você acredita que haja preconceitos, impedimentos, obstáculos dentro mesmo do movimento por integrantes ou masculinos ou femininas de outros grupos de Hip Hop?
- Você acha que existe alguma influência partidária no movimento Hip Hop?
a pessoa que já tem seu partido entra no movimento ou são pessoas do próprio grupo que tentam se candidatar?
- Você gostaria de falar mais alguma coisa?

2. Entrevista com as crianças aprendizes de música rap

- Qual é teu nome?

- O que você aprendeu com o trabalho desenvolvido pelas oficinas?
- Você gosta das oficinas?
- E porque você gosta?

3. Roteiro para o professores de música rap, do grupo Sistema Nervoso Abalado

- Quando vocês começaram a fazer rap? Como juntaram o grupo?
- Gostaria de saber o que os garotos aprendem com esses trabalhos desenvolvidos aqui nas oficinas?
- Como se dá essa frequência?
- De que eles mais gostam na sua oficina (mini-curso)?

4. Entrevista com os moradores dos bairros

Cláudio

- Como você ficou sabendo do SNA?
- Você sabe se eles desenvolvem algum trabalho na comunidade?
- Você acha que é necessário algum tipo de trabalho no bairro?
- Você já perdeu amigos, colegas?
- Você conhece outro grupo de hip-hop, além do SNA, aqui no Brasil? E o que você acha da letra, do trabalho desenvolvido por eles?
- Você conhece alguma letra do grupo SNA ou tem algum CD?

Gilmar

- Existe algum grupo de hip-hop na comunidade?
- Eles desenvolvem algum tipo de trabalho na comunidade além de cantar, ou seja, quais são as atividades deles?
- Você já participou de algum show deles?
- E o show foi pago ou grátis, você pagou dinheiro?
- Você acha que as pessoas conhecem o trabalho deles aqui?
- Você acha necessário que haja hip-hop na comunidade? E porque você acha necessário?

<<http://www.imaginario.com.br/artigo/>> acesso em 23 mai. 2007.

<<http://www.rps.psu.edu/0205/keepers/>> acesso em 19 mai. 2007.

www.globaldarkness.com/articles/schooly/> acesso em 16 de mar. 2007.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. > acesso em agos. 2007.

.